

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**  
**FACULDADE DE PSICOLOGIA**



**O NAMORO NO JOVEM ADULTO: COMPROMISSO**  
**E ATITUDES FACE À COABITAÇÃO**

**Nadine Jesus Pascoal**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**  
**Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica**

**2010**

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**  
**FACULDADE DE PSICOLOGIA**



**O NAMORO NO JOVEM ADULTO: COMPROMISSO**  
**E ATITUDES FACE À COABITAÇÃO**

**Nadine Jesus Pascoal**

**Dissertação orientada pela Professora Doutora Maria Teresa Ribeiro**

**e co-orientada pela Dra. Ana Lúdia Pego**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica**

**2010**

## **Agradecimentos**

**À Professora Maria Teresa Ribeiro,**

Pelo seu saber. Pela confiança e sensibilidade.

**À Dra. Ana Lúdia Pego,**

Pelo rigor das suas preciosas ajudas e pela disponibilidade.

**Às minhas colegas,**

Pelas partilhas nesta etapa tão difícil.

**Ao meu irmão e cunhada,**

Pelas gargalhadas e humor que colocaram em cada momento de aflição.

**Ao Carlitos,**

Pelo amor, dedicação, compreensão e pelo apoio incondicional.

**Aos meus pais,**

Por tudo! Sem a sua ajuda nada teria sido possível.

## **Resumo**

O jovem adulto encontra-se numa fase específica em que a construção do “nós” se torna mais saliente, sendo uma fase privilegiada de decisões relacionais, com implicações no futuro. Com este mapa actual como referência, propusemo-nos estudar as diferenças entre sexos relativamente ao compromisso amoroso e às atitudes face à coabitação.

O estudo exploratório, combinando metodologias qualitativa (*Focus Groups*) e quantitativa (recorrendo a instrumentos como a *Relationship Scale* (Stanley, 1986; versão portuguesa, Pego, Ribeiro & Lourenço, 2009) e *Attitudes Toward Cohabitation* (Cunningham & Thornton, 2007; versão portuguesa, Pego, Ribeiro & Lourenço, 2009), acompanhadas de um questionário sociodemográfico), foi realizado com uma amostra de 305 jovens adultos, entre os 18 e os 28 anos.

Os resultados indicam: a) que não existe relação entre o compromisso amoroso e as atitudes face à coabitação, uma vez que a coabitação parece ser um fenómeno cada vez mais normalizado, pois os jovens hoje em dia parecem ter uma visão idealizada da coabitação; b) os homens são mais comprometidos que as mulheres, o que não quer dizer que as mulheres não o sejam e c) não existe um aumento do compromisso com a coabitação.

**Palavras-chave:** Namoro, Jovem adulto, Compromisso, Coabitação, Atitudes face à Coabitação

## **Abstract**

The young adult is in a specific phase in which the construction of the "we" becomes prominent, being a privileged phase of relational decisions, with implications in the future. With this current map as a reference, we study the differences between sexes in relation to the loving commitment and on attitudes toward cohabitation.

The exploratory study, combining qualitative methodologies (Focus Groups) and quantitative (using tools such as the Relationship Scale (Stanley, 1986; portuguese version, Pego, Ribeiro & Lourenço, 2009) and Attitudes Toward Cohabitation (Cunningham & Thornton, 2007; portuguese version, Pego, Ribeiro & Lourenço, 2009), accompanied by a demographic questionnaire) was held with a sample of 305 young adults between 18 and 28 years.

The results indicate: a) that there is no relationship between loving commitment and attitudes towards cohabitation, since cohabitation seems to be a phenomenon increasingly standardised, because young people today seem to have an idealized vision of cohabitation; b) men are more committed than women, which does not mean that women are not, and c) there isn't an increased commitment with cohabitation.

**Key Words:** Dating, Young Adult, Commitment, Cohabitation, attitudes towards Cohabitation

## Índice

Introdução .....	1
1. Enquadramento teórico .....	2
2. Metodologia .....	13
2.1. O desenho da investigação .....	13
2.2. A questão inicial .....	13
2.3. Objectivos e Mapa Conceptual .....	13
2.4. Questões de investigação/hipóteses .....	14
2.5. Estudo qualitativo .....	15
2.5.1. Estratégia metodológica .....	16
2.5.1.1. <i>O processo de selecção da amostra</i> .....	16
2.5.1.2. <i>Caracterização da amostra</i> .....	16
2.5.1.3. <i>Instrumentos utilizados</i> .....	17
2.5.1.4. <i>Procedimento na recolha de dados</i> .....	17
2.5.1.5. <i>Processo de análise dos resultados</i> .....	17
2.6. Estudo quantitativo .....	18
2.6.1. Estratégia metodológica .....	18
2.6.1.1. <i>O processo de selecção da amostra</i> .....	18
2.6.1.2. <i>Caracterização da amostra</i> .....	18
2.6.1.3. <i>Instrumentos utilizados</i> .....	19
2.6.1.4. <i>Procedimento na recolha de dados</i> .....	21
2.6.1.5. <i>Processo de análise dos resultados</i> .....	21
3. Resultados .....	23
3.1. Apresentação dos resultados qualitativos .....	23
3.1.1. <i>Descrição dos resultados da análise de conteúdo dos Focus Groups</i> .....	23
3.2. Apresentação dos resultados quantitativos .....	24
3.2.1. <i>Análise da normalidade das variáveis em estudo</i> .....	24
3.2.2. <i>Análise da relação entre o Compromisso e as Atitudes face à Coabitação</i> .....	24
3.2.3. <i>Análise das diferenças da variável sexo relativamente ao Compromisso ...</i> .....	25
3.2.4. <i>Análise das diferenças da variável sexo relativamente às Atitudes face à Coabitação</i> .....	25

3.2.5. <i>Análise das diferenças da variável coabitação relativamente ao Compromisso</i> .....	25
3.2.6. <i>Análise das diferenças da variável coabitação relativamente às Atitudes face à Coabitação</i> .....	26
3.2.7. <i>Análise das diferenças da variável sexo relativamente ao Compromisso, nos participantes que coabitam</i> .....	26
3.2.8. <i>Análise das diferenças da variável sexo relativamente às Atitudes face à Coabitação, nos participantes que coabitam</i> .....	26
4. Discussão .....	27
5. Conclusão .....	31
Bibliografia .....	34
Anexos	

## **Introdução**

Este trabalho insere-se na temática da Pré-Conjugalidade, mais especificamente, no namoro no jovem adulto. No que respeita à investigação, existe uma lacuna nesta etapa da vida amorosa, sendo a adolescência e a conjugalidade, temáticas mais estudadas (Collins, Welsh & Furman, 2009, cit. por Pego, 2009; Gottman & Notarius, 2002). Em Portugal, o número de divórcios tem vindo a aumentar, o que nos alerta para a necessidade de investigações para preparar os jovens para a conjugalidade e para promover a qualidade conjugal.

O presente estudo com uma amostra de 305 jovens adultos, pretende compreender a relação existente entre o compromisso amoroso e as atitudes face à coabitação, tendo em conta a variável sexo e a variável coabitação. É um estudo exploratório que combina metodologias quantitativas e qualitativas.

O trabalho está organizado em várias secções: 1) reflexão sobre as temáticas estudadas, através da revisão de literatura realizada; 2) descrição do processo metodológico do estudo empírico realizado; 3) apresentação dos resultados; 4) discussão dos resultados; e 5) reflexões finais sobre as principais conclusões deste estudo.



## **1. Enquadramento teórico**

### **Namoro no jovem adulto**

Os seres humanos existem em relação e as relações interpessoais desempenham um papel fundamental no seu desenvolvimento, na medida em que o podem promover ou dificultar. Em cada uma das fases de desenvolvimento, o ser humano procura o equilíbrio entre o ser autónomo e o estar com os outros (Narciso & Ribeiro, 2009). Não obstante, o jovem adulto encontra-se numa fase específica de transição para a conquista da autonomia psicológica e emocional. Como na adolescência, as relações íntimas que desenvolve neste período conferem-lhe segurança emocional neste momento de distanciamento das relações parentais (Bertoldo & Barbará, 2006). Contudo, além desta construção do ‘eu’, diferenciada das relações parentais, é na juventude que a construção do ‘nós’ se torna mais saliente, sendo uma fase privilegiada de decisões relacionais, como com quem e quando casar, com fortes implicações no futuro. O namoro no jovem adulto proporciona, portanto, um desenvolvimento do indivíduo em si e facilita a construção de relacionamentos conjugais de qualidade (e.g., Collins & Dulmen, 2006).

Já Erikson, em 1968, afirmava que a formação e negociação contínua das relações românticas, tendo início na adolescência e seguindo pela entrada na idade adulta, é uma tarefa desenvolvimental crucial com consequências a longo prazo (cit. por Pego, 2009). Assim, tendo em conta o modelo ecossistémico do desenvolvimento humano (Bronfenbrenner, 1979), a entrada para a conjugalidade promove mudanças desenvolvimentais em cada elemento, mudanças na relação entre os dois e mudanças na relação entre eles e todos os sistemas que os envolvem, ou seja, família de origem, amigos, comunidade (Morris & Carter, 1999).

O namoro é caracterizado pela estabilidade da associação entre duas pessoas (Bertoldo e Barbará, 2006) e refere-se à adesão de uma pessoa a uma relação específica, mesmo quando há factores que se interpõem (Rodrigues, Asmar & Jablonski, 2002; cit. por Bertoldo e Barbará, 2006). Antes da revolução sexual, o namoro consistia numa relação que antecedia o casamento, tinha duração relativamente curta e as interações eram, muitas vezes, controladas pelos pais. Actualmente, muitos tipos de relações interpessoais são designados por este termo, desde uma relação curta e sem compromisso até à coabitação (Béjin, 1987). É então importante falar de amor.

O amor está associado ao desejo de entrar ou manter uma relação com uma pessoa específica (Gonzaga, Keltner, Londahl & Smith, 2001), «*é uma configuração complexa e dinâmica de sentimentos conscientes por um outro, com um outro e por um “nós” em criação*» (Narciso & Ribeiro, 2009, p.92).

Ora, intrinsecamente ligado ao desejo de manter uma relação e de, assim, construir um “nós”, parece estar o conceito de compromisso. De facto, poder-se-á dizer que o compromisso é um dos componentes do amor, sendo o amor um dispositivo do compromisso (Gonzaga et al, 2001), ou seja, embora parcialmente independentes, amor e compromisso parecem ser conceitos sobrepostos (Fehr, 1988; cit. por Narciso e Ribeiro, 2009). O compromisso é um processo relacional catalisador do amor, que é também, por ele, catalisado.

Para Gonzaga e colaboradores (2001), o amor promove o compromisso de duas maneiras. Primeiro, a experiência de amor motiva a aproximação a um parceiro íntimo (o que reduz obviamente a aproximação a alternativas concorrentes) e, na ausência do parceiro é mais provável controlar sentimentos de desejo por outros. Segundo, a expressão externa do amor nas palavras e nos gestos demonstra compromisso entre parceiros íntimos, melhorando assim os processos que protegem e fortalecem a ligação (e.g. confiança, dependência mútua, afecto).

## **Compromisso**

*«O que é que significa estar comprometido numa relação?»*

(Johnson, Caughlin & Huston, 1999, p.160)

Johnson (1973) chama a atenção para dois significados do compromisso, um que transmite o sentido de dedicação (e.g. “Ele está comprometido a anunciar o evangelho”), e outro que transmite o sentido de obrigação ou constrangimento (e.g. “Ele comprometeu-se a fazer isto, não pode voltar atrás agora”).

Johnson (1991, cit. por Johnson, Caughlin & Huston, 1999) propõe um modelo que foca o compromisso pessoal, as obrigações morais e o investimento estrutural, como a chave do compromisso entre parceiros. Assim, o compromisso pessoal refere-se ao desejo de continuidade da relação, que implica a satisfação com o parceiro e com a relação, a não consideração de alternativas e o investimento na relação e no parceiro. As obrigações morais têm em conta o dever de continuidade, ao qual não são alheios valores e crenças relativamente à indissociabilidade da família e do casamento, às

obrigações para com os filhos, etc. Nesta dimensão pode sentir-se uma obrigação moral para com outra pessoa (e.g. “Eu prometi-te que ia ficar contigo para o resto da vida, por isso vou ficar”, “Estás mesmo a precisar de mim agora, não é justo eu abandonar-te”). O investimento estrutural resulta de constrangimentos externos (e.g. pressões familiares e sociais, questões económicas, obstáculos legais, ausência de alternativas disponíveis) que dificultam ou impedem a ruptura da relação, ou seja, o ter de continuar a relação (Johnson, Caughlin & Huston, 1999).

Stanley e Markman (1992), influenciados pelos trabalhos de Johnson (1978, 1982, 1991; cit. por Stanley & Markman, 1992), de Levinger (1965, 1979; cit. por Stanley & Markman, 1992) e de Rusbult (1980, 1983; cit. por Stanley & Markman, 1992) apresentam um modelo onde propõem duas componentes do compromisso: a dedicação pessoal e o compromisso forçado. A dedicação pessoal consiste num compromisso interpessoal e mais intrínseco entre os parceiros, desejo e disposição para manter ou melhorar a qualidade da relação para benefício de ambos, sacrifício pela relação, investimento na relação, articulação dos objectos pessoais com a relação e preocupação com o bem-estar do parceiro e não apenas com o seu próprio bem-estar (Stanley & Markman, 1992; Stanley, 2002). Indivíduos com elevado nível de dedicação tendem a pensar em termos de “nós” e “nossos” (Rhoades, Petrella, Stanley & Markman, *in press*). O compromisso forçado consiste em tudo o que se vai acumulando enquanto a relação cresce e que faz com que seja difícil uma ruptura (pressão social, situação financeira, responsabilidades comuns), ou seja, são as forças que constroem o indivíduo a manter a relação independentemente da sua dedicação pessoal. Esta componente, na maioria das vezes, impede que haja comportamentos impulsivos e desestabilizadores, em momentos de crise de muitos casais (Stanley & Markman, 1992; Stanley, 2002). Não obstante, quando alguém é realmente infeliz, num período de tempo alargado, esta componente pode levar a um sentimento de aprisionamento (Stanley, 2002), o que explica que «*o compromisso forçado é um factor determinante da estabilidade da relação, explicando a manutenção de relações insatisfatórias*» (Narciso & Ribeiro, 2009, p. 152).

Segundo Stanley e Markman (1992), a dedicação pessoal inclui seis dimensões centrais: *Agenda Relacional* (grau em que a pessoa quer continuar a relação), *Primazia da Relação* (nível de prioridade que a relação tem na hierarquia das actividades pessoais), *Identidade de Casal* (grau para o qual o indivíduo pensa na relação como uma equipa, em que tenta maximizar os resultados do conjunto), *Satisfação com o Sacrifício*

(grau de satisfação em fazer coisas que são para o benefício do parceiro), *Consideração de Alternativas* (consideração de parceiros alternativos ao parceiro actual) e *Meta-compromisso* (nível de compromisso que cada um tem com os compromissos de um modo global, valor que cada indivíduo traz para a relação), (Stanley & Markman, 1992).

Como a dedicação pessoal, o compromisso forçado também inclui seis dimensões: *Investimentos estruturais* (bens e investimentos de dinheiro que promovem a continuidade da relação, dado o desejo de não perder o que se investiu), *Pressão Social* (pressões que terceiros exercem sobre o casal para manter a sua relação, nomeadamente, família e amigos), *Procedimentos de Ruptura* (dificuldade dos passos que devem ser dados para terminar uma relação), *Alternativas não Atractivas* (grau de insatisfação com possíveis mudanças na vida se a relação terminar), *Disponibilidade de Parceiros* (um indivíduo do casal interessa-se por outro indivíduo que acha adequado e, como esse indivíduo não está interessado, o primeiro resigna-se a permanecer na relação actual) e *Moralidade do divórcio* (aceitação moral do divórcio) (Stanley & Markman, 1992). São todos estes componentes e dimensões que, duma forma dinâmica e integrada, promovem a continuidade das relações e fazem com que os indivíduos tenham um compromisso a longo prazo.

Num estudo longitudinal de Lund's (1985, cit. por Stanley & Markman, 1992) sugere-se que os factores associados aos constrangimentos são melhor preditores da estabilidade da relação que as medidas mais relacionadas com a satisfação da relação e com a atracção. Em contraste, Stanley e Markman (1992) vêem a dedicação pessoal como a chave determinante da futura qualidade da relação, bem como da estabilidade da relação. Stanley e Markman consideram que a dedicação pessoal e o compromisso forçado não são factores independentes, pois uma dedicação pessoal antecedente dá origem a constrangimentos no futuro. Por exemplo, elevada dedicação pessoal durante o noivado tende a aumentar os constrangimentos, na medida em que alguns dos sinais de dedicação mútua são o comprometimento ao casamento, filhos, bens comuns, etc. (Stanley & Markman, 1992; Stanley, Lobitz & Dickson, 1999).

Acima de tudo, o compromisso, em toda a sua complexidade, leva as pessoas a ter uma visão a longo prazo das suas relações. Uma visão a longo prazo pode surgir dos constrangimentos ou da dedicação, mas provavelmente envolve ambos os constructos. O constrangimento cria a sensação de permanência e estabilidade; a dedicação advém do desejo de envelhecer juntos (Stanley, Lobitz & Dickson, 1999). Um compromisso claro e consistente permite que ambos os parceiros se sintam seguros e ajam na relação

de uma forma que é apenas racional no contexto dessa segurança. Por exemplo, sacrificar-se por um dos parceiros faz menos sentido fora do contexto de uma expectativa de um futuro juntos (Stanley, Markman e Whitton, 2002).

Estudos referem que é mais provável que a mulher interprete a coabitação como um passo em direcção ao casamento ou como um indicador do aumento do compromisso do que o homem (Rhoades, Stanley & Markman, 2006). No entanto, Stanley e colaboradores (2002) referem que existe uma tendência dos homens terem níveis mais altos de compromisso, com o casamento, que as mulheres. Há uma clara evidência que a dinâmica do compromisso dos homens está muito mais associada a atitudes sobre sacrifício com os seus parceiros que as mulheres.

### **Coabitação**

A coabitação pode ser definida como uma íntima união sexual entre dois parceiros não casados que partilham a mesma casa por um contínuo período de tempo (Bacharch, Hindin, Thomson, 2000; cit. por Mynarska & Bernardi, 2006). A duração deste período de tempo em que um casal vive junto e, quando este tempo começa e termina, são elementos importantes para definir o tipo de coabitação (Mynarska & Bernardi, 2006). Contudo, coabitar não significa apenas irem duas pessoas viver sozinhas para uma casa, mas também um dos parceiros mudar-se para a casa do outro, que pode ser também a casa onde os pais, avós ou colegas vivem (Manning & Smock, 2005).

As taxas de coabitação têm vindo a aumentar drasticamente ao longo das últimas décadas (Booth & Johnson, 1988). Um típico coabitante é, normalmente, um indivíduo jovem, que nunca casou antes. Assim, a coabitação torna-se cada vez mais comum, a frequência do casamento diminui e a idade do primeiro casamento aumenta (Bernhardt, Noack & Wiik, in press). Muitos jovens adultos acreditam que a coabitação antes do casamento é uma boa maneira de testar a sua relação e, tais crenças acerca da coabitação, influenciam as escolhas individuais em relação à coabitação (Axinn & Thornton, 1992; Johnson, Stanley, Glenn, Amato, Nock & Markman, 2002, cit. por Rhoades, Stanley & Markman, 2009). É verdade que a coabitação é mais fácil de se desfazer que um casamento legal; e para muitos casais modernos esta parece proporcionar o melhor dos dois mundos: a liberdade e independência associada à vida de solteiro e as vantagens emocionais, sexuais e económicas associadas ao casamento. (Budinski & Trovato, 2005).

Contudo, a coabitação antes do casamento está associada a elevadas taxas de divórcio nos países ocidentais (DeMaris & Rao, 1992; Hall & Zhao, 1995; Kieran, 2002, cit. por Kline, Stanley, Markman, Olmos-Gallo, Peters, Whitton & Prado, 2004). Em estudos americanos a coabitação antes do casamento está também associada a baixa satisfação no casamento, menor compromisso interpessoal por parte dos homens, fraca comunicação, muitos conflitos conjugais, elevadas taxas de infidelidade por parte da mulher, níveis mais elevados de violência doméstica e elevado risco de divórcio (Kline, et al, 2004; Stanley, Rhoades & Markman, 2006). No entanto, a coabitação antes do casamento não está associada a uma ruptura conjugal futura para todos os casais (Kline et al, 2004).

Os dados de Kline et al (2004) sobre agressão física mostram que os casais que coabitam têm um risco mais elevado de violência física do que os casais que namoram. Estes descobriram que casais que coabitaram antes do casamento mostram uma menor capacidade de resolver os problemas e comportamentos de apoio, do que aqueles que não coabitaram antes do casamento. Estes autores sugerem também que os coabitantes antes do casamento são divididos em dois grupos separados, de acordo com o estado de noivado, ou seja, os que coabitam antes de estarem noivos e os que coabitam após o noivado.

Entende-se por noivado a maturidade de um relacionamento, em que os dois parceiros estão prontos para formar uma nova família. Hoje em dia, muitas pessoas casam-se sem passar pelo noivado, ou porque já moram juntos há algum tempo ou mesmo por uma opção do casal, de ir directamente do namoro ao casamento. É um período de partilha de sonhos, planeamento do futuro. Assim, alguns estudos afirmam que coabitação sem noivado leva a mais riscos de divórcio após o casamento, do que coabitação com noivado. No entanto, ambos os tipos de coabitação antes do casamento (antes e depois do noivado) estão associados a interações menos positivas do que a coabitação depois do casamento (Kline, et al, 2004). É de referir ainda que, maiores períodos de tempo de coabitação levam a maiores riscos de divórcio (Bennett, Blanc, & Bloom, 1988; Thomson & Colella, 1992, cit. por Kline, et al, 2004). A coabitação introduziria mudanças nas atitudes sobre o casamento e os relacionamentos, e estas mudanças poderiam conduzir a um baixo nível de satisfação conjugal.

É importante referir que se um casal coabita poucos meses antes do casamento e se ambos os parceiros não tiveram uma experiência de coabitação anterior e não tiveram filhos, então os efeitos adversos relativamente ao casamento não são tão fortemente

suportados pela investigação (Popenoe & Whitehead, 1999; cit. por Olson & Olson-Sigg, 2007).

Da associação entre a coabitação antes do casamento e os baixos resultados depois do casamento, pode falar-se do Efeito de Coabitação. Associado ao Efeito de Coabitação está o Efeito de Inércia, em que alguns casais, que de outra forma não estariam casados, acabam por casar, porque coabitaram anteriormente. Por exemplo, casais com problemas resolvem coabitar para ver se resulta. Acabam por casar, não porque os problemas desapareceram, mas porque coabitaram antes. Existiria mais o Efeito de Inércia para favorecer a continuação de uma relação com coabitação do que com o namoro, pois os constrangimentos (já referidos anteriormente) são maiores quando há coabitação. Estes constrangimentos dificultam o término da relação, o que não quer dizer que os parceiros se sintam dedicados (Stanley & Markman, 1997).

Outro efeito subjacente ao efeito de Coabitação é o Efeito *Sliding*, em que muitos casais passam de não coabitantes a coabitantes sem compreenderem realmente o que aconteceu, ou seja, é como que um deslizamento de um estado para o outro, sem existir efectivamente consciência prévia para essa acção (passar de namorados a coabitantes). A célebre frase é: “Simplesmente aconteceu” (Manning & Smock, 2005). Um Efeito *Sliding* para a coabitação pode levar a que os casais sofram de níveis elevados de angústia, uma vez que deram esse passo sem terem ainda estabelecido um compromisso mútuo (Stanley, Rhoades & Markman, 2006).

Vários estudos sugerem que os homens, comparando com as mulheres, vêm o casamento como algo mais desejável e mais importante (Peterson, 2002; cit. por Stanley, 2002) e como o passo final no prolongado processo de crescimento (Whitehead & Popenoe, 2001; cit. por Stanley 2002).

Hoje em dia, muitos jovens adultos estão à procura de “almas gémeas” (alguém que os vá aceitar como são e que não os vá tentar mudar) e consideram essa, a qualidade mais importante que procuram num parceiro. Assim, até que encontrem a sua “alma-gémea” estão dispostos a esperar, ou seja, estes não se querem acomodar com a “segunda” opção para um casamento. O mesmo não acontece com a coabitação, pois os sentimentos para coabitar não são os mesmos, ou seja, ainda que o parceiro não seja a tal “alma-gémea” não haverá problema em coabitar (Whitehead & Popenoe, 2001; cit. por Stanley 2002).

A escola, a formação no trabalho e processos para o início de carreira fazem os jovens adultos relutantes em relação ao casamento, ao mesmo tempo que a idade traz

um aumento da independência da sua família de origem e dá-lhes mais liberdade com alguém que escolham (Lillard, Brien & Waite, 1993).

Segundo Roger (1995; cit. por Mynarska & Bernardi, 2006) a coabitação prolonga-se quando as pessoas percebem que as suas vantagens ultrapassam as desvantagens, os parceiros desenvolvem uma atitude positiva face à coabitação e avaliam-na como uma opção atractiva entre outros possíveis comportamentos. A coabitação é assim, como sugerem Mynarska e Bernardi (2006), percebida como algo relativamente positivo, mas quando os casais coabitam muito tempo, torna-se problemático. Primeiro, porque indica que o compromisso dos parceiros não aumentou, segundo, porque não é um espaço aceitável para ter filhos.

Um estudo americano (Rhoades, Stanley & Markman, 2009) apresenta algumas razões que levam as pessoas a coabitar. A escala *Razões para Coabitação* divide-se em três subescalas: subescala de ‘Conveniência’ (“Porque faz mais sentido financeiramente”, “Porque nós estamos a passar a maior parte das noites juntos”), subescala de ‘Tempo juntos’ (“Porque adoro passar tempo com ele/ela”, “Porque eu quero passar mais tempo com ele/ela”, “Para que nós possamos ter mais intimidade e partilha diária”) e subescala de ‘Teste’ (“Porque eu quero ter a certeza que nós somos compatíveis antes de decidir sobre o casamento”, “Porque eu quero testar a nossa relação antes de decidir se quero casar com ele/ela”). Os resultados deste estudo foram: níveis mais altos na subescala relativa ao tempo juntos, níveis intermédios na subescala relativa à conveniência e níveis mais baixos na subescala relativa ao teste. Na amostra estudada, 6% dos participantes diz que não acredita no casamento. Apesar de haver diferenças muito pouco significativas em relação aos homens e às mulheres, os homens queriam coabitar para testar a relação e as mulheres mais por conveniência. Não houve diferenças significativas entre homens e mulheres na subescala de tempo juntos (Rhoades et al, 2009).

Rhoades e colaboradores (2009) consideram que existem razões internas e externas para a coabitação. Passar mais tempo juntos pode ser considerado uma razão interna, enquanto a conveniência pode ser considerada uma razão externa. Esta distinção tem uma ligação com a Teoria do Compromisso de Stanley e Markman (1992).

Num estudo polaco, a partir de entrevistas, Mynarska e Bernardi (2006), afirmam que a coabitação é o passo natural no desenvolvimento da relação e enfatizam que o facto de viver juntos antes do casamento está relacionado com o aumento do



compromisso e a possibilidade de passar mais tempo com o parceiro. A coabitação é um período teste para o casamento e, nesta visão, é um passo provisório no processo de formação familiar, é a entrada num nível mais alto da relação. Muitos casais escolhem coabitar primeiramente e vêem a coabitação como uma etapa do namoro antes do casamento (Stanley, Whitton & Markman, 2004). No entanto, a coabitação é percebida como algo instável e inseguro. Esta é a etapa em que é mais provável que as pessoas acabem a relação (Mynarska & Bernardi, 2006).

Muitos casais podem querer testar as suas relações antes de decidir casar, mas a coabitação pode não ser o melhor caminho para o teste; na verdade, as vulnerabilidades da relação que estão presentes antes do casamento podem persistir no casamento. Os casais que querem viver juntos antes de se decidirem sobre o casamento têm que avaliar cuidadosamente as razões para este desejo e pensar nos custos e benefícios da coabitação antes de irem viver juntos (Kline et al, 2004).

A experiência de coabitação muda a visão das pessoas em relação ao casamento, pode fazê-las menos comprometidas com a instituição do casamento e mais propensas ao divórcio (Axinn & Thornton, 1992; cit. por Lillard et al., 1993; Bennett, Blanc & Bloom, 1988, cit. por Lillard et al., 1993 e cit. por Bruderl, Diekmann & Engelhardt, 1999). Estes podem ter mais atitudes não convencionais e mostrar um estilo de vida desviante (Both & Johnson, 1988).

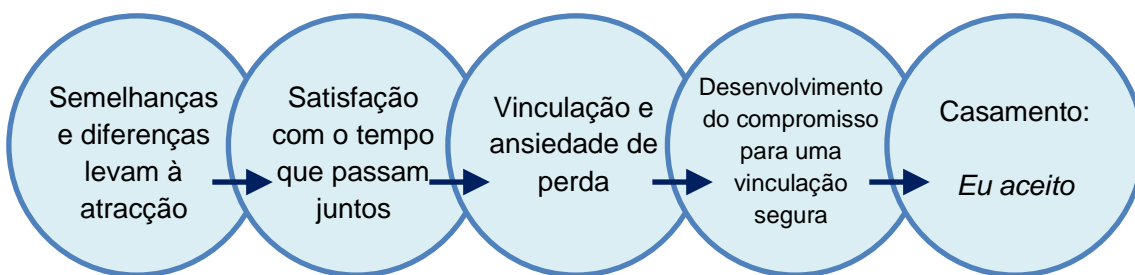
A coabitação e a estabilidade conjugal podem ser vistas sob duas explicações: a selecção e a experiência. A selecção refere-se ao facto de que as pessoas que coabitam antes do casamento têm características diferentes daquelas que não coabitam, o que pode levar à instabilidade conjugal. A experiência de coabitação pode mudar a visão em relação ao casamento e ao divórcio, ou seja, há algo sobre a convivência em si que aumenta o risco para o stress ou divórcio, ou mesmo para ambos. Assim, a selecção e a experiência de coabitação são importantes para perceber a associação entre a coabitação e as consequências conjugais menos desejadas, stress e divórcio (Axinn & Thornton, 1992; cit. por Stanley, Rhoades & Markman, 2006).

A coabitação pode ser bastante diferente a partir do casamento na sua estrutura e expectativas, pois a informação obtida durante a coabitação não é muito útil em prever como vai ser o casamento com o parceiro. Casais que namoram podem ser capazes de corresponder nas características mais importantes sem viver juntos. E acontecimentos que se revelam depois do casamento podem ser componentes importantes do sucesso do

casamento e que não tem nada a ver com o facto de terem coabitado anteriormente (Lillard et al, 1993).

Segundo Lillard e colaboradores (1993), em países ou zonas em que a religião tem maior influência a frequência de coabitação é menor. As uniões de coabitação formadas por pessoas católicas são significativamente menos prováveis relativamente a outras religiões e é significativamente mais provável que casem. Na igreja Católica, o casamento é o único tipo de união legítimo. A coabitação não é aprovada, pois implica sexo pré-conjugal, o qual é considerado pecado. Os casais católicos mostram a importância de um casamento religioso e dos seus votos. No entanto, muitos deles já experienciaram vivências sexuais antes do casamento (Mynarska & Bernardi, 2006).

### **Casamento ou coabitação à luz do desenvolvimento do compromisso**



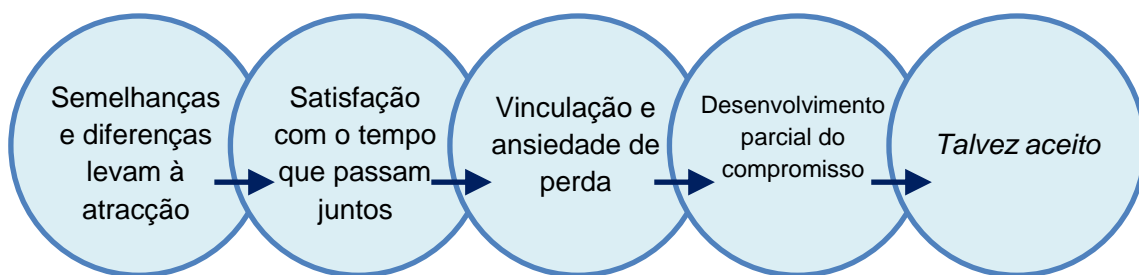
**Figura 1** – Esquema do processo de desenvolvimento do compromisso.

Através do modelo do desenvolvimento do compromisso (Stanley, 2002), pode verificar-se que primeiro se desenvolve uma atracção baseada nas semelhanças e diferenças do parceiro. Aqui existe algum nível de mistério nas raízes da atracção, mas vamos assumir que a atracção se desenvolve entre duas pessoas. Por causa desta atracção passam mais tempo juntos. Enquanto a relação progride, a contínua satisfação entre os parceiros resulta numa crescente vinculação emocional. Contudo, com esta vinculação emocional vem algum tipo de ansiedade. Uma pessoa torna-se ansiosa, porque começa a pensar e a sentir a potencial perda de algo valioso (Stanley, Lobitz & Dickson, 1999).

É importante reconhecer que o desenvolvimento de vinculação não é o mesmo que o desenvolvimento do compromisso. Normalmente, fortes vinculações entre parceiros, levam ao compromisso, mas isto não é automático. É a formação de um compromisso que traz segurança a uma relação, acalmando assim qualquer ansiedade

sobre a vinculação. A vinculação leva ao desejo de segurança, mas o compromisso traz a prova de que se pode confiar, que a confiança existe. O casamento representa então, a maior expressão de segurança entre parceiros românticos. Assim, um claro “Eu aceito!” vai ser a fundação mais forte da qualidade e segurança da relação (Stanley, 2002). Este processo refere-se a casais que tiveram uma relação de namoro e que casaram, sem coabitação prévia.

Num estudo de Jonhson e colaboradores (2002, cit. por Stanley, 2002) seleccionando pessoas que estão casadas há mais de dez anos, verificou-se que os maridos que viveram com as suas esposas antes do casamento, eram menos dedicados a estas do que aqueles que apenas viveram juntos após o casamento. Esta investigação sugere que a coabitação antes do casamento pode ser mais arriscada para as mulheres que para os homens, porque alguns dos homens que coabitam poderão não se comprometer totalmente com os seus parceiros num futuro casamento. Psicologicamente, eles poderão não ter realmente passado a linha do compromisso para com os seus parceiros no casamento, apesar de se tornarem legalmente casados. Isto é, eles moveram-se para um casamento mais pelo processo de serem carregados para ele, e não pelo processo de tomarem uma decisão clara. Aqui são visíveis as forças que são despertadas pelo Efeito de Inércia, referido anteriormente. Por vezes, um parceiro, mais usualmente o homem, é persuadido ou arrastado para o casamento, pelo outro parceiro. Isto significa que existe um grande número de casamentos que começaram com um “Talvez aceito”, em vez de um claro “Aceito” na raiz do compromisso, subjacente ao casamento, como se segue no esquema seguinte.



**Figura 2** – Esquema do desenvolvimento parcial do compromisso.

## **2. Metodologia**

### **2.1. O desenho da investigação**

Esta investigação enquadra-se no âmbito de um estudo de doutoramento mais vasto, que tem como finalidade estudar os relacionamentos amorosos no jovem adulto e formação do casal.

O nosso estudo constitui um estudo exploratório baseado num recorte da amostra normativa de jovens adultos e baseia-se numa abordagem mista, quantitativa e qualitativa. O método quantitativo na sua vertente de recolha e análise de dados através de instrumentos de medida quantitativa e o método qualitativo de recolha e análise de dados através de três *Focus Groups*. Através desta abordagem mista obtém-se maior riqueza na conjugação destes dois métodos, uma vez que ambos se esclarecem e se completam mutuamente.

### **2.2. A questão inicial**

Considerando o carácter exploratório do presente estudo, surgiu a seguinte questão inicial: *Será que existem diferenças entre homens e mulheres na relação entre compromisso amoroso e a vivência e as atitudes face à coabitação?*

Coloca-se assim, esta questão, uma vez que não existem estudos portugueses que se debrucem sobre a fase etária do jovem adulto, na sua vivência normativa dos relacionamentos amorosos e, especificamente, sobre o compromisso e as novas vivências de coabitação.

### **2.3. Objectivos e Mapa Conceptual**

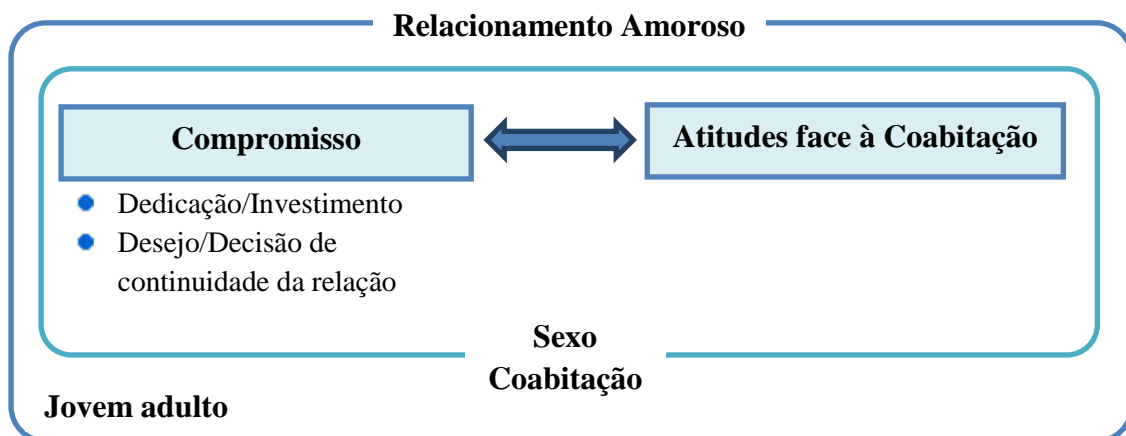
Este estudo tem como objectivo geral averiguar a relação entre o compromisso amoroso e as atitudes face à coabitação, verificando se existem diferenças significativas entre homens e mulheres.

Considerando o objectivo geral, colocaram-se os objectivos específicos, que pretendem averiguar:

- Se existe relação entre o compromisso amoroso e as atitudes face à coabitação;
- Se existem diferenças significativas entre homens e mulheres, no que respeita ao compromisso amoroso;

- Se existem diferenças significativas entre homens e mulheres, no que respeita às atitudes face à coabitação;
- Se existem diferenças entre os que coabitam e os que não coabitam, no que respeita ao compromisso.
- Se existem diferenças entre os que coabitam e os que não coabitam, no que respeita às atitudes face à coabitação.
- Se existem diferenças significativas entre homens e mulheres que coabitam, no que respeita ao compromisso amoroso;
- Se existem diferenças significativas entre homens e mulheres que coabitam, no que respeita às atitudes face à coabitação.

Seguidamente, encontra-se o quadro de referência conceptual, que apresenta as variáveis dependentes e independentes e respectivas relações que pretendemos analisar neste estudo. Considerámos como variáveis dependentes o Compromisso e as Atitudes face à Coabitação, sendo que a variável sexo e a coabitação representam as variáveis independentes.



**Figura 3** – Quadro de referência Conceptual.

## 2.4. Questões de investigação/hipóteses

O nosso estudo de carácter exploratório pretende encontrar algumas respostas a questões pouco abordadas na literatura nacional. No sentido de alcançar os objectivos propostos, estes foram especificados, dando origem a questões de investigação:

- 1) Haverá alguma relação entre o compromisso amoroso e as atitudes face à coabitação?

- 2) Haverá diferenças significativas entre homens e mulheres, no que respeita ao compromisso amoroso?
- 3) Haverá diferenças significativas entre homens e mulheres, no que respeita às atitudes face à coabitação?
- 4) Haverá diferenças significativas entre os que coabitam e os que não coabitam, no que respeita ao compromisso amoroso?
- 5) Haverá diferenças significativas entre os que coabitam e os que não coabitam, no que respeita às atitudes face à coabitação?
- 6) Haverá diferenças significativas entre homens e mulheres que coabitam, no que respeita ao compromisso amoroso?
- 7) Haverá diferenças significativas entre homens e mulheres que coabitam, no que respeita às atitudes face à coabitação?

Assim, para se proceder à investigação, recorreu-se a um estudo de cariz qualitativo (*Focus Groups*) e a um estudo de cariz quantitativo, onde foram utilizados três questionários: um relacionado com o compromisso amoroso – *Relationship Scale* – (Stanley, 1986; versão portuguesa Pego, Ribeiro & Lourenço, 2009), outro relacionado com as atitudes face à coabitação – *Attitudes Toward Cohabitation* – (Cunningham & Thornton, 2007; versão portuguesa Pego, Ribeiro & Lourenço, 2009) e um questionário geral – sócio-demográfico.

## 2.5. Estudo qualitativo

O estudo qualitativo é uma metodologia que nos permite obter detalhes sobre fenómenos, processos e pensamentos que são difíceis de extrair através da metodologia quantitativa. Assim, com esta parte qualitativa, o que se pretende é uma investigação mais rica, que potencia a exploração e identificação de conceitos num ambiente de forte interacção, onde a compreensão das necessidades, motivações e comportamentos dos participantes são bastante valorizados.

Neste estudo, a metodologia qualitativa utilizada foi o *Focus Groups*<sup>1</sup>, proposta pelos autores Morgan e Krueger (1998). Os *Focus Groups* são grupos de discussão que permitem, através de guiões ou perguntas específicas, o diálogo sobre determinados temas, o que promove uma sinergia que não se pode alcançar através de entrevistas a

---

<sup>1</sup> Ver anexo IV

indivíduos isolados. O investigador pretende obter ideias que emergem da própria população alvo, sendo que, o objectivo não é a generalidade dos dados ou a representatividade da amostra (que nem é possível, sobretudo devido ao reduzido número de participantes), mas uma profunda compreensão de fenómenos da população alvo.

### **2.5.1. Estratégia metodológica**

#### *2.5.1.1. O processo de selecção da amostra*

Dados os objectivos do estudo, recorreu-se a indivíduos de ambos os sexos, na fase de jovem adulto. Assim, a amostra do presente estudo foi recolhida segundo a técnica de amostragem de conveniência não probabilística e, também, por representar uma diversidade de variáveis, como idade, sexo, tempo de relação e coabitação. Assegurando o anonimato dos dados, os jovens voluntariamente dispuseram-se a participar na investigação.

No sentido de definir os conceitos centrais do estudo, foram definidos critérios de inclusão. Assim, delimitando o conceito de jovem adulto, os participantes tinham de ter entre 18 e 28 anos; no que ao conceito de namoro diz respeito (conceito mais complexo), definiu-se que o jovem teria de ser solteiro e estar numa relação amorosa há pelo menos seis meses, sem tempo máximo, salvaguardando apenas que não houvesse coabitação há mais de dois anos (limite em que legalmente se pode considerar uma relação de união de facto).

A amostra foi recolhida na zona da Grande Lisboa.

#### *2.5.1.2. Caracterização da amostra*

A amostra é constituída por 16 participantes, que se dividiram por três grupos (*Focus Groups*), ficando seis elementos no primeiro grupo (três rapazes e três raparigas), cinco elementos no segundo grupo (três rapazes e duas raparigas) e cinco elementos no terceiro grupo (dois rapazes e três raparigas).

Assim, a amostra constitui-se de 16 participantes (N=16), dos quais 8 são do sexo masculino (50%) e 8 do sexo feminino (50%). As suas idades variam entre os 18 e os 27 anos, com uma média de 23.5 e desvio padrão de 2.85. Relativamente à coabitação, 81.25% da amostra não coabita, sendo que apenas 18.75% coabita. Dos participantes que coabitam, o tempo de duração da coabitação varia entre os 4 e os 16 meses, com uma média de 10 e desvio padrão de 6 (Anexo V).

#### 2.5.1.3. Instrumentos utilizados

O guião foi construído segundo a metodologia proposta por Morgan e Krueger (1998), sendo, o tema, o namoro. Assim, como o guião foi construído para um estudo mais alargado de doutoramento, a presente investigação debruçou-se apenas em perguntas em que o compromisso estivesse subjacente e em perguntas sobre a coabitação.

Esta técnica possibilitou diferentes perspectivas sobre o tema a estudar, assim como a compreensão do comportamento de determinado grupo restrito. Permitiu a apreensão da singularidade das visões dos jovens adultos participantes, possibilitando a recolha de informação sobre as experiências, crenças e comportamentos relativos ao namoro.

#### 2.5.1.4. Procedimento na recolha de dados

Os *Focus Groups* foram realizados na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, durante o mês de Fevereiro.

Inicialmente, foram apresentados aos participantes os principais objectivos de estudo e foi explicado em que consistia um *Focus Groups*. Posteriormente, e com o consentimento destes, procedeu-se à gravação áudio, para que depois fosse possível trabalhar os dados com mais facilidade, assegurando-se a respectiva confidencialidade. Assim, foi pedido aos participantes que assinassem uma folha com a autorização para a gravação áudio, bem como preenchessem um questionário sócio-demográfico.

A orientar estes *Focus Groups* estava a entrevistadora que dinamizava e estimulava os participantes a intervir, e, a seu lado, a observadora (co-orientadora), responsável por anotar comportamentos verbais e não-verbais, ou seja, tudo o que fosse pertinente e relevante para a posterior transcrição.

O tempo de duração dos *Focus Groups* foi de 1h/1h30.

#### 2.5.1.5. Processo de análise dos resultados

Após a transcrição dos *Focus Groups*, iniciou-se o processo de Análise de Conteúdo para analisarmos o conteúdo manifesto dos *Focus Groups* e, posteriormente, realizarmos inferências interpretativas. As unidades de registo encontram-se referenciadas com um código, para manter o anonimato dos participantes, o sexo do participante encontra-se entre parênteses rectos. Este tipo de análise é, hoje em dia,



aplicado em muitos campos das Ciências Humanas, principalmente em investigações que combinam metodologias quantitativas e qualitativas, como é o caso do presente estudo. O aspecto mais importante da Análise de Conteúdo é o facto de ela permitir, não só uma rigorosa e objectiva representação dos conteúdos das mensagens, mas também o avanço fecundo, à custa das inferências interpretativas derivadas dos quadros de referência teóricos do investigador (Amado, 2000).

Para podermos chegar à fase de realizar inferências e interpretações dos *Focus Groups*, procedeu-se à leitura atenta e activa e um posterior processo de categorização. A análise de conteúdo<sup>2</sup> foi orientada pelo modelo teórico apresentado no enquadramento (Stanley e Markman, 1992) e também pela própria escala. Esta relação de análise de conteúdo é dinâmica, procurando-se captar a riqueza do texto ao mesmo tempo que não se nega a existência de lentes teóricas organizadoras.

## **2.6. Estudo quantitativo**

### **2.6.1. Estratégia metodológica**

#### *2.6.1.1. O processo de selecção da amostra*

Como já referido anteriormente no estudo qualitativo, recorreu-se a indivíduos de ambos os sexos, na fase de jovem adulto, principalmente em contexto universitário. A amostra foi recolhida segundo a técnica de amostragem de conveniência não probabilística, através de contactos estabelecidos com docentes em algumas faculdades (aplicação grupal em contexto de turma – cursos de Direito, Medicina e Ciências da Educação), e através da rede social da equipa de investigação – método bola de neve. Assegurando o anonimato dos dados, os jovens voluntariamente dispuseram-se a participar na investigação.

Os critérios de inclusão foram os descritos no estudo qualitativo e esta amostra foi recolhida na zona da Grande Lisboa e Porto.

#### *2.6.1.2. Caracterização da amostra*

A amostra final é constituída por 305 jovens adultos, com idades compreendidas entre os 18 e os 28 anos (N=305). Destes, 184 são do sexo feminino (correspondendo a 60.3% da amostra total) e 121 são do sexo masculino (correspondendo a 39.7% da

---

<sup>2</sup> Ver anexo III.

amostra total). Quanto à idade, a amostra situa-se entre os 18 e os 28 anos, tendo uma média de 22.19 e um desvio padrão de 2.779.

Quanto à caracterização da amostra de acordo com outras variáveis sócio-demográficas consideradas de relevância para o estudo: 69.5% da amostra são estudantes e os restantes 24.6% são trabalhadores ou trabalhadores/estudantes; quanto à escolaridade, apenas 4.9% não concluiu o 12º ano e a maioria encontra-se a frequentar o ensino superior (64.9%), sendo Ciências da Educação, Medicina e Direito os cursos mais representados; a grande maioria reside na Grande Lisboa, é de raça caucasiana (56.4%) e de nível socioeconómico médio (94.1%) (classificação do nível socioeconómico segundo Simões, 1994); 62.9% considera-se crente em alguma religião, sendo a religião Católica a mais representada (51.5%); 58.7% da amostra vive com familiares, sendo que 11.8% vive com o namorado/companheiro. No que respeita à duração da relação, o tempo médio é de três anos ( $DP=2.53$ ), sendo que 16.1% namora há menos de um ano, 49.5% da amostra tem uma relação entre 1 e 3 anos, 23% entre 4 e 6 anos e 11.5% namora há mais de 6 anos.

#### *2.6.1.3. Instrumentos utilizados*

Pretende-se, neste capítulo, apresentar sumariamente os instrumentos utilizados no nosso estudo.

##### *Questionário sócio-demográfico*

O questionário sociodemográfico (ver Anexo I) é constituído por 17 questões de resposta rápida organizadas em dois grupos: variáveis sócio-demográficas e dados da relação amorosa actual. Como variáveis sócio-demográficas incluiu-se: sexo, idade, escolaridade, origem étnica/racial, profissão ou ano escolar se for estudante, área de residência, com quem vive, estado civil, coabitação anterior, filhos, estado civil dos pais, religiosidade. Relativamente aos dados da relação amorosa actual averigua-se: a duração da relação, a frequência do contacto, a existência de vida sexual activa, a situação relacional e planeamento de casamento. No final do questionário, averigua-se a disponibilidade do participante para futuro contacto no contexto da investigação.

### *Relationship Scale/Dedication Scale*<sup>3</sup>

Escolhemos, para avaliar o nível de compromisso dos participantes, a *Relationship Scale*. Esta escala (Stanley, 1986; versão portuguesa, Pego, Ribeiro & Lourenço, 2009) é composta por 14 itens apresentados numa escala de Likert de 1 (discordo fortemente) a 7 (concordo fortemente). É uma versão reduzida da escala original, a *Dedication Scale*, que foi inicialmente construída como uma de duas subescalas do Inventário do Compromisso (*Commitment Inventory*), desenvolvido por Stanley e Markman (1992). A outra subescala foi designada de *Constraint Commitment Scale*, integrando assim o Inventário os dois conceitos fundamentais dos autores, referidos anteriormente.

Neste estudo original, a *Dedication Scale* tinha um total de 36 itens, divididos por seis constructos fundamentais: Agenda relacional, Meta-compromisso, Identidade de casal, Primazia da relação, Satisfação com sacrifício e Monitorização de alternativas. O Inventário do Compromisso foi aplicado a uma amostra de 279 sujeitos, para estudar a consistência interna e a validade de constructo em que cada sub-escala do inventário atingiu um valor *alpha* de *Cronbach* de, pelo menos, .70.

A necessidade de um instrumento mais simples, quer para uso em contextos de investigação, quer para contextos clínicos, levou os autores e a sua equipa a criar uma versão reduzida, unidimensional, de apenas 14 itens (Rhoades, Stanley, & Markman, 2006). Como medida de consistência interna, utilizaram o coeficiente *alpha* de *Cronbach*, sendo que os valores variaram entre .76 para as mulheres e .76 para os homens. Os *scores* (i.e., a média de todos os itens) podem variar, então, entre 1 e 7, com resultados superiores indicando maior dedicação. A média, nesse estudo, foi de 6.33 (DP=0.55).

No nosso estudo, confirma-se que a *Relationship Scale* é uma escala unidimensional, com um valor de *alpha* de *Cronbach* de .80.

### *Attitudes Toward Cohabitation*

Para podermos avaliar as atitudes face à coabitação dos jovens adultos, escolheu-se a escala das *Atitudes face à Coabitação* (Cunningham & Thornton, 2007; versão portuguesa, Pego, Ribeiro & Lourenço, 2009). Esta é uma escala que contém dois

---

<sup>3</sup> O próprio autor utiliza várias designações para a escala: *Dedication Scale*, *Relationship Scale*, *Commitment Scale* (Stanley & Markman, 1992; Stanley, Markman, & Whitton, 2002; Rhoades, Stanley, & Markman, 2006)

itens: “Está certo um casal viver junto sem planear casar” e “Um jovem casal não deverá viver junto a não ser que seja casado”, apresentados numa escala de Likert de 4 opções, que variam desde “Concordo muito” a “Discordo muito”.

Esta escala foi construída por Cunningham e Thornton (2007), para avaliar a influência que a instabilidade conjugal dos pais tem durante a infância e, consequentemente, nas atitudes face à coabitação da criança, no seu início de vida adulta. A escala foi aplicada em 1980 às mães e aos filhos (já com 18 anos) e, posteriormente, em 1985 e 1993 só aos filhos, quando estes tinham 23 e 31 anos, respectivamente.

Os itens da escala são combinados num índice e parecem medir o mesmo constructo, com correlações que variam entre .71 e .75. Os coeficientes de *alpha* foram .83 para as mães, em 1980, e .83, .85 e .86 para os filhos em 1980, 1985 e 1993, respectivamente. No nosso estudo, a escala apresentou um valor *alpha* de .86.

#### *2.6.1.4. Procedimento na recolha de dados*

A recolha dos dados ocorreu durante os meses de Abril e Maio de 2010<sup>4</sup>. Os investigadores envolvidos procederam à recolha, estabelecendo contactos pessoais que indicavam possíveis contactos de interesse. Para além dos contactos pessoais, a recolha ocorreu também em contexto universitário, em sala de aula e na presença de pelo menos um dos investigadores para dúvidas que pudessem surgir.

Antes da recolha dos dados eram explicados os objectivos do estudo, bem como o carácter voluntário da colaboração dos participantes. Por fim, era referida a confidencialidade dos dados recolhidos.

#### *2.6.1.5. Processo de análise dos resultados*

A análise de resultados foi executada com recurso ao *software Statistical Package for Social Sciences (SPSS) 17.0 for Windows*.

---

<sup>4</sup> Estando a investigação presente a decorrer de um estudo de Doutoramento mais vasto, utilizou-se um protocolo composto por seis instrumentos, Questionário sociodemográfico, R.R.F. – R. (Davis, 1996; versão portuguesa, Lind, 2007), EAC (MAS – Braaten & Rosén, 1998; versão portuguesa, Pego, Ribeiro & Lourenço, 2009), PAIR (Schaefer & Olson, 1981; versão portuguesa, Moreira & Canavarro, 2008), RS (Stanley, 1986, versão portuguesa, Pego, Ribeiro & Lourenço, 2009) e ACD (Cunningham & Thornton, 2006, 2007; versão portuguesa, Pego, Ribeiro & Lourenço, 2009).

Num momento inicial, foi realizada a análise estatística descritiva, com o objectivo de caracterizar a amostra, de acordo com os dados recolhidos com o questionário sociodemográfico, em termos da análise da média, mediana, desvio padrão, valor mínimo, máximo, frequência e percentagem. Procedeu-se ao teste da normalidade das distribuições das variáveis, através do teste de Kolmogorov-Smirnov ( $n > 30$ ).

Num segundo momento, procedeu-se à análise de correlações entre as variáveis consideradas através do coeficiente de correlação de *Pearson* e à análise das diferenças das médias gerais em função da variável sociodemográfica sexo, utilizando o Teste t-Student<sup>5</sup>.

Finalmente, procedeu-se à análise das diferenças das médias gerais em recortes da amostra, recorrendo ao teste Wilcoxon-Mann-Whitney, pois a variável em estudo originava duas amostras independentes.

---

<sup>5</sup> Apesar da amostra não ser normal, devido ao seu N ser elevado (N=305), a análise pode ser suportada por testes paramétricos.

### 3. Resultados

Neste capítulo serão apresentados os resultados obtidos, provenientes dos dados quantitativos e qualitativos da amostra deste estudo, que permitirão dar resposta às questões de investigação. Como já referido anteriormente, recorreremos ao *software Statistical Package for Social Sciences (SPSS) 17.0 for Windows*, para analisarmos os dados provenientes da bateria de testes e à Análise de Conteúdo, para analisar o conteúdo manifesto nos *Focus Groups* (Amado, 2000).

#### 3.1. Apresentação dos resultados qualitativos

##### 3.1.1. Descrição dos resultados da análise de conteúdo dos Focus Groups<sup>6</sup>

A partir das transcrições dos *Focus Groups* pudemos chegar a três níveis de categorias – categorias superiores (categorias macro), categorias e sub-categorias. As categorias macro de partida foram o **Compromisso Amoroso** e as **Atitudes face à Coabitação**.

O **Compromisso Amoroso** deu origem a três categorias: Nível interno, Nível externo (3) – (“... reconhecimento público...” ) e Nível temporal (1) – (“... também depende das fases do namoro, se é no princípio ou se é depois mais para a frente.”). Os participantes manifestaram-se com vários aspectos referentes ao Nível interno, que considerámos como sub-categorias: Honestidade/Sinceridade (7) – (“A honestidade, acho que é essencial...” ), Respeito (6) – (“... respeitar o espaço da outra pessoa...” ), Compreensão (4) – (“...tentar mesmo compreender o que é que a outra pessoa também nos está a querer dizer, acho que é essencial.”), Partilha (3) – (“Partilha das coisas, do bem e do mal.”), Confiança (3) – (“...confiança, tem que haver lealdade.”), Confidencialidade (1) – (“Confidencialidade.”), Cumplicidade (1) – (“... haver uma certa cumplicidade...” ), Desejo de continuidade da relação (7) – (“...é uma coisa para ser mais a longo prazo...” ), Sacrifício pela relação (3) – (“... de muito sacrifício, de muito dar pelo outro (...) há sempre sacrifício, há sempre adaptação, há sempre um esforço.”), Investimento na relação (8) – (“... tem que haver um grande investimento (...) ir conhecendo a pessoa...” ), Preocupação do bem-estar na relação (3) – (“... ter a preocupação e o cuidado de saber cada vez um bocadinho mais daquela pessoa e

---

<sup>6</sup> Anexo III

*demonstrar um cuidado para com ela...*”) e Nível emocional (4) – (“... *afecto e interesse emocional...*”).

Relativamente à categoria macro **Atitudes face à Coabitação** foram encontradas 8 categorias: Etapa natural (5) – (“*É um passo natural nas relações (...) é um objectivo que eu pretendo...*”), Etapa como experiência (2) – (“... *sentem que já é altura de experimentar, para ver se resulta...*”), Coabitação com casamento no futuro (3) – (“*Escolheria, para mim, passar, mudar-me, ficar com a pessoa junto, constantemente, diariamente, ir viver juntos e casar.*”), Coabitação sem casamento no futuro (2) – (“... *não querem casar e decidem viver juntos.*”), Coabitação como forma de independência (2) – (“... *já tinha a ideia de ser independente, só que é uma independência co-partilhada...*”), Coabitação para estar mais tempo com o parceiro (2) – (“... *passamos muito tempo juntos, sentimos que há uma pessoa com quem nós queremos passar mais tempo do que com todas as outras (...) com quem nós queremos partilhar o fim do dia...*”), Conveniência (4) – (“... *ou é pela situação de vida em que ambos estão, por exemplo, existem muitos casais que estão em Lisboa a trabalhar e que namoram e que por uma questão financeira, e também porque namoram, vão viver juntos...*”) e Não coabitação (3) – (“... *acho que isso só vai fazer sentido com a decisão de casarmos (...) compromisso um para o outro, um com o outro e pronto, e mais a longo prazo, e não tanto só o ir morar juntos.*”).

### **3.2. Apresentação dos resultados quantitativos**

#### *3.2.1. Análise da normalidade das variáveis em estudo<sup>7</sup>*

Com o objectivo de perceber se as variáveis em estudo têm distribuição normal, para saber que testes utilizar – testes paramétricos ou não paramétricos – procedeu-se à análise da normalidade das variáveis utilizando o teste de *Kolmogorov-Smirnov* ( $n > 30$ ) (Maroco, 2010). A distribuição normal não foi comprovada para nenhuma das variáveis em estudo ( $p < .05$ ).

#### *3.2.2. Análise da relação entre o Compromisso e as Atitudes face à Coabitação<sup>8</sup>*

Para verificar se existe relação entre o Compromisso e as Atitudes face à Coabitação, recorreu-se à correlação de *Pearson*, uma vez que, como já referido

---

<sup>7</sup> Ver output 1 do Anexo II

<sup>8</sup> Ver output 2 do Anexo II

anteriormente, a amostra tem um número elevado de participantes ( $N=305$ ), o que pode ser suportado por testes paramétricos. O coeficiente de correlação não é significativo ( $p>.05$ ), pelo que se pode admitir que não existe relação entre as variáveis Compromisso e Atitudes face à Coabitação ( $r=.079$ ).

### *3.2.3. Análise das diferenças da variável sexo relativamente ao Compromisso<sup>9</sup>*

Para fazer esta análise utilizou-se o teste t-Student, para amostras independentes, onde se verificou que os homens têm uma média de 77.04 ( $DP=10.53$ ) e as mulheres, uma média de 74.10 ( $DP=11.83$ ), relativamente à variável compromisso. Assim, estando os pressupostos da igualdade de variâncias assegurado ( $p=.086$ ), pode verificar-se que os homens apresentam níveis superiores de Compromisso, sendo essa diferença significativa ( $t(300)=-2.20$ ;  $p=.028$ ).

### *3.2.4. Análise das diferenças da variável sexo relativamente às Atitudes face à Coabitação<sup>10</sup>*

Relativamente a esta análise, também se utilizou o teste t, onde se verificou que os homens têm uma média de 3.21 ( $DP=1.56$ ) e as mulheres, uma média de 3.25 ( $DP=1.40$ ), relativamente às Atitudes face à Coabitação. Assim, estando os pressupostos da igualdade de variâncias assegurado ( $p=.221 > .05$ ), pode verificar-se que não existe uma diferença estatisticamente significativa ( $t(302)=0.24$ ;  $p=.809$ ).

### *3.2.5. Análise das diferenças da variável coabitação relativamente ao Compromisso<sup>11</sup>*

Tendo uma subamostra de participantes que coabitam ( $N=36$ ) muito reduzida em relação à subamostra de participantes que não coabitam ( $N=269$ ), foi feito um recorte de 36 participantes que não coabitam com características semelhantes à subamostra de coabitantes (e.g. sexo, idade, nível de escolaridade), ficando assim com uma subamostra de 72 participantes.

Uma vez que a subamostra não possui uma distribuição normal numa das variáveis, recorreu-se à utilização de um teste não paramétrico de comparação de médias – o teste de Wilcoxon-Mann-Whitney. A um nível de significância de  $p=.05$ ,

---

<sup>9</sup> Ver *output 3* do anexo II

<sup>10</sup> Ver *output 4* do anexo II

<sup>11</sup> Ver *output 5 e 6* do anexo II



não foram encontrados resultados estatisticamente significativos ( $U=517.50$ ;  $W=1183.50$ ;  $p=.141$ ), relativamente à diferença do grau de compromisso entre os participantes que coabitam e os que não coabitam.

### *3.2.6. Análise das diferenças da variável coabitação relativamente às Atitudes face à Coabitação<sup>12</sup>*

Utilizando novamente o teste estatístico Wilcoxon-Mann-Whitney, não foram encontrados resultados estatisticamente significativos, a um nível  $p<.05$  ( $U=528$ ;  $W=1194$ ;  $p=.147$ ), relativamente à diferença das atitudes face à coabitação entre os participantes que coabitam e os que não coabitam.

### *3.2.7. Análise das diferenças da variável sexo relativamente ao Compromisso, nos participantes que coabitam<sup>13</sup>*

Como o objectivo é analisar as diferenças entre homens e mulheres, nos participantes que coabitam, a análise foi feita nessa subamostra. Assim, a subamostra é constituída por 36 participantes ( $N=36$ ), sendo que 21 são do sexo feminino e 15 do sexo masculino.

Uma vez que uma das variáveis não apresenta distribuição normal, recorreu-se ao teste de Wilcoxon-Mann-Whitney, em que se verificou que a um nível de significância de 0.05, não foram encontrados resultados estatisticamente significativos ( $U=132.50$ ;  $W=363.50$ ;  $p=.422$ ) relativamente à diferença entre os sexos no compromisso, apesar dos homens terem uma média um pouco mais elevada ( $M=20.17$ ) que as mulheres ( $M=17.31$ ).

### *3.2.8. Análise das diferenças da variável sexo relativamente às Atitudes face à Coabitação, nos participantes que coabitam<sup>14</sup>*

O mesmo teste estatístico foi utilizado para averiguar as diferenças dos sexos, relativamente às Atitudes face à Coabitação na subamostra. Foi-nos revelada a inexistência de diferenças significativas entre sexos a um nível  $p<.05$  ( $U=156$ ;  $W=276$ ;  $p=.957$ ).

---

<sup>12</sup> Ver output 5 e 6 do anexo II

<sup>13</sup> Ver output 7 e 8 do anexo II

<sup>14</sup> Ver output 9 do anexo II

## 4. Discussão

Articularemos a discussão dos resultados obtidos pelas questões de investigação apresentadas no capítulo da metodologia.

### *Relação entre o Compromisso Amoroso e as Atitudes face à Coabitação*

Os resultados obtidos mostram-nos que, na amostra deste estudo, não existe qualquer tipo de relação entre o Compromisso Amoroso e as Atitudes face à Coabitação, o que demonstra serem duas coisas independentes, ou seja, uma coisa não implica a outra, uma pessoa com um elevado compromisso pode ter atitudes negativas face à coabitação.

O compromisso é algo que se vai desenvolvendo (“... *também depende das fases do namoro, se é no princípio ou se é depois mais para a frente.*” FG1M[f]) e é a formação de um compromisso que trás a segurança a uma relação (Stanley, 2002). Os comportamentos que demonstram compromisso entre parceiros (“... *ter a preocupação e o cuidado de saber cada vez um bocadinho mais daquela pessoa e demonstrar um cuidado para com ela...*” FG1R[f]), melhoram os processos que protegem e fortalecem a ligação emocional (Gonzaga et al, 2001). Portanto, com o desejo de continuidade da relação, a coabitação poderá ser uma opção anterior ao casamento. No entanto, em casais que o compromisso não parece ser tão elevado, a coabitação é uma fase teste antes do casamento (Stanley et al, 2004).

As atitudes face à coabitação são na generalidade positivas e assim, salienta-se a tendência social de maior aceitação desta alternativa relacional, independentemente da situação actual em que o jovem está. É de salientar outras variáveis que se poderão vir a estudar no futuro, como a religiosidade, já referida anteriormente.

### *Diferenças da variável sexo em função do Compromisso Amoroso*

Os resultados obtidos revelam diferenças estatisticamente significativas em relação ao compromisso, sendo os homens mais comprometidos que as mulheres, o que não quer dizer que as mulheres não sejam comprometidas. Através dos *Focus Groups*, pudemos verificar que ambos os sexos se manifestavam em relação ao compromisso como algo em que a dedicação pessoal (Stanley e Markman 1992) é bastante notória (“... *as duas pessoas estão ali para um objectivo comum que é partilhar as suas coisas*

*um com o outro e ir crescendo...*” FG3A[m]; “... aceitar aquilo que o outro é, sabendo que temos que ceder muitas vezes em questões que são... não tão favoráveis para nós...” FG1Si[f]; “... a compreensão...” FG2D[f]).

Os nossos dados corroboram os resultados obtidos por Stanley (autor da escala) e colaboradores (2002), que referem existir uma tendência dos homens terem níveis mais altos de compromisso, com o casamento, que as mulheres, pois demonstram mais atitudes de sacrifício para com o parceiro que as mulheres. Os homens e as mulheres demonstram o seu compromisso de formas diferentes. Não obstante, vários estudos sugerem que os homens vêem o casamento como algo mais desejado e importante que as mulheres (Peterson, 2002; cit. por Stanley, 2002), o que pode significar que possuam um compromisso mais elevado na fase do namoro.

#### *Diferenças da variável sexo em função das Atitudes face à Coabitação*

Os resultados obtidos neste estudo revelam que não existem diferenças estatisticamente significativas entre sexos, em relação às atitudes face à coabitação, embora os homens tenham, em média, atitudes mais positivas relativamente às mulheres. A literatura diz-nos que muitos jovens adultos acreditam que a coabitação é uma boa maneira de testar a relação antes do casamento, ou, na voz de um participante, “... sentem que já é altura de experimentar, para ver se resulta...” (FG1R[f]) e estas crenças influenciam as escolhas individuais relativamente à coabitação (Axinn & Thornton, 1992). Para muitos jovens, a coabitação proporciona liberdade e independência (associada à vida de solteiro), mas também vantagens associadas ao casamento (Budinski & Trovato, 2005).

Assim, cruzando os dados obtidos com os dados existentes na literatura, pode afirmar-se que muitos jovens vêem a coabitação como “*um passo natural nas relações...*” (FG1P[m]), ao passo que outros consideram que a coabitação “*...só vai fazer sentido com a decisão de casarmos (...) compromisso um para o outro, um com o outro e pronto, e mais a longo prazo, e não tanto só o ir morar juntos.*” (FG1M[f]), de um ponto de vista geral, sem diferenciar sexos.

#### *Diferenças entre os que coabitam e os que não coabitam, relativamente ao Compromisso Amoroso*

Os resultados obtidos indicam que não existem diferenças estatisticamente significativas, relativamente ao compromisso, entre os participantes que coabitam

(*“Partilha das coisas, do bem e do mal.”; “... tem de haver uma quota-parte de individualidade, mas acima de tudo uma grande quota-parte de partilha.”* FG3J[m]) e os que não coabitam (*“... compreensão...”*; *“...partilha...”* FG3S[f]), embora os que coabitam tenham médias ligeiramente mais elevadas.

Apesar de não existir diferenças significativas, é provável que as pessoas que coabitam tenham um nível mais elevado de compromisso, pela situação em que se encontram (coabitação), que pode depender de uma dedicação pessoal ou de um compromisso forçado, como referem Stanley e Markman (1992), ou seja, um desejo e disposição para a continuidade da relação ou constrangimentos que fazem com que seja difícil a ruptura da relação.

#### *Diferenças entre os que coabitam e os que não coabitam, no que respeita às Atitudes face à Coabitação*

Mais uma vez, os resultados obtidos indicam que não existem diferenças estatisticamente significativas relativamente às atitudes face à coabitação, entre os participantes que coabitam e os que não coabitam, embora os que coabitam tenham atitudes ligeiramente mais positivas. Visto que estas pessoas se encontram a coabitar, é normal que vejam a coabitação como algo positivo, tendo assim, atitudes positivas face a esta (*“... neste momento também já estou a viver (...) foi digamos o passo lógico.”* FG3J[m]). No entanto, como nos mostram os dados quantitativos, a coabitação também é vista como positiva para muitos não coabitantes (*“...Eu nunca fui muito a favor do casamento e embora já tenha tido alguns relacionamentos longos continuo a não... (...) nunca meti isso na equação.”* FG2Ja[f]). A literatura refere que a coabitação é vista como positiva quando as vantagens ultrapassam as desvantagens, sendo assim uma opção atractiva entre outros possíveis comportamentos (Roger, 1995; cit. por Mynarska & Bernardi, 2006).

#### *Diferenças da variável sexo em função do Compromisso, em coabitantes*

Não foram encontrados resultados estatisticamente significativos relativamente à variável sexo, no compromisso, nos participantes que coabitam, apesar dos homens terem uma média um pouco mais elevada que as mulheres. Isto pode dever-se a esta subamostra ser um recorte da amostra total, em que realmente existem diferenças significativas entre homens e mulheres, sendo os homens mais comprometidos. Os dados não são suportados pela literatura, uma vez que esta refere que a visão e a

experiência do compromisso diferem na coabitação, sendo mais provável que a mulher interprete a coabitação como um passo em direcção ao casamento ou como um indicador do aumento do compromisso (Rhoades et al, 2006).

No entanto, a subamostra é constituída por 36 participantes, o que consideramos ser uma amostra pequena, portanto seria necessária a recolha de mais participantes nestas condições.

#### *Diferenças da variável sexo em função das Atitudes face à Coabitação, em coabitantes*

Por fim, os resultados obtidos indicam a inexistência de diferenças significativas entre sexos, nas atitudes face à coabitação. De facto, se as pessoas coabitam é normal que tenham atitudes positivas em relação à coabitação.

A literatura sugere-nos que hoje em dia, a escola, a formação no trabalho e os processos para o início de carreira fazem os jovens adultos relutantes em relação ao casamento (Lillard et al, 1993) e com atitudes positivas em relação à coabitação. A coabitação é a etapa em que é mais fácil terminar a relação, se esta não resultar, sem os constrangimentos de um casamento.

Assim, os jovens adultos, tanto rapazes como raparigas, “aderem” à coabitação, muitas vezes por conveniência (“... *eu não sou cá de Lisboa e quando eu vim morar com o meu namorado viemos os dois trabalhar para aqui (...) ele arranhou aqui trabalho, também arranhei e pronto e foi aí que viemos para aqui morar...*” FG2D[f]), para estarem mais tempo juntos (“... *passamos muito tempo juntos, sentimos que há uma pessoa com quem nós queremos passar mais tempo do que com todas as outras (...) com quem nós queremos partilhar o fim do dia...*” FG1J[m]) ou para testarem a relação (“... *sentem que já é altura de experimentar, para ver se resulta...*” FG1R[f]), como referem Rhoades, Stanley e Markman (2009).

## 5. Conclusão

Cabe, neste capítulo final, reflectir sobre os principais resultados do estudo, limitações e propostas para futuros estudos.

A presente investigação permite-nos retirar algumas conclusões gerais, a partir de todos os conhecimentos e estudos apontados e reflectidos e dos dados obtidos e analisados, quer no estudo quantitativo, quer no qualitativo. Assim, como conclusão principal deste estudo (respondendo à questão inicial) e de um modo geral, aponta-se a inexistência de relação entre o compromisso amoroso e as atitudes face à coabitação, entre homens e mulheres, pois uma pessoa pode ser tão comprometida tendo atitudes mais positivas ou mais negativas face à coabitação e vice-versa. De facto, tal como referido pelos participantes dos *Focus Groups*, a coabitação parece ser um fenómeno cada vez mais normalizado, sendo de esperar que qualquer jovem, independentemente do compromisso actual com a sua própria relação, aceite que jovens como ele possam vir a coabitar. Por outro lado, pode-se considerar a possibilidade de casais com baixos níveis de compromisso experienciarem essa vivência relacional, com consequências negativas ou desafios acrescidos e pouco conscientes. Por exemplo, um Efeito *Sliding* para a coabitação pode levar a que os casais sofram de níveis elevados de angústia, uma vez que deram esse passo sem terem ainda estabelecido um compromisso mútuo (Stanley, Rhoades & Markman, 2006).

Relativamente ao compromisso, cremos ter encontrado um resultado muito interessante, não frequente na literatura (Stanley et al, 2002) – os homens são mais comprometidos que as mulheres. Isto não quer dizer que as mulheres não sejam comprometidas. Acima de tudo, o compromisso, em toda a sua complexidade leva as pessoas a ter uma visão a longo prazo das suas relações. Uma visão que pode surgir dos constrangimentos ou da dedicação (Stanley, Lobitz & Dickson, 1999), ou seja, o constrangimento cria a sensação de permanência e estabilidade e a dedicação advém do desejo de continuidade da relação. Como já referido anteriormente, os homens vêm o casamento como algo mais desejado e importante que as mulheres (Peterson, 2002; cit. por Stanley, 2002), o que pode significar que possuam um compromisso mais elevado na fase do namoro, o que vai de encontro aos nossos resultados.

Em relação às atitudes face à coabitação não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas, o que nos leva a crer que, hoje em dia, a coabitação é uma etapa normal no processo de desenvolvimento de uma relação para ambos os sexos.

A investigação mostra que a coabitação é um factor de risco para a dissolução das relações conjugais (DeMaris & Rao, 1992; Hall & Zhao, 1995; Kieran, 2002, cit. por Kline et al, 2004), embora não aconteça com todos os casais (Kline et al, 2004).

Uma vez que o presente estudo não é longitudinal, não se pode tirar conclusões a esse respeito. Contudo, os dados obtidos sugerem, quer os quantitativos ao apontarem para atitudes positivas, quer os qualitativos em que os participantes normalizam essa transição, que os jovens hoje em dia parecem ter uma visão idealizada da coabitação. De facto, pode não originar dissoluções futuras, mas é necessário que os jovens tenham uma perspectiva mais consciente e reflectida acerca dos riscos que as opções que tomam trazem para a sua relação.

Como referem Rhoades e colaboradores (2009) e como mostram os nossos resultados, existem razões internas e externas para a coabitação, ou seja, passar mais tempo juntos pode ser considerado com uma razão interna e a conveniência como uma razão externa.

Tanto no compromisso, como nas atitudes face à coabitação não existem diferenças significativas entre coabitantes e não coabitantes. Isto sugere que o compromisso não aumenta com a coabitação, ou seja, não é o facto de um indivíduo se encontrar numa relação de coabitação que faz aumentar o compromisso<sup>15</sup>.

### *Limitações*

Consideramos como limitação deste estudo, a homogeneidade da amostra, no que refere à variável “pessoas residência”, uma vez que o número de coabitantes é muito reduzido, relativamente aos não coabitantes. Assim, a subamostra de coabitantes é de apenas 36 sujeitos, o que não permite a realização de testes mais complexos e ricos.

Outra limitação que não pode deixar de ser referida é a representatividade da amostra total (N=305), visto ser uma amostra de conveniência e não ter sido recolhida aleatoriamente.

Consideramos que teria sido mais interessante estudar também as atitudes face ao casamento, uma vez que poderiam ter surgido resultados mais diversificados. Seria

---

<sup>15</sup> Ver esquema da figura 2 do capítulo 1.

também pertinente averiguar as diferenças entre as atitudes face ao casamento e as atitudes face à coabitação. Assim, como limitação, consideramos que, por vezes, foi difícil descentrarmos-nos da variável casamento.

### *Investigações futuras*

Como já foi referido anteriormente, seria valioso integrar a variável casamento em futuros estudos, visto poder ter resultados mais diversificados. Da mesma forma, incluir a variável religião, pode também ser pertinente.

Seria também importante, em futuros estudos, avaliar a percepção que o indivíduo tem da sua relação, de um ponto de vista mais qualitativo.

Em suma, pretende-se que esta investigação seja mais uma “janela” aberta para a compreensão dos comportamentos do namoro no jovem adulto. É de salientar a riqueza que resultou da junção de uma componente qualitativa, pois trouxe para discussão significações dos jovens. Consequentemente, espera-se que as reflexões feitas possam dar pistas para a intervenção nesta faixa etária, uma vez que este é o momento oportuno para intervir, pois esta é uma etapa rica em transições, podendo causar momentos de crise e risco, mas também de novas oportunidades (e.g. intervenções preventivas, como a Educação Pré-Conjugal) (Stanley, 2001). No entanto, mesmo ao nível de intervenção individual (e.g., terapia) e grupal (e.g., grupos de desenvolvimento de competências) com jovens, deve-se trabalhar expectativas, a importância de decisões fundamentadas e conscientes e a importância do compromisso e da construção do “nós”, face a uma sociedade que só foca o “eu”. Contudo, estes podem ser aspectos já trabalhados na adolescência.



## Bibliografia

- Amado, J. S. (2000). A Técnica de Análise de Conteúdo. *Revista Referência*, 5, 53-63.
- Bernhardt, E., Noack, T., & Wiik, K. A. (2009). Cohabitation and Commitment: Is cohabitation really indistinguishable from marriage in Norway and Sweden?. *Journal of Marriage and Family*, 71(3), 465–477.
- Béjin, A. (1987). O casamento extraconjugal nos dias de hoje. Em P.Ariès & A. Béjin (Orgs.) *Sexualidades ocidentais* (pp. 183-193). São Paulo: Brasiliense.
- Bertoldo, R. B. & Barbará, A. (2006). Representação social do namoro: a intimidade na visão dos jovens. *PsicoUSF*, v.11(2) 229-237.
- Booth, A. & Johnson, D. (1988). Premarital Cohabitation and Marital Success. *Journal of Family Issues* (9) 255-272.
- Brüderl, J., Diekmann, A., & Engelhardt, H. (1999). Premarital Cohabitation and Marital Stability in West Germany. *Lifestyle, Family and Gender Studies*. Online Publications.
- Budinski, R. A., Trovato, F. (2005). The Effect of Premarital Cohabitation on Marital Stability over the Duration of Marriage. *Canadian Studies in Population*, Vol. 32.1, pp. 69-95.
- Collins, W. A. & Dulmen, M. (2005). Friendships and Romance in Emerging Adulthood: Assessing Distinctiveness in Close Relationships. In J.J. Arnett & J. L. Tanner (Eds.), *Emerging Adults in America: Coming of Age in the 21<sup>st</sup> Century* (pp. 219-234). Washington: American Psychological Association.

- Gonzaga, G. C., Keltner, D., Londahl, E. A., & Smith, M. D. (2001). Love and the Commitment Problem in Romantic Relations and Friendship. *Journal of Personality and Social Psychology* 81(2), 247-262.
- Gottman, J. M., & Notarius, C. I. (2002). Marital research in the 20<sup>th</sup> century and a research agenda for the 21<sup>st</sup> century. *Family Process*, 41(2), 159-197.
- Johnson, M. P. (1973). Commitment: A Conceptual Structure and Empirical Application. *The Sociological Quarterly* (14) 395-406.
- Johnson M. P., Caughlin J. P., Huston T. L. (1999). The Tripartite Nature of Marital Commitment: Personal, Moral, and Structural Reasons to Stay Married. *Journal of Marriage and the Family*, 61, 160-177.
- Kline, G. H., Stanley, S. M., Markman, H. J., Olmos-Gallo, P. A., St. Peters, M., Whitton, S. W., et al. (2004). Timing is everything: Pre-engagement cohabitation and increased risk for poor marital outcomes. *Journal of Family Psychology*, 18(2), 311-318.
- Lillard, L. A., Brien, M. J., & Waite, L. (1995) Premarital Cohabitation and Subsequent Marital Dissolution: A Matter of Self-Selection? *Demography* (32), 437-457.
- Manning, W. D., & Smock, P. J. (2005). Measuring and modeling cohabitation: New perspectives from qualitative data. *Journal of Marriage and Family*, 67, 989-1002.
- Marôco, J. (2010). *Análise estatística: Com o PASW statistics (ex-SPSS)*. Pêro Pinheiro: ReportNumber
- Morgan, D. L. & Krueger, R. A. (1998). *The Focus Group Kit*. California: Thousand Oaks, Sage Publications.

- Morris, M. L., & Carter, S. A. (1999). Transition to Marriage: A Literature Review. *Journal of Family and Consumer Sciences Education*, 17(1), 1-21.
- Mynarska, M. & Bernardi, L. (2006). Meanings and Attitudes to Cohabitation in Poland: Qualitative analyses of the slow diffusion of cohabitation among the young generation. Max Planck Institute for Demographic Research.
- Narciso, I., & Ribeiro, M. T. (2009). *Olhares sobre a Conjugalidade*. Lisboa: Coisas de Ler.
- Olson, D.H., & Olson-Sigg, A. (2007). Overview of cohabitation research. Life Innovations, Inc.
- Pego, A. L. (2009). *Relacionamentos Amorosos no Jovem Adulto e Formação do Casal: Uma Revisão da Literatura*. Artigo escrito (não publicado) no âmbito do Programa Inter-Universitário de Doutoramento em Psicologia. Área de especialização em Psicologia Clínica – Área temática: Psicologia da Família e Intervenção Familiar em regime de associação, pelas Faculdades de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra e da Universidade de Lisboa.
- Rhoades, G. K., Petrella, J. N., Stanley, S. M., & Markman, H. J. (2006). Premarital cohabitation, husbands' commitment, and wives' satisfaction with the division of household contributions. *Marriage and Family Review*, 40(4), 5-22.
- Rhoades, G. K., Stanley, S. M., & Markman, H. J. (2006). Pre-engagement Cohabitation and Gender Asymmetry in Marital Commitment. *Journal of Family Psychology*, Vol. 20, No. 4, 553-560.
- Rhoades, G. K., Stanley, S. M., & Markman, H. J. (2009). Couples' Reasons for Cohabitation: Associations With Individual Well-Being and Relationship Quality. *Journal of Family Issues*, Vol. 30, No. 2, 233-258.

- Simões, M. R. (1994). Investigações no âmbito da Aferição Nacional do Teste das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven (M.P.C.R.). Dissertação de Doutoramento em Psicologia, especialização em Avaliação Psicológica, apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Stanley, S. M. (2001). Making a Case for Premarital Education. *Family Relations*, 50, 272-280.
- Stanley, S. M. (2002). What is it with Men and Commitment, Anyway? Keynote address to the 6th Annual Smart Marriages Conference. Washington D. C.
- Stanley, S. M., & Markman, H. J. (1992). Assessing commitment in personal relationships. *Journal of Marriage and the Family*, 54, 595-608.
- Stanley, S. M., & Markman, H. J. (1997) Marriage in the 90s: A Nationwide Random Phone Survey. Denver, Colorado: PREP, Inc.
- Stanley, S. M., Lobitz, W.C., & Dickson F. C. (1999) *Using what we know: commitment and cognitions in marital therapy*. Handbook of interpersonal commitment and relationship quality, New York.
- Stanley, S. M., Markman, H. J., & Whitton, S. (2002). Communication, conflict, and commitment: Insights on the foundations of relationship success from a national survey. *Family Process*, 41(4), 659-675.
- Stanley, S. M., Rhoades, G. K., & Markman, H. J. (2006). Sliding vs. deciding: Inertia and the premarital cohabitation effect. *Family Relations*, 55, 499-509.
- Stanley, S. M., Whitton, S. W., & Markman, H. J. (2004). Maybe I do: Interpersonal commitment and premarital or nonmarital cohabitation. *Journal of Family Issues*, 25, 496-519.

**Anexos**

## Anexo I – Consentimento informado, Questionário sociodemográfico, Escala do Compromisso e Escala das Atitudes face à Coabitação

### Investigação sobre Relacionamentos Amorosos no Jovem Adulto

A investigação para a qual pedimos a sua colaboração está a ser feita no âmbito da tese de doutoramento em Psicologia Clínica de Ana Lúcia Pego, num programa inter-universitário das Faculdades de Psicologia das Universidades de Lisboa e Coimbra, sob orientação das Professoras Doutoradas Maria Teresa Ribeiro e Madalena Lourenço.

O objectivo desta investigação é compreender melhor os relacionamentos amorosos do jovem adulto, suas características, vivências e percursos. A análise dos dados recolhidos através dos questionários que se seguem irá contribuir para este conhecimento e irá também permitir que se possa, no futuro, ajudar de uma forma mais eficaz jovens e casais. Por isto, a sua colaboração é extremamente importante.

Os questionários que irá encontrar apresentam, no início, instruções de preenchimento. É muito importante que **responda a todas as questões** para que os dados possam ser correctamente analisados. Tenha, igualmente, em conta que as folhas se encontram impressas **frente e verso**.

Nestes questionários **não há respostas certas ou erradas**; o mais importante é mesmo a sua opinião. Estes devem ser preenchidos individualmente, sendo anónimos e todos os dados confidenciais.

Desde já agradecemos a sua disponibilidade em participar neste estudo. Sem o seu contributo não seria possível realizar esta investigação. Muito obrigada!

A investigadora,

Ana Pego.

---

Tomei conhecimento do objectivo do estudo e do que tenho de fazer para participar no estudo. Assim, declaro que aceito participar na investigação.

Rubrica (por favor não indicar o nome ou outro dado que permita a sua identificação): \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

## QUESTIONÁRIO GERAL

É muito importante que leia atentamente e responda a todas as questões. Quando não tiver a certeza acerca de um valor ou resposta responda, por favor, com o mais aproximado.

### DADOS PESSOAIS

#### 1. Idade

\_\_\_\_\_ anos

#### 2. Sexo

☐ Feminino

☐ Masculino

#### 3. Escolaridade

☐ Menos que o 9º ano

☐ 9º ano

☐ 12º ano

☐ A frequentar o ensino superior

☐ Ensino superior concluído

☐ Estudos pós-graduados

4. Origem étnica/racial: \_\_\_\_\_

5. Profissão ou curso e ano escolar (para estudantes) \_\_\_\_\_

6. Concelho de residência \_\_\_\_\_

#### 7. Com quem habita durante o tempo de aulas/ semana de trabalho?

☐ Familiares. Especifique \_\_\_\_\_

☐ Colegas/amigos

☐ Sozinho(a)

☐ Namorado(a)/Companheiro(a)

☐ Outra situação. Especifique \_\_\_\_\_

#### 8. Estado civil

☐ Solteiro(a)

☐ Casado

☐ União de facto

☐ Divorciado(a)/separado(a)

☐ Viúvo(a)

9. Encontra-se, no momento presente, numa relação amorosa?

☐ Não ☐ Sim

10. Já viveu uma relação de coabitação com um par amoroso ANTERIOR ao relacionamento actual?

☐ Não ☐ Sim. Indique o tempo em meses (aproximadamente) \_\_\_\_

11. Filhos

☐ Sem filhos ☐ Gravidez actual ☐ Com filhos. Quantos? \_\_\_\_

12. Pais – Estado Civil

Pai:

☐ Casado  
☐ União de facto/coabitação  
☐ Divorciado/separado  
☐ Viúvo  
☐ Solteiro  
☐ Falecido  
☐ Não sei

Mãe:

☐ Casado  
☐ União de facto/coabitação  
☐ Divorciada/separada  
☐ Viúva  
☐ Solteira  
☐ Falecida  
☐ Não sei

13. Independentemente do estado civil actual, algum dos seus pais (ou ambos) já foi divorciado/separado?

☐ Não Sim: ☐ Pai  
☐ Mãe

14. É crente em alguma religião?

☐ Não ☐ Sim. Qual? \_\_\_\_\_  
É praticante? ☐ Não ☐ Sim

#### DADOS DA RELAÇÃO AMOROSA ACTUAL

(caso não se encontre presentemente numa relação amorosa, pense na última que viveu)

15. Duração da relação

\_\_\_\_ anos \_\_\_\_ meses (ex: caso namore há um ano e dois meses, responder – 1 anos 2 meses)

16. Frequência do contacto

☐ Estamos juntos todos os dias  
☐ Estamos juntos várias vezes por semana  
☐ Estamos juntos menos do que uma vez por semana  
☐ Outra situação. Especifique \_\_\_\_\_



**17. Vida sexual activa na relação**

☐ Sim ☐ Não

**18. Situação relacional (escolha a(s) opção/opções que melhor caracteriza(m) a sua relação):**

- ☐ Não vivo com o meu par amoroso nem tencionamos fazê-lo
- ☐ Não vivo com o meu par amoroso mas tencionamos viver juntos a curto/médio prazo
- ☐ Não vivo com o meu par amoroso mas tencionamos viver juntos a longo prazo
- ☐ Não vivo com o meu par amoroso mas tencionamos viver juntos caso casemos
- ☐ Dormimos ocasionalmente na casa de um de nós
- ☐ Dormimos várias vezes por semana na casa de um de nós
- ☐ Vivemos juntos. Especifique há quanto tempo \_\_\_\_\_
- ☐ Outra situação. Especifique \_\_\_\_\_

**19. Planeiam casar-se?**

- ☐ Nunca falámos sobre o assunto
- ☐ Não, por vontade de ambos
- ☐ Não, mas eu gostaria
- ☐ Falámos sobre o assunto mas sem nada definido
- ☐ Sim, marcámos data a longo prazo (daqui a mais de um ano)
- ☐ Sim, marcámos data a médio prazo (cerca de um ano)
- ☐ Sim, marcámos data a curto prazo (menos de um ano)

**OUTRAS INFORMAÇÕES**

Estaria disponível para participar novamente e ser contactado(a) no contexto desta investigação?

- ☐ Não
  - ☐ Sim. Por favor, deixe o seu nome e contactos (tlfm./email) \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_

RS

(Stanley, 1986; versão portuguesa, Pego, Ribeiro & Lourenço, 2009)

Responda a cada questão seguinte indicando a sua concordância ou discordância face à ideia expressa. Para cada item, assinale com uma cruz (X) a coluna correspondente ao número desejado, de 1 a 7, indicando o seu grau de acordo ou desacordo. Responda, por favor, a todos os itens.

- 1 = Discorda fortemente  
2  
3  
4 = Nem concorda nem discorda  
5  
6  
7 = Concorda fortemente

	1	2	3	4	5	6	7
1. O meu relacionamento com o meu par amoroso é mais importante para mim que praticamente qualquer outra coisa na minha vida.							
2. Quero que este relacionamento permaneça forte não importam os maus momentos que possamos vir a encontrar.							
3. Não me sinto compelido(a) a manter todos os compromissos que faço.							
4. Gosto de pensar em mim e no meu par mais em termos de "nós" do que "eu" e "ele/ela".							
5. Penso muito em como seria estar casado(a) (ou a namorar) com outra pessoa que não o meu par amoroso.							
6. O meu relacionamento com o meu par faz claramente parte dos meus planos para o futuro.							
7. A minha carreira (ou trabalho, estudos, lar, filhos, etc.) é mais importante para mim que a minha relação com o meu par.							
8. Sacrificar-me pelo meu par amoroso faz-me sentir bem comigo mesmo(a).							
9. Não quero ter uma forte identidade enquanto casal com o meu par.							
10. Não faço compromissos a menos que acredite que os vou manter.							
11. Muitas vezes não vale a pena desistir de algo pelo meu par.							
12. De facto, muitas vezes a relação com o meu par tem de ficar em segundo plano face a outros interesses meus.							
13. Não estou seriamente atraído(a) por outra pessoa para além do meu par amoroso.							
14. Posso não querer estar com o meu par amoroso daqui a uns anos.							

#### ACD

(Cunningham & Thornton, 2006, 2007; versão portuguesa, Pego, Ribeiro & Lourenço, 2009)

Indique (X) o seu grau de acordo ou desacordo face às seguintes afirmações relacionadas com coabitação e divórcio.

	Concordo Muito	Concordo	Discordo	Discordo Muito
1. Está certo um casal viver junto sem planear casar.				
2. Um jovem casal não deverá viver junto a não ser que seja casado.				
3. Quando há crianças na família, os pais devem permanecer juntos mesmo que não se dêem bem.				
4. O divórcio é normalmente a melhor solução, quando um casal parece não conseguir resolver os seus problemas conjugais.				

## Anexo II – Outputs da análise do estudo quantitativo

### Output 1 – Teste da normalidade da amostra total (N=305)

Tests of Normality						
	Kolmogorov-Smirnov <sup>a</sup>			Shapiro-Wilk		
	Statistic	df	Sig.	Statistic	Df	Sig.
RS_TOTAL	,066	302	,003	,977	302	,000
At_Coabit_TOTAL	,228	302	,000	,781	302	,000
2. Sexo	,397	302	,000	,619	302	,000

a. Lilliefors Significance Correction

### Output 2 – Correlações entre o Compromisso Amoroso e Atitudes face à Coabitação

Correlations			
		RS_TOTAL	At_Coabit_TOTAL
RS_TOTAL	Pearson Correlation	1	,079
	Sig. (2-tailed)		,169
	N	302	302
At_Coabit_TOTAL	Pearson Correlation	,079	1
	Sig. (2-tailed)	,169	
	N	302	304

*Output 3 – Diferenças entre as médias da variável sexo relativamente ao Compromisso*

**Group Statistics**

2. Sexo		N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
RS_TOTAL	Feminino	184	74,0978	11,83221	,87228
	Masculino	118	77,0424	10,53232	,96958

**Independent Samples Test**

		Levene's Test for Equality of Variances	
		F	Sig.
RS_TOTAL	Equal variances assumed	2,960	,086
	Equal variances not assumed		

**Independent Samples Test**

		t-test for Equality of Means				
		T	Df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference
RS_TOTAL	Equal variances assumed	-2,201	300	,028	-2,94455	1,33777
	Equal variances not assumed	-2,258	269,969	,025	-2,94455	1,30421

*Output 4 – Diferenças entre as médias da variável sexo relativamente às Atitudes face à Coabitação*

**Group Statistics**

2. Sexo		N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
At_Coabit_TOTAL	Feminino	184	3,2500	1,40355	,10347
	Masculino	120	3,2083	1,55513	,14196

**Independent Samples Test**

		Levene's Test for Equality of Variances	
		F	Sig.
At_Coabit_TOTAL	Equal variances assumed	1,504	,221
	Equal variances not assumed		

**Independent Samples Test**

		t-test for Equality of Means				
		t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference
At_Coabit_TOTAL	Equal variances assumed	,242	302	,809	,04167	,17192
	Equal variances not assumed	,237	235,753	,813	,04167	,17567

*Output 5 – Teste da normalidade das variáveis na subamostra (N=72)*

Tests of Normality						
	Kolmogorov-Smirnov <sup>a</sup>			Shapiro-Wilk		
	Statistic	df	Sig.	Statistic	Df	Sig.
RS_TOTAL	,096	72	,099	,969	72	,077
At_Coabit_TOTAL	,268	72	,000	,771	72	,000
2. Sexo	,390	72	,000	,623	72	,000

a. Lilliefors Significance Correction

*Output 6 – Diferenças entre as médias da variável Compromisso em função da coabitação*

Ranks				
	RecPesResid	N	Mean Rank	Sum of Ranks
RS_TOTAL	Não Coabit	36	32,88	1183,50
	Coabit	36	40,13	1444,50
	Total	72		
At_Coabit_TOTAL	Não Coabit	36	39,83	1434,00
	Coabit	36	33,17	1194,00
	Total	72		

Test Statistics <sup>a</sup>		
	RS_TOTAL	At_Coabit_TOTAL
Mann-Whitney U	517,500	528,000
Wilcoxon W	1183,500	1194,000
Z	-1,471	-1,450
Asymp. Sig. (2-tailed)	,141	,147

a. Grouping Variable: RecPesResid

*Output 7 – Teste da normalidade das variáveis da subamostra (N=36)*

Tests of Normality						
	Kolmogorov-Smirnov <sup>a</sup>			Shapiro-Wilk		
	Statistic	df	Sig.	Statistic	Df	Sig.
RS_TOTAL	,131	36	,121	,964	36	,288
At_Coabit_TOTAL	,321	36	,000	,746	36	,000
2. Sexo	,381	36	,000	,627	36	,000

a. Lilliefors Significance Correction

*Output 8 – Diferenças entre as médias da variável sexo relativamente ao Compromisso, nos participantes que coabitam*

Ranks				
2. Sexo		N	Mean Rank	Sum of Ranks
RS_TOTAL	Feminino	21	17,31	363,50
	Masculino	15	20,17	302,50
	Total	36		

Test Statistics <sup>b</sup>	
	RS_TOTAL
Mann-Whitney U	132,500
Wilcoxon W	363,500
Z	-,804
Asymp. Sig. (2-tailed)	,422
Exact Sig. [2*(1-tailed Sig.)]	,427 <sup>a</sup>

a. Not corrected for ties.

b. Grouping Variable: 2. Sexo



*Output 9 – Diferenças entre as médias da variável sexo relativamente às Atitudes face à Coabitação, nos participantes que coabitam*

Ranks				
2. Sexo		N	Mean Rank	Sum of Ranks
At_Coabit_TOTAL	Feminino	21	18,57	390,00
	Masculino	15	18,40	276,00
	Total	36		

Test Statistics <sup>b</sup>	
	At_Coabit_TOTAL
Mann-Whitney U	156,000
Wilcoxon W	276,000
Z	-,053
Asymp. Sig. (2-tailed)	,957
Exact Sig. [2*(1-tailed Sig.)]	,975 <sup>a</sup>

a. Not corrected for ties.

b. Grouping Variable: 2. Sexo

### Anexo III – Quadro de categorias da análise de conteúdo dos *Focus Groups*

Categorias macro, Categorias e Sub-categorias	Frequência
<b>1. Compromisso</b>	
1.1 Nível interno	
<i>A. Honestidade/Sinceridade</i>	7
<i>B. Respeito</i>	6
<i>C. Compreensão</i>	4
<i>D. Partilha</i>	3
<i>E. Confiança</i>	3
<i>F. Confidencialidade</i>	1
<i>G. Cumplicidade</i>	1
<i>H. Desejo de continuidade da relação</i>	7
<i>I. Sacrifício pela relação</i>	3
<i>J. Investimento na relação</i>	8
<i>K. Preocupação do bem-estar na relação</i>	3
<i>L. Nível emocional</i>	4
1.2 Nível externo	3
1.3 Nível temporal	1
<b>2. Atitudes face à coabitação</b>	
2.1 Etapa natural	5
2.2 Etapa como experiência	2
2.3 Coabitação com casamento no futuro	3
2.4 Coabitação sem casamento no futuro	2

2.5 Coabitação como forma de independência	2
2.6 Coabitação para estar mais tempo com o parceiro	2
2.7 Conveniência	4
2.8 Não coabitação	3

**Anexo IV – Quadros com as unidades de registo da amostra dos *Focus Groups***

<b>Compromisso</b>		
<b>Nível interno</b>	<b>Honestidade/ Sinceridade</b>	<p>FG1J – “ honestidade...”</p> <p>FG1J – “... a honestidade, ser sinceros para a outra pessoa, acho que faz parte, ajuda a que se mantenha a satisfação das duas pessoas.”</p> <p>FG1M – “... sermos verdadeiros um com o outro...”</p> <p>FG1J – “A honestidade, acho que é essencial...”</p> <p>FG2N – “... honestidade...”</p> <p>FG2D – “...sinceridade...”</p> <p>FG2D – “... sinceridade... honestidade.”</p>
	<b>Respeito</b>	<p>FG1Sa – “... respeitar o espaço da outra pessoa...”</p> <p>FG2D – “... tem que haver respeito...”</p> <p>FG2Jo – “Escutar a outra pessoa e respeitá-la.”</p> <p>FG3F – “Respeito.”</p> <p>FG3J – “... respeitar a outra pessoa, respeitar as opiniões da outra pessoa e saber conjugar as coisas.”</p>

		FG3F – “... respeito... pela outra pessoa.”
	<b>Compreensão</b>	<p>FG1J – “...tentar mesmo compreender o que é que a outra pessoa também nos está a querer dizer, acho que é essencial.”</p> <p>FG2D – “... ter compreensão...”</p> <p>FG2D – “... a compreensão...”</p> <p>FG3S – “... compreensão...”</p>
	<b>Partilha</b>	<p>FG3J – “Partilha das coisas, do bem e do mal.”</p> <p>FG3S – “Partilha...”</p> <p>FG3J – “... tem de haver uma quota-parte de individualidade, mas acima de tudo uma grande quota-parte de partilha.”</p>
	<b>Confiança</b>	<p>FG1J – “... necessidade de confiar na pessoa, e ser pelo menos minimamente amigo...”</p> <p>FG2D – “...confiança, tem que haver lealdade.”</p> <p>FG3C – “... confiança e tinha que ter o mínimo, o mínimo de intenção para a fidelidade...”</p>
	<b>Confidencialidade</b>	FG3F – “Confidencialidade.”
	<b>Cumplicidade</b>	FG3J – “... haver uma certa cumplicidade...”

	<b>Desejo de continuidade da relação</b>	<p>FG1Sa – “...é uma coisa para ser mais a longo prazo...”</p> <p>FG1Si – “... é preciso já estar a pensar um bocado no futuro (...) acho importante pensar-se no futuro.”</p> <p>FG1R – “...desejamos ter um relacionamento longo e duradouro com essa pessoa...”</p> <p>FG2Ja – “...terem um objectivo comum (...) algo que os mantenha unidos.”</p> <p>FG2M – “... as duas pessoas construírem um futuro.”</p> <p>FG2Jo – “... a expectativa de uma vida em comum.”</p> <p>FG3A – “... as duas pessoas estão ali para um objectivo comum que é partilhar as suas coisas um com o outro e ir crescendo...”</p>
	<b>Sacrifício pela relação</b>	<p>FG1Si – “... aceitar aquilo que o outro é, sabendo que temos que ceder muitas vezes em questões que são... não tão favoráveis para nós...”</p> <p>FG2N – “... acho que vai haver alturas em que eles vão ter que fazer sacrifícios, não fazer aquelas coisas que eles mais gostavam de estar fazer agora, para, prontos, porque senão não estão a caminhar na mesma direcção. “</p>

		FG3C – “... de muito sacrifício, de muito dar pelo outro (...) há sempre sacrifício, há sempre adaptação, há sempre um esforço.”
	<b>Investimento na relação</b>	<p>FG1R – “... ser-mos nós próprios e ao mesmo tempo adaptar uma parte de nós também à outra pessoa (...) aceitar-mos a outra pessoa como ela é...”</p> <p>FG1M – “... aprender a conhecer o outro...”</p> <p>FG1J – “... procuram conhecer-se uma à outra (...) conhecer profundamente uma pessoa.”</p> <p>FG2D – “... tentar sempre conciliar as coisas.”</p> <p>FG3C – “... tem que haver um grande investimento (...) ir conhecendo a pessoa...”</p> <p>FG3C – “ ... volta e meia vejo uma coisa linda há minha frente e pronto começo a pensar, e se e se, e acho que muitas vezes tem que ser a nossa própria decisão, temos de tomar a decisão de ok, não vou sair da linha, a minha linha é esta, é por aqui que eu quero ir. Ponto final.”</p> <p>FG3S – “... o eu, o tu, e o nós (...) pensarmos em conjunto”</p> <p>FG3S – “... é importante nós querermos mesmo conhecer.”</p>
	<b>Preocupação do</b>	FG1J – “... o bem-estar das duas pessoas...”

	<b>bem-estar na relação</b>	<p>FG1R – “... Perceber o que é que é prioritário para a outra pessoa, o que é que é prioritário para nós...”</p> <p>FG1R – “... ter a preocupação e o cuidado de saber cada vez um bocadinho mais daquela pessoa e demonstrar um cuidado para com ela...”</p>
	<b>Nível emocional</b>	<p>FG1J – “... afecto e interesse emocional...”</p> <p>FG1M – “... interesse um pelo outro...”</p> <p>FG1Si – “... ligação emocional...”</p> <p>FG1J – “... afecto pela outra pessoa...”</p>
<b>Nível externo</b>	<p>FG2N – “... acordo mútuo (...) estarem juntos um com o outro...”</p> <p>FG2N – “... reconhecimento público...”</p> <p>FG2N – “... para mim um namoro também tem lógica é, tem de estar bastante ligado com o casamento, acho que para mim é a continuação, as pessoas vão namorar para verem se vão casar ou não, é uma fase de, sabes, de pré-casamento.”</p>	
<b>Nível temporal</b>	<p>FG1M – “... também depende das fases do namoro, se é no princípio ou se é depois mais para a frente.”</p>	



<b>Atitudes face à coabitação</b>	
<b>Etapas naturais</b>	<p>FG1Sa – “... nós passamos tanto tempo a dormir na casa um do outro e... não coabitamos, mas passamos tanto tempo juntos na mesma casa, parece que é quase instintivo, que é o próximo passo a dar.”</p> <p>FG1P – “É um passo natural nas relações (...) é um objectivo que eu pretendo...”</p> <p>FG3F – “...neste momento estou a viver junta (...) começa lá a dormir uma noite, vai uma, vais duas, vai três, pronto, começou a viver lá.</p> <p>FG3J – “... neste momento também já estou a viver (...) foi digamos o passo lógico.”</p> <p>FG2N – “... o passo seguinte seria o juntarem-se mesmo.”</p>
<b>Etapas como experiência</b>	<p>FG1R – “... sentem que já é altura de experimentar, para ver se resulta...”</p> <p>FG2Ja – “... no caso da minha irmã foi uma preparação para o casamento. Acabou por ser para verem se eles os dois juntos combinavam bem a viver.”</p>
<b>Coabitação com casamento no futuro</b>	<p>FG2N – “Escolheria, para mim, passar, mudar-me, ficar com a pessoa junto, constantemente, diariamente, ir viver juntos e casar.”</p> <p>FG2D – “... neste momento estou a viver junta. De momento não penso em casar mas, mas não ponho a hipótese de lado.”</p> <p>FG2D – “Podes viver junto durante uns tempos e mais tarde casar.”</p>

<p><b>Coabitação sem casamento no futuro</b></p>	<p>FG1R – “... não querem casar e decidem viver juntos.”</p> <p>FG2Ja – “...Eu nunca fui muito a favor do casamento e embora já tenha tido alguns relacionamentos longos continuo a não... (...) nunca meti isso na equação.”</p>
<p><b>Coabitação como forma de independência</b></p>	<p>FG1J – “... já tinha a ideia de ser independente, só que é uma independência co-partilhada...”</p> <p>FG2Jo – “Quer ter o seu espaço e depois continua a querer partilhar esse espaço com alguém...”</p>
<p><b>Coabitação para estar mais tempo com o parceiro</b></p>	<p>FG1J – “... passamos muito tempo juntos, sentimos que há uma pessoa com quem nós queremos passar mais tempo do que com todas as outras (...) com quem nós queremos partilhar o fim do dia...”</p> <p>FG2D – “... as pessoas querem partilhar o espaço, querem estar mais tempo juntos para não estarem com aquela coisa de estares com a pessoa mas depois cada um tem que ir para sua casa...”</p>
<p><b>Conveniência</b></p>	<p>FG1R – “... ou é pela situação de vida em que ambos estão, por exemplo, existem muitos casais que estão em Lisboa a trabalhar e que namoram e que por uma questão financeira, e também porque namoram, vão viver juntos...”</p> <p>FG2D – “... eu não sou cá de Lisboa e quando eu vim morar com o meu namorado viemos os dois trabalhar para aqui (...) ele arranjou aqui trabalho, também arranjei e pronto e foi aí que viemos para aqui morar...”</p> <p>FG2D – “...como é óbvio tem sempre aquelas vantagens fazer o que bem entendes com a pessoa e juntas sempre o útil ao</p>

	<p>agradável. Aproveitas o tempo de outra maneira pronto, como é óbvio.”</p> <p>FG2Ja – “... o meu namorado trabalha à noite, trabalha das sete à meia-noite e se não fosse assim nós não nos podíamos ver. Nós tentamos inicialmente assim e era super complicado, eu andava estoirada, andava a deitar-me super tarde e a levantar-me super cedo, e então acabamos por conciliar assim as coisas e pronto.”</p>
<b>Não coabitação</b>	<p>FG1M – “... acho que isso só vai fazer sentido com a decisão de casarmos (...) compromisso um para o outro, um com o outro e pronto, e mais a longo prazo, e não tanto só o ir morar juntos.”</p> <p>FG1M – “Eu vejo muito o namoro como uma preparação, vá lá, para um casamento e para uma relação futura para o resto da vida (...) para mim faz sentido o casamento, para outras pessoas não faz sentido e vão morar juntas e pronto...”</p> <p>FG2N – “... para mim um namoro também tem lógica é, tem de estar bastante ligado com o casamento, acho que para mim é a continuação, as pessoas vão namorar para verem se vão casar ou não, é uma fase de, sabes, de pré-casamento.”</p>

## Anexo V – Quadros de caracterização da amostra dos *Focus Groups*

Participante	1	2	3	4	5	6
<b>Sexo</b>	M	F	M	M	F	F
<b>Idade</b>	21	25	23	24	23	18
<b>Coabitação</b>	Não	Não	Não	Não	Não	Não
<b>Tempo de relação</b>	36 meses	40 meses	84 meses	14 meses	54 meses	14 meses

Quadro 1 - Amostra do 1º *Focus Groups*.

Participante	1	2	3	4	5
<b>Sexo</b>	F	M	M	F	M
<b>Idade</b>	25	21	27	27	22
<b>Coabitação</b>	Sim (16 meses)	Não	Não	Não	Não
<b>Tempo de relação</b>	120 meses	16 meses	13 meses	27 meses	18 meses

Quadro 2 – Amostra do 2º *Focus Groups*.

Participante	1	2	3	4	5
<b>Sexo</b>	M	F	F	F	M
<b>Idade</b>	27	20	27	22	25
<b>Coabitação</b>	Não	Não	Sim (10 meses)	Não	Sim (4 meses)
<b>Tempo de relação</b>	32 meses	13 meses	15 meses	45 meses	34 meses

Quadro 3 – Amostra do 3º *Focus Groups*.

## **Anexo VI – Transcrições dos *Focus Groups***

### **TRANSCRIÇÃO FOCUS GROUP 1**

A – Só por precaução, vamos utilizar dois, um mais bonito que o outro. Pronto, queria só pedir-vos alguns detalhes, como isto está a ser gravado, tentar sempre ter algum cuidado, por exemplo, não baterem na mesa, tentarem não mexer muito as folhas porque de facto são muito sensíveis (*apontando para os gravadores*) e depois aparecem todos os barulhinhos na gravação e torna-se muito difícil a transcrição. E também quando estiverem a falar, tentem não interromper, mas façam-me algum sinal ou esperem que a pessoa termine, porque se falarem uns em cima dos outros também é mais difícil identificar a pessoa que está a falar e transcrever correctamente. De qualquer forma vai ser normal haver alturas em que, se calhar falamos vários, mas ter só atenção para esperarmos pela vez. Pronto! Vamos então começar pela apresentação de todos... Eu sou a A. e quem me vai assistir...

N – Eu sou a N., pronto, vou ter um papel de assistente, como já sabem, e vou estar atenta à estrutura do guião, basicamente ser um segundo ouvido para depois ser mais fácil a transcrição da entrevista, do Focus group.

A – Eu pedia que vocês, se calhar, dissessem o vosso nome, a idade, e há quanto tempo é que namoram, está bem? Vamos começar aqui. (*apontando para S.*)

Si – Si., 18 anos, um ano e dois meses.

M – Eu sou a M., tenho 23 e... namoro há 4 anos e meio.

P – Eu sou o P., tenho 24 e namoro há um ano e dois meses.

J – Sou o J., tenho 23 e namoro há 7 anos.

R – Eu sou a R., tenho 25 e namoro há três anos.

Sa – Sa., 21 e namoro há três anos.

A – Ok. Pronto, estamos então a falar de namoro. Portanto, em primeiro lugar, eu gostava de vos perguntar o que é que hoje em dia define uma relação de namoro?

*(todos ficam à espera que alguém comece)*

M – É suposto seguir uma ordem ou...

A – *(risos)* Não, é começar... Força!

M – Eu acho que não há uma definição de namoro, não é? Há vários tipos de..., há vários tipos de pessoas e por isso também há vários tipos de, de relações. Por isso eu acho que, o que eu posso responder é o que é para mim o namoro. Hum... *(risos)* o que é que é para mim? É uma relação estabelecida com outra pessoa, hum... que basicamente há um compromisso, hum... sim! Bilateral, hum... e pronto, eu acho que um bocado desse compromisso faz parte, hum... imensa coisa, e também depende das fases do namoro, se é no princípio ou se é depois mais para a frente. Hum..., mas desde o princípio é um bocado um interesse um pelo o outro, é isso que nos faz gostar um do outro, é isso que nos faz estar a namorar com outra pessoa e... e sermos verdadeiros um com o outro... e pronto, depois um bocadinho por aí e o que daí vem.

A – Mais opiniões? O que é que define hoje em dia o namoro?

J – Podemos pensar de um ponto de vista, de um ponto de vista social acho que existem regras, tipo cultural, que definem, que é um namoro... como a M. falou, no início, as pessoas associam determinados comportamentos, por exemplo, não existe tanta intimidade num namoro de uma semana como num namoro de um ano e aceita-se que determinados comportamentos ocorram num namoro de um ano e num namoro de uma semana, se calhar, as pessoas acham mais estranho. Mas eu acho que, o namoro tem que ser visto como um compromisso, um acordo entre duas pessoas ou mais *(sorri)*, hum... pronto, entre duas pessoas em que, pelo menos, tem que haver o mínimo de afecto e interesse emocional ou físico mas, na minha concepção de namoro terá de ser uma coisa mais emocional, acima de tudo, para definir como namoro.

*(após alguns segundos de silêncio...)*

A – Força!

Sa – Eu acho que é essencialmente o que ele estava a dizer, o compromisso, porque eu e a C. namoramos há três anos, mas antes disso andámos naquela fase, nem namoramos nem... pronto, vai andando e acho que a partir do momento em que assumimos um

compromisso, que é uma coisa para ser mais a longo prazo, acho que é quase a barreira, a partir daí realmente é namoro, até lá não é bem isso.

A – Então pensando em algumas ideias que falámos aqui, o que é que distingue o namoro da amizade, por exemplo?

Si – Eu acho que para além de ser o sentimento, eu acho que lá está, é o compromisso. Eu acho que o namoro é mais... para uma pessoa namorar e ter uma relação é preciso já estar a pensar um bocado no futuro, pelo menos na minha concepção, acho importante pensar-se no futuro. Quando eu penso “é com aquele rapaz que eu quero namorar, que eu quero estar”, é preciso ser um sentimento mesmo muito forte para se assumir uma relação, para se assumir um compromisso. Porque como todos os compromissos são importantes, não considero o namoro menos importante. *(fez um pouco de silêncio)* Fugi um bocado à pergunta? *(risos)*

A – Não! *(sorri)*

Si – Eu acho que é isso. Apesar de tanto na amizade como no amor se ter alguém com que se pode contar, ter uma ligação... no caso da amizade menos emotiva, menos física, menos... por aí... hum... o amor já há mais contacto, para além de haver mais contacto, é o tal compromisso que há.

A – O que é que consideram um bom relacionamento de namoro?

R – Acho que um bom relacionamento de namoro é aquele que... que nos permite sermos nós próprios e ao mesmo tempo adaptar uma parte de nós também à outra pessoa, hum... e ao mesmo tempo aceitar-mos a outra pessoa como ela é, porque se a amamos, se temos realmente esse compromisso, se desejamos ter um relacionamento longo e duradouro com essa pessoa, sabemos que... também temos que a aceitar como ela é e... reconhecer as suas virtudes e os seus pontos mais fracos, mas não nos, hum... digamos assim, também não ficarmos para segundo plano na relação, ou seja, não deixar tudo e mais alguma coisa por causa dessa relação.

J – Acho que o bem-estar das duas pessoas e honestidade, quando definem o tal compromisso, devem ser honestos e saber o que é que se pode fazer, o que é que não se pode fazer e... se há um acordo e que isso é o melhor para cada um, acho que isso aí

define um bom namoro. A partir do momento em que as coisas não estiverem a ser benéficas para uma das pessoas, acho que... transforma-se num mau namoro.

M – Ter um espaço para se conversar e para aprender também a comunicar um com o outro, não é... também... como a R. dizia o... aprender a conhecer o outro e as coisas boas que ele tem e... nós próprios também, eu acho que também vem muito desta dádiva e o ter tempo para falar sobre coisas que não estão a correr tão bem, ou sobre as coisas que estão a correr bem, ou... hum... acho que é muito isto... aprender a comunicar é uma coisa mesmo muito importante, eu acho, no namoro.

J – Sim, nesse ponto até podíamos pensar num... monitorizar a própria... o compromisso. À medida que se vai avançando no tempo, se calhar é necessário haver reajustes no compromisso e pronto... como a M. disse, a honestidade, ser sinceros para a outra pessoa, acho que faz parte, ajuda a que se mantenha a satisfação das duas pessoas.

*(após alguns segundos de silêncio...)*

A – Força!

P – Eu acho que aquilo que eu sinto, como já disseram, é termos consciência na outra pessoa, e principalmente estarmos felizes ao lado, ao lado dela. Acho que isso é...

*(sendo interrompido por Si)*

Si – Não é só estar feliz, desculpa, eu acho que um bom relacionamento também deve ter as suas... tempestadezinhas, que é para também a seguir haver as bonanças. *(risos)* Mas eu acho que um bom namoro... porque, na minha opinião, não existem namoros perfeitos, acho que um bom namoro tem que ter aquelas discussões, tem que ter aqueles ciúmes, saudáveis, ... eu acho que... demonstra que nós gostamos e que nós nos importamos e se fizerem isso connosco pode, pode parecer aquela coisa... “ai pá que coisa!”, mas no fundo, no fundo, ele faz isso porque se importa connosco, então eu acho que as discussões também são boas... para se ter um bom namoro, são importantes para se ter um bom namoro.

P – Sim, para solidificar a relação. Concorde.



A – Mais alguma ideia?

*(após uns segundos de silêncio)*

A – Ok. O que é que consideram mais difícil numa relação a dois, numa relação de namoro?

Si – A distância!

*(risos)*

A – Algo pessoal aqui. *(risos)*. Mais ideias, mais difíceis...

M – Eu acho que a comunicação por um lado é, é muito gratificante, mas por outro acho que, acho que é o que precisa de ser mais trabalhado, hum... a comunicação, os mal entendidos... é muito fácil, eu acho, é muito fácil acontecer, não é? Coisas parvas, coisas que depois, coisas que não são graves, não é... mas até nessas coisas simples do dia-a-dia vemos como é fácil hum... interpretarmos coisas que o outro disse à nossa maneira e não percebermos bem o que é que ele disse. Por isso eu acho que esse ajuste, essa comunicação, acho que, que precisa ter mais investimento.

J – Acho que a comunicação é... há sempre falhas e está-se a criar uma relação que é a o criar-se de uma nova identidade, que é duas pessoas vivem um compromisso e a comunicação pode ser o mais difícil, porque é talvez o essencial à relação e é preciso estar sempre... há sempre falhas na comunicação, não é? São duas pessoas diferentes que estão a tentar fazer a mesma coisa mas...

*(sendo interrompido por Si)*

Si – Cada um à sua maneira...

J – Exacto, exacto! Estratégias diferentes e... e podem haver mal entendidos, eu acho que sim.

Sa – Eu acho que é complicado também às vezes, não numa fase inicial do namoro, mas já passado algum tempo, respeitar o espaço da outra pessoa, porque nós acabamos por nos habituar tanto a estar com a outra pessoa, a contar com a outra pessoa para tudo e

esquecemos que ela não deixa de ser a própria pessoa, e respeita-la enquanto uma pessoa só e não em função do... do casal.

A – Mais áreas, que considerem difíceis e mais desafiantes...

P – Não sei, questões relacionadas com a personalidade de cada um, os choques que já falaram anteriormente, acho que isso, para mim, neste momento, é o que causa mais, mais atritos entre os dois. Mas nada que não se resolva.

A – Uma questão de temperamento...

P – Claro!

A – Mais alguma área?

Si – O termos... eu foco um bocado o que o P. disse, o termos de aceitar aquilo que o outro é, sabendo que temos que ceder muitas vezes em questões que são... não tão favoráveis para nós, pronto, temos de ceder... mas ora aí está, nós para ceder também temos, os outros também têm que ceder, ou seja, dar para receber, não é, então, eu acho que isso também é um bocado complicado, porque às vezes, já me aconteceu chegar a um... a um momento em que ficamos os dois à espera de receber e já não sabemos quem é que há-de receber, mas eu acho que isso também é complicado, o facto de termos de aceitar a personalidade dos outros, para mim isso é um bocado complicado.  
(*sorri*)

Sa – E acho que para além da personalidade, alguns hábitos que já vêm adquiridos com a pessoa, acho um caso flagrante é, quando as pessoas fumavam já antes de namorar e depois chega àquela altura e... “ah, tens que deixar de fumar!”, “então, eu já fumava antes de namorar, já me conhecias assim...”.

(*risos*)

A – Agora gostava então que abrissem naquela página da tarefa que eu vos falei...

(*todos começam a abrir a página*)

A – Eu gostaria que lessem cada um dos itens e que, fizessem individualmente, e podem mesmo chegar-se para trás e terem o vosso espaço. Esta lista não é para partilharmos em

grupo, não é para a discutirmos, mas eu vou ficar com ela, está bem? Pronto, gostava que marcassem com um “x” as áreas que são complicadas, que são problemáticas na vossa relação e com um “visto” aquelas áreas mais gratificantes, que vos dão mais gozo na relação. Se houver alguma área neutra, deixem-na em branco, porque pode não se aplicar, pode não fazer sentido para vocês. À frente tem uma linha, eu gostava que vocês pusessem algumas palavras-chave ou ideias que cada um dos conceitos vos traz. Não precisam de explicar “ah, eu escolhi esta, porque tenho um problema”, a ideia não precisa de ser essa, embora possam exemplificar, mas de facto dizerem as ideias, porque os termos são abrangentes, portanto podem pensar em coisas diferentes uns dos outros. Pronto, e que escrevessem isso à frente. No fim...

*(sendo interrompida por J.)*

J – Mas escrevemos para todos os conceitos...

A – Sim, sim. Pode ser só uma palavra ou duas, ou se não se lembrarem de nenhuma e for muito explícito, for mesmo, por exemplo, a questão do dinheiro, hum... eu posso-vos dar esse exemplo... dizerem, a gestão... as poupanças, por exemplo, discordam muito ao nível do que hão-de poupar, então pôr poupanças. Uma coisa diferente é vocês olharem para o dinheiro e pensarem mais na gestão da vida diária, não é, pronto, e podem escrever isso. Por exemplo, família de origem, é um item que aparece mais à frente... *(pega nas folhas)*... desculpem lá...

Si – É a terceira.

A – Pronto. Vocês podem pensar, por exemplo, na questão da intromissão dos pais da vossa namorada ou do vosso namorado que são, intrometem-se frequentemente na vossa relação e isso ser um problema, ou então, por exemplo, a questão da educação que o vosso namorado ou namorada teve e isso também ser um problema na vossa relação, por exemplo, pode ter sido uma educação muito diferente e então podem pôr: “educação do namorado” ou então “intromissão da família”. Pronto, ideias-chave que cada um dos itens vos levante, está bem? Têm algum tempo para ler, para pensarem e depois no fim vamos apenas discutir as dúvidas que vocês tiverem acerca de cada item, por exemplo, itens que vocês não percebem mesmo qual é a pertinência aqui, ou então outros itens que vocês acham muito importantes e que não estão na lista, isso são as coisas que nós vamos trabalhar a seguir, está bem?

Sa – Mas temos que fazer isto para todos?

A – As ideias-chave sim, se puderem. *(risos)*

Sa – A “cruzinha” e o “certo” só para...

A – Se não for pertinente na relação deixem em branco... se não se aplicar, se não for algo que seja tratado, pronto... podem mesmo, se quiserem, pronto, não têm nada muito duro, mas... estejam à vontade.

*(foram dados alguns minutos aos participantes para preencherem a lista)*

A – Se precisarem de mais espaço podem escrever atrás, ao fundo, escrever à ponta...

*(continuando todos em silêncio e concentrados)*

A – Mais alguns minutos, ok?

*(os participantes continuavam em silêncio)*

A – Mais um minuto, pode ser? Para aqueles que estão a terminar.

*(os participantes que ainda não terminaram, tentam apressar-se)*

30:34

A – Sem qualquer pressão! *(risos)* Está? Pronto. Então em primeiro lugar, acrescentariam algum item a essa lista, alguma dimensão que vocês acham que não está abrangida? *(todos acenam a cabeça, dizendo que não)* Ok. E algum dos itens, alguma das dimensões levantou-vos alguma dúvida, não compreenderam?... Alguma que vocês achem que não faz sentido nenhum estar aí?... Estejam à vontade, eu não levo a mal, a lista não é a minha. *(risos)*

M – Eu não sei, mas acho que... não sendo nós casados, não é, a divisão das tarefas e as responsabilidades... hum... não sei se... pelo menos eu tenho um bocado de dificuldade, quer dizer, claro que fazemos coisas os dois, ou sei lá...temos projectos e não sei que... acho que não são essas tarefas que este item... mas não sei muito bem o que é que quer dizer. Numa... em pessoas que vivem as duas juntas, é mais fácil para

mim perceber o que é que é isto. Por isso, na nossa situação não consegui perceber muito bem.

A – Não me recordo se é o caso neste grupo, mas há grupos que vão ter casais que coabitam, por isso nesse sentido poderá fazer mais sentido. De qualquer forma, como disseste, pode também já fazer sentido para alguns namorados, que de certa forma já partilham determinadas tarefas ou responsabilidades, até há namorados que trabalham juntos ou... nesse sentido pode ser. Mas obrigada, faz sentido, claro! Mais algum?

*(mais ninguém diz nada)*

A – Não? Pronto. Já se falou aqui, logo no início, de diferentes namoros, fases e até que varia, hoje em dia, também de pessoa para pessoa. Hoje em dia e sempre variou. Eu gostaria de vos ouvir falar um bocado sobre diferentes percursos que, hoje em dia os namoros podem ter, e quais são os prós e contras desses diferentes percursos, na vossa opinião?

*(todos ficam com um ar confuso)*

A – Pronto, vamos dividir. (risos). Diferentes percursos?

*(risos)*

A – Que a relação de namoro pode tomar?

J – Eu estava a pensar em dois tipos de namoro. Aqueles que começam quando as pessoas são amigas e depois acabam por namorar e aqueles que começam de um... digamos, de uma relação mais física e depois acabam por namorar. Pronto, e nesse sentido acho que tem mais prós aqueles que começam como amigos, são mais cúmplices e acho que nesse sentido as relações podem ser, são mais estáveis e as outras não.

Sa – Eu concordo em certa parte contigo, mas acho que é mais uma questão de probabilidade. É mais provável de que uma relação, em que eles já eram amigos futuramente dê mais certo, do que uma relação em que as pessoas mal se conhecem e se juntaram de repente.

J – Claro mas... elas acontecem.

M – E não acho que não é só probabilidade, é um bocado a base com que tu partes. Eu acho que é muito de linguagem, se tu aprendes... és amigo de uma pessoa e tens uma linguagem com ela e isso tudo, sei lá, mais... menos com a parte física eu acho que esse namoro pode ter, eu acho que pode dar mais frutos, na minha opinião, do que se tu entrasses logo com a parte física, é um bocado a linguagem instintiva, eu acho que nós temos todos mais ou menos, não é. E se esqueceres a outra parte, acho que esse namoro tem assim os dias mais contados. Pronto, acho eu. *(risos)*

Sa – Bem, mas nada te diz que com o tempo isso não vá acontecendo.

M – Claro, mas tens que investir nessa parte, não é? E eu acho que, eu sinto um bocado que a parte física pode ser muita forte. E eu, sei lá eu acho, vejo um bocado as minhas amigas e assim que têm namoros muita físicos e depois parece que não falam um com o outro e discutem imenso e têm imensos dramas e tudo e não sei quê, e parece que não falam um com o outro, percebes?

Sa – HumHum.

M – Por isso acho... acho que é muito mais fácil um namoro físico não dar certo, porque... porque essa parte é tão mais... parece que, sei lá... tão mais forte que faz as pessoas esquecerem do resto. Pronto.

Sa – O que eu acho... claro que sem a parte emocional acho que não tem futuro, uma relação. Mas acho que não tem que começar por uma parte emocional muito grande e depois vem a parte física, acho que pode começar as duas coisas e irem-se construindo com o tempo.

M – Sim, claro.

Si – Eu acho que para namorar deve haver uma base, primeiro, um equilíbrio, mais virado, não é tanto um equilíbrio mas, acho que deve haver mais uma ligação emocional com uma pessoa para começar a namorar, se começar a ter uma relação com alguém, porque, eu acho que namoros, e concordo um bocado contigo, namoros físicos não são namoros. Não são.

J – Mas por exemplo, agora a nossa cultura aceita melhor esse inícios de namoro, começar de uma parte só fisicamente, e antes, se calhar, isso não era tão promovido.

Embora também não existissem grandes amizades entre homens e mulheres. Aquilo havia acordos, casamentos marcados e essas coisas assim. Mas acho que, era preciso haver um mínimo de confiança para que se passasse para a parte física e isso já não... já não está, já está mais diluído, essa necessidade de confiar na pessoa, e ser pelo menos minimamente amigo... acho eu.

A – Falámos muito do início do relacionamento e ao longo dos meses e dos anos? O que é que pode acontecer no namoro? Mantêm-se sempre igual?

Si – Não, não. Porque as pessoas só por si mudam. Portanto não se mantém igual, agora pode melhorar, pode piorar ou pode manter-se estável.

M – Ou pode acabar, não é? (*risos*) É para isso, é para isso que os namoros servem, não sei. Eu vejo muito o namoro como uma preparação, vá lá, para um casamento e para uma relação futura para o resto da vida e por isso... é por isso que nós não nos casamos logo com a primeira pessoa que aparece à frente e é para isso que servem os namoros, não é? Para percebermos se é mesmo esta pessoa ou para treinamos, também. Eu acho que mesmo quando achamos que é, há coisas, muitas coisas que temos que treinar e que o namoro nos ajuda a isso, hum... e por isso, às vezes há pessoas, muitas pessoas que percebem que não é por aí e o namoro acaba, não é? Ou então, percebem que é, e então decidem casar-se ou, pronto... para mim faz sentido o casamento, para outras pessoas não faz sentido e vão morar juntas e pronto... hum... mas eu acho que é isso, não é? Às tantas ou não resulta ou então vamos para a frente.

A – Que ias dizer P.?

P – Pelo, pelo menos no meu caso... hum... acho que o princípio é fundamental para depois podermos... para podermos dizer se sim ou se não queremos continuar com esta pessoa, no meu caso. E por vezes é complicado ficar com aquelas dúvidas, e pronto... e eu acho que depois posteriormente é óptimo, neste momento.

R – Eu acho que... ao longo dos anos, o namoro vai passando por várias fases... hum...e consoante nós vamos estando mais com aquela pessoa e conhecendo-a melhor, mais vamos percebendo aquilo que o P. estava a dizer, mais vamos percebendo se as nossas prioridades são as mesmas que daquela pessoa, se os nossos objectivos de vida são os mesmos que daquela pessoa, se encaixa e se faz sentido continuarmos a

relacionar. Porque chega a um ponto em que simplesmente ter afecto por essa pessoa, simplesmente ter sentimento... hum... que estão enraizados, não é, porque já houve um crescimento... hum... muitas vezes isso só não chega porque surgem essas dúvidas, é preciso perceber se realmente aquela pessoa faz parte de todo o cenário da nossa vida ou se não. Se faz sentido nós continuarmos a trabalhar e a crescer juntos numa mesma história, ou se chega a um ponto em que realmente não dá mais, não porque se calhar não gostando daquela pessoa, mas porque simplesmente não encaixa, não faz sentido, não entra na... como dizia aqui, na nossa filosofia de vida e nos nossos objectivos. Então acho que ao longo dos namoros, isto claro que não há fases, passado x meses estamos na fase tal, não é?... Acho que cada casal tem o seu ritmo próprio, e há pessoas que conseguem perceber isso ao fim de um ano, há pessoas que às vezes, ao fim de 8 anos é que percebem como é que... em que ponto é que as coisas ficam. Depois depende muito da maturidade das pessoas, da idade com que começaram a namorar, dos objectivos logo iniciais, à partida, em que assumiram o compromisso, vai depender de muitos factores, acho eu.

J – À medida que... as pessoas ao fim e ao cabo vão... procuram conhecer-se uma à outra, conhecem pouco, ok, são amigos, daí que quando são amigos, acredito eu que, ou já têm algum afecto de passado, hum...é mais fácil de manter, porque já se conhecem mais, já sabem o que é que estão à espera e ao fim e ao cabo, o namoro é experimentar e conhecer profundamente uma pessoa. E o compromisso acaba por ser esse, vou-te conhecer profundamente e tu vais-me conhecer profundamente, vamos ver até que ponto é que somos compatíveis.

A – Falou-se aqui, acho... penso que foi a M. que falou da questão da coabitação, que razões é que vocês acham que levam uma pessoa a coabitar? Porque é que os jovens coabitam?

R – Eu acho que a maioria, não sei... falo pelo que eu vejo nos meus colegas, também, meus amigos... hum... ou é pela situação de vida em que ambos estão, por exemplo, existem muitos casais que estão em Lisboa a trabalhar e que namoram e que por uma questão financeira, e também porque namoram, vão viver juntos. Existem muitos outros porque simplesmente não querem casar e decidem viver juntos. O que faz quando é que tomam essa decisão, se calhar é porque sentem que já é altura de experimentar, para ver se resulta, porque no dia-a-dia é muito diferente, no sentido de ver se as coisas, se a



dinâmica diária... se resulta com duas pessoas, com aquela pessoa com quem se namora.

Sa - Eu no meu caso, nós passamos tanto tempo a dormir na casa um do outro e... não coabitamos, mas passamos tanto tempo juntos na mesma casa, parece que é quase instintivo, que é o próximo passo a dar. Claro que há sempre o factor económico, estamos os dois a estudar e não dá, mas é aquela coisa que sentimos, que é quase o próximo passo a ser dado.

J - Eu concordo com o S. nesse sentido. Eu também... passamos muito tempo juntos, sentimos que... tipo é... há uma pessoa com quem nós queremos passar mais tempo do que com todas as outras, e chegar ao fim do dia e ir para casa e estar com os pais e com as irmãs todos os dias... ok, é bom, mas... (*risos*) não... há uma pessoa com quem nós queremos partilhar o fim do dia, por exemplo. Nesse sentido, acho que... quando nós decidimos, começamos a tornar-nos independentes dos nossos pais e decidimos, vamos viver sozinhos hum... acaba... creio que é mais ou menos o mesmo processo, mas quando decidimos ir viver sozinhos, decidimos já juntarmos uma nova pessoa ao nosso eu, digamos assim, é uma pessoa com quem nós partilhamos tudo, quase tudo e então decidimos, ok eu vou... quero... já tinha a ideia de ser independente, só que é uma independência co-partilhada, ou qualquer coisa assim.

M - Eu acho que faz imenso sentido, não é, estes fins do dia... hum... parece que é um tempo muito, quer dizer, é um tempo, vai ser um tempo mais, como é que eu hei-de explicar, que não é o mais económico mas, tipo mais... uma eficiência do tempo quando passarmos a morar juntos... hum... Mas, no meu caso, acho que isso só vai fazer sentido com a decisão de casarmos e com tudo o que, pronto o que isso implica, com esse compromisso mais sério e não tanto “vamos morar juntos para ver se isto, se isto resulta”. Hum... Porque pronto, acho e achamos os dois, falamos muitas vezes disto que... que pronto, que achamos que é o próximo passo a dar, em princípio, quando ficarmos os dois independentes, a trabalhar e a receber, porque também é preciso. Hum... Mas, mas isto de ser um compromisso um para o outro, um com o outro e pronto, e mais a longo prazo, e não tanto só o ir morar juntos. Um bocadinho mais profundo, não sei se hei-de dizer assim, mas...

P – É um passo natural nas, nas relações. Penso que... pelo menos para mim, isso já é um objectivo que eu pretendo, eu e a minha namorada seguir.

A – Coabitar... perceberam isto em relação à coabitação? Pronto. E o que é que leva as pessoas a casar? Havendo coabitação ou não, o que é que leva as pessoas a casar?

J – Eu acho que é a cultura, essencialmente, acho que é a cultura. É socialmente bem visto e aceite por todos, e as pessoas são pressionadas desde sempre, especialmente as meninas, são pressionadas desde sempre a casar e tal. Eu acho que é, essencialmente é isso, porque... e acaba também... e é também um oficializar do compromisso e é uma apresentação pública de que aquelas duas pessoas partilham esse compromisso, eu acho que é isso que faz as pessoas...

M – Eu acho que... hum... vocês já devem ter percebido mas, para mim o casamento é assim mesmo importante e... e acho que dessa questão social, acho que hoje em dia já não é bem assim. Acho que já não há tanto essa pressão, acho que imensa gente já não casa só por ir à igreja e ainda bem, acho que se não faz sentido, não vale a pena. Hum... Mas para nós, para mim nesse caso faz sentido... hum... porque acredito em Deus e sou católica e por isso faz muito sentido neste passo da minha vida ter, também, Deus nisto e porque acredito que a nossa relação também recebe muitas coisas boas de Deus, e por isso... hum... não é só uma... por ser uma festa e o ser bonita, é porque realmente... hum... para além de dizermos às outras pessoas e de oficializarmos, também ter Deus presente... presente nesta altura e pronto. E para esse compromisso a longo prazo, nesta maneira de viver.

47:17

R – Eu acho que as pessoas quando decidem casar é porque realmente, e o porquê, vêm alguma coisa de importante no casamento, não é? Não necessariamente toda a festa, mas no... na oficialização do compromisso que estão a tomar perante... um com o outro e perante toda a família, todos os amigos e toda a sociedade... hum... com essa, com essa união por isso penso que seja... é algo muito íntimo e muito profundo e a que dão muita importância porque acho que de outra maneira, então simplesmente... pronto, decidiam coabitar ou decidiam ficar cada um na sua casa, acho que se vê... eu pelo menos vejo algo de muito importante e profundo e que não é uma coisa a ser tomada de ânimo leve. Hum... E penso que as pessoas quando... quando o fazem, tal como a M.

estava a dizer, hoje em dia, quer dizer, há imensas pessoas que se juntam simplesmente, não tem tanto peso, a menos que vamos assim para as aldeias mais recônditas do país, não tem assim tanto peso o casamento, por isso acho que principalmente nas faixas etárias mais jovens, acho que quando as pessoas o decidem fazer encontram nesse passo algo de muito profundo e importante.

M – Sim, eu acho que... concordo contigo e acho que se calhar... hum... diria que, se calhar, hoje em dia o casamento é mais verdadeiro nesse sentido, não é? Porque como tu dizes, quando as pessoas tomam essa decisão é porque querem mesmo e pensam nisso, não é? Se calhar antigamente era um bocado mais esta questão social e a obrigação e o hábito, e acho que hoje em dia...

J – Eu quando digo, que é por pressão social, eu tipo... estou a fazer a uma análise a nível mais profundo é que acho que as pessoas acreditam que querem, mas querem porque foi a cultura delas que as ensinou a fazer isso.

M- Sim, sim, mas acho que hoje em dia também, não há essa pressão, não...

J – Sim, mas eu acredito que não há essa pressão exercida directamente, mas existe... as pessoas foram ensinadas que é o processo normal e começam a atribuir valor a esses... a essas cerimónias. E pronto, é uma cerimónia, é uma coisa que tem muito valor. Normalmente, até associado à religião, se está associado à religião é porque, é algo sempre profundo à qual as pessoas dão muito valor. Que eu... mas pronto, para mim não deixa de ser... hum... um aspecto cultural e não é que eu desvalorize, mas considero que é um aspecto cultural. É só isso, no sentido em que... são valores transmitidos pela nossa cultura. Nós aprendemos a valorizar o casamento e por isso achamos que é uma coisa importante. Porque é!

(risos)

M – Mas é um bocado, uma... um acto um bocado exterior a ti, não é?

J – Exacto, exacto.

M – Hum... dizes, vou-me casar pela igreja porque... pronto, ou vou-me casar. Porque mesmo que seja essa questão cultural um bocado inconsciente, não é, de...

porque é assim que se faz. Hum... e por isso eu acho que hoje em dia é mais consciente, não é, não é só um...

J – Sim, sim. Também concordo que é mais consciente, ainda assim, acho que nós somos sujeitos a muitas pressões inconscientes. Nós aprendemos e temos os valores que temos, por exemplo, não matar, embora isto seja uma coisa muito básica, mas deve ser comum a todos... hum... não matar, sabemos que é um valor que devemos defender, não matar as outras pessoas, o valor da vida humana. Mas aprendemos nalgum momento, aprendemos que isso... que a vida humana tinha esse significado, tinha valor. É nesse sentido que eu estou a dizer. O casamento pode ser a coisa mais importante para uma pessoa mas... foi aprendida de algum modo, nesse sentido não estamos tão livres assim... nas nossas decisões.

Sa – Eu acho que hoje em dia, muitos homens casam por causa delas...

*(risos)*

Sa – Não, eu por mim falo também, porque o casamento a mim faz um bocado comichão e acho que elas dão muito mais valor a isso que... que nós.

J – Cultura, lá está!

A – Um corajoso aqui, mais alguém?

R – Não, mas isso é porque se calhar as pessoas só vêm, lá está, se calhar faz-te comichão, porque se calhar só vêes o casamento com aquela pompa e circunstância toda e a festa toda mas, há muitas... há várias pessoas, eu conheço algumas pessoas que decidiram casar de uma forma oficial e simplesmente foram ao registo civil e casaram e tiveram um almoço...

J – Até para ter benefícios fiscais. *(sorri)*

*(risos)*

R – Pode ser, para uns de certeza que é, para outras pessoas é simplesmente decidir oficializar um casamento, sem ter toda aquela pompa e circunstância, que a verdade é que o sexo feminino aprecia muitíssimo... *(risos)* ... toda essa parte da festa.

(risos)

Si – Ele meteu-me graça, porque o meu namorado também é assim. (risos)

A – Aqui alguma simpatia feminina. (risos) Mas obrigada por teres partilhado... (direccionando-se para Sa). O que é que leva as pessoas a manter um casamento?

R – O compromisso, os sentimentos...

Si – Eu... (sendo interrompida por J.)

J – Diz, diz. Não, diz.

Si – Eu acho que mais... que o mais importante é mesmo os sentimentos, porque se uma pessoa não sentir qualquer coisa por outra, não vai ter vontade de lutar, não vai ter vontade de tentar encontrar uma solução, quando as coisas estão todas viradas do avesso e eu acho que é mesmo o amor, lá está, que faz com que um casamento se mantenha durante anos e anos até à eternidade, se for preciso. Porque é o amor que nos dá motivação para querermos que as coisas melhorem e fiquem mais... floreadas, pronto.

M – Eu acho que, claro essa parte é muito importante, mas acho que nós também no namoro também experimentamos isso um bocadito... um bocadinho isso que... hum... a parte emocional não está sempre presente ao rubro, não é... e às vezes a cabeça, a parte da razão também entra muito no... nas discussões, ou nas conversas, ou nas coisas que estão a correr mal, ou nas coisas que estão a correr bem. Por isso, há que... num casamento, claro que tem que haver essa parte e se não houver é porque alguma coisa não está a correr bem, mas de certeza que durante a vida vai haver alturas em que não vamos sentir aquele...

(sendo interrompida por Si.)

Si – Não, mas eu estou a dizer que é o facto... é o amor que puxa a tua força, que puxa a motivação, lá está, ... e eu acho que se não houver amor então o que é que... qual é o sentido de tu queres lutar por uma pessoa que não amas? Qual é que é o sentido de queres fazer com que as coisas fiquem bem, se tu não sentes rigorosamente nada por ela? Podes falar muito nessas alturas, podes conversar muito, mas se não houver amor não chegas a lado nenhum. Eu acho que é... há várias coisas importantes que fazem um

casamento... um casamento, uma relação, seja o que for, andar mas eu acho que o essencial é mesmo o sentimento, o amor.

*(Enquanto os participantes dão a sua opinião, P. vai tendo um ar de reflexão)*

M – Sim, claro, sim, o que eu queria dizer é que... distinguir um bocado a parte dos sentimentos... hum... da parte racional. Mas sim, acho que sim, o amor... se é motivação para casar é isso, é o que mantém, também, não é?

A – J. que ias dizer há bocado?

J – Hum...

Si – *(risos)* Desculpa.

J – Não. Ah, já me lembro. Hum... acho que pronto, é...vai neste sentido dos sentimentos, porque... o que eu ia dizer é que para manter o casamento, em princípio, será o mesmo princípio que manter o namoro. E se for assim, ou seja, com base em sentimentos fortes e o afecto pela outra pessoa... hum... o casamento mantém-se bem, só que os casamentos acho que se mantêm melhor do que os namoros porque, lá está, houve uma oficialização, existe burocracia até, envolvida para quebrar...

Si – Mas é verdade, só a questão do divórcio...!!

*(risos)*

J – Para quebrar o casamento, além de que normalmente a partir do casamento depois vem os filhos e pode haver o risco de se manter um casamento por... não porque emocionalmente aquela relação é... deve ser valorizada, mas porque existem outras pessoas que dependem dessa relação, como os filhos, acho que existem casais que não se separam, porque têm os filhos e não... devem manter-se juntos, porque aquelas crianças necessitam deles e necessitam de viver um ambiente pai/mãe saudável.

M – Não sei é se isso será muito saudável.

Si – Exactamente.

J – Claro, claro, claro.

M – Não sei se isso será um casamento, na minha opinião.

J – Sim lá está, mas é um casamento, oficialmente é um casamento.

M – Pois.

A – P., estás aí em reflexão?

P – Não. Eu estou... como estou aqui muito, muito atento ao que o resto das pessoas dizem, eu acho que, concordo que para manter um casamento, acima de tudo há que haver o sentimento, o amor, a amizade, e com isso... é fundamental.

A – Ok.

Sa – Eu acho que o que foi dito agora, é o que faz manter um bom casamento. Eu acho que hoje em dia há muitos casamentos que se mantêm, por comodismo à vida que levam e falta de força de vontade para mudar, seja pela idade que têm, porque acham que já não vale a pena estar a mudar, seja porque realmente estão tão acomodados que não querem e já não há nada que mantenha o casamento e, por puro comodismo, mantém-se.

J – É verdade. E até... tipo, é um erro de micro economia que as pessoas cometem sempre, que... hum... nós estamos mal, ou seja, por exemplo, vamos ver agora um filme, se calhar, as pessoas têm sempre a crença de que as coisas podem vir a melhorar, mas se estão numa relação má, em vez de pararem com esse investimento, porque já fizeram um grande investimento anterior na relação até chegarem ao casamento, como já fizeram um grande investimento pensam que... quebrar, partir tudo o que já foi feito é pior do que continuar a perder, o que é irracional, não é? As pessoas têm sempre aquela esperança de que “ok, isto vai melhorar”, mas... acho que... o comodismo é isso mesmo... é verdade, acho que há muito casamento que se mantém por comodismo, porque já houve um grande investimento e não vale a pena destruir tudo o que eu fiz, embora esteja tudo mal agora, e tudo o que vem agora é que são coisas más, mas... “vá, já gastei tanto dinheiro nisto”...

(*risos*)

Si - Dinheiro... (*risos*)

J – Pronto... metaforicamente, emoções e... tempo, que se calhar, vá, mantém-se à espera de um milagre qualquer.

A – Mais alguma ideia do que é que leva as pessoas a manter um casamento? (*todos acenam a cabeça dizendo que não*). Então já estamos perto do fim, e gostaria de saber que conselhos dariam a amigos que estejam a namorar e que queiram ter uma relação bem sucedida no futuro?... Talvez sintetizando aqui algumas ideias...

P – Que comuniquem um com o outro...

A – HumHum.

J – A honestidade, acho que é essencial... quer dizer, quando se está bem, dizer que se está bem, quando se está mal, dizer que se está mal e tentar perceber porquê... e tentar ouvir a outra pessoa, sei lá, de uma forma activa, perceber mesmo, tentar mesmo compreender o que é que a outra pessoa também nos está a querer dizer, acho que é essencial.

M – Acho que mostrar que se gosta também é muito importante, dizer, mostrar...

Si – Lá está, o saber ceder!

A – O saber ceder...

Sa – Acho que... não tentar mudar a outra pessoa.

(*após alguns segundos de silêncio...*)

A – Podem repetir a vez!

(*risos*)

A – Conselhos, mais conselhos?

M – O ter tempo, acho que não ter pressa...

R – Perceber o que é que é prioritário para a outra pessoa, o que é que é prioritário para nós, hum... para que durante um relacionamento não hajam situações choque, situação em que nós vamos estar a magoar a outra pessoa, porque fizemos alguma coisa que foi contra... (Si: os princípios ou os ideais) hum... uma coisa que era tão importante para



essa pessoa e nós, simplesmente não nos apercebemos. Tentar, aquilo que também já foi dito tentar, a comunicação é muito importante, tentar saber ouvir, mesmo quando as coisas não são exactamente aquilo que nos agrada e também saber falar, porque nós, com as pessoas que nos são mais chegadas, são as pessoas com quem nós não temos problemas nenhuns de falar de qualquer maneira e as pessoas que nos são mais chegadas são aquelas que nós devíamos ter mais cuidado a falar, exactamente porque gostamos delas, não é?

J – Também podes ver isso de outro lado, que é, também, por serem pessoas que tu gostas não queres desapontar e pensas “ah, não vou dizer aquilo que... se calhar não vai gostar”...

R – Sim, nem num lado, nem no outro, não é?

J – Por isso é que eu, pronto, por isso é que eu reforço outra vez a honestidade. Acho que, na comunicação, acho que é... talvez seja o pilar, de qualquer relação mesmo, aliás, mesmo relações de amizade e isso, mas numa relação tão íntima, acho que tem de ser a base, tem de ser a honestidade.

A – Eu sei que, ao longo desta entrevista de grupo, se calhar, vocês foram tendo algumas ideias que na altura não partilharam, entretanto que com novas perguntas, pensavam que podiam ter dito na altura. Há alguma coisa que vocês gostariam de acrescentar ainda nesta área do namoro? Alguma ideia que, entretanto, tenham tido, mas que não falaram na altura e que gostariam de acrescentar?

*(após alguns segundos de silêncio)*

A – A vossa última oportunidade...

*(risos)*

R – Eu acho que, acho que o namoro é uma coisa que quando se começa, não é, se se continuar com aquela pessoa... hum... nunca acaba, mesmo que depois passe para um casamento, e isso às vezes, acho que é o problema da maioria dos casais, é que acham que, embora vão passando diferentes fases na vida do casal, que o namoro já ficou para trás e... e o namoro tem, é algo que tem que ser alimentado, é um relacionamento que tem que ser alimentado, porque apesar de nós já acharmos que conhecemos muito bem

aquela pessoa e que aquela pessoa nos conhece a nós, não é por causa disso que vamos deixar de, de ter a preocupação e o cuidado de saber cada vez um bocadinho mais daquela pessoa e demonstrar um cuidado para com ela. Então acho que, quer passe para coabitar junto ou casar é algo que não acaba, é algo que tende sempre a ser mais aprofundado dia após dia, se não deixa de ser um, um relacionamento íntimo, deixa de ser um namoro, não é, deixa de ser.

A – Mais alguma ideia?

*(os participantes acenam a cabeça dizendo que não)*

A – Não? Então muito obrigada por este tempo, muito obrigada pelas vossas ideias, pelas vossas respostas e opiniões. Gostaria então, antes que nos fôssemos embora, que pudessem preencher o questionário que têm aí a seguir, e também, esta é a primeira versão do questionário, se houver algum item que também vocês não, não compreendem ou não sabem muito bem como responder façam mesmo uma nota, à frente, ok? Façam só uma nota e nós tentaremos ter isso em consideração.

*(os participantes preenchem o questionário)*

## TRANSCRIÇÃO FOCUS GROUP 2

(...)

A: Podemos seguir, se calhar, esta ordem, eu pedia que vocês dissessem o vosso nome, a vossa idade e há quanto tempo é que namoram.

D: Eu sou a D, tenho 25 anos e namoro há 9 anos.

M: Eu sou o M, tenho 21 anos e há um ano e qualquer coisa, não sei bem...

Jo: Não olhes para mim, não é comigo que namoras (risos). Eu sou o Jo, tenho 27 anos e namoro há um ano e um mês.

Ja: Eu sou a Ja, tenho 27 anos e namoro há 2 anos.

N: Eu sou o N, tenho 22 anos e namoro há um ano e meio.

A: Ok, estamos então a falar de namoro, portanto em primeiro lugar eu gostaria de vos perguntar o que é que hoje em dia define uma relação de namoro. Podem começar sem qualquer ordem específica.

D: Então uma relação de namoro é uma relação de respeito e é uma relação de compromisso com uma pessoa e pronto, tem que haver respeito, confiança, tem que haver lealdade.

N: Tem de ser algo de acordo mútuo. E acho que pressupõe estabilidade, algum compromisso em haver, estarem juntos um com o outro, não é assim uma coisa completamente sem compromisso mas acho que é pressuposto haver um compromisso entre as duas pessoas de aposta nessa relação.

Ja: Sim, terem um objectivo comum, pelo menos eu acho que sim. Não digo que seja a longo prazo, não digo que seja diário mas a médio prazo pelo menos, algo que os mantenha unidos. Acho que é essencial, além da confiança e do respeito, acho que sem isso não há namoro, nem é uma relação entre pessoas, sinceramente, que gostem uma da outra. (...) 02:30

Jo: Eu creio que existe uma série de características comuns ao namoro mas depois existem umas características parciais, dependendo da idade das duas pessoas e essas

características depois vão evoluindo e se calhar vão evoluindo e, recorrendo à matemática, uma parábola. Se calhar começam aqui em baixo, vamos lá dizer os 15 anos, em que as expectativas não são... como é que eu hei-de dizer, existem expectativas mas não existe se calhar um empreendimento; empreendimento não é a palavra correcta; uma ligação que não seja muito forte. Depois à medida que vai avançando, vai avançando, vai avançando e se calhar não sei, nos 30-40 anos estará no seu auge mas depois nos 50-60 anos; e é possível namorar com 50 anos, não me olhes com essa cara; já começa um desprendimento um bocadinho maior, portanto, é todas as vossas características que disseram mas acho que depois existem aquelas que são subjacentes à própria idade das pessoas envolvidas.

M: E construírem um futuro; as duas pessoas construírem um futuro.

Jo: Exactamente.

A: Além dessas características, o que é que distingue uma relação de namoro de uma relação de amizade, acrescentariam alguma coisa?

Ja: Tem de haver uma atracção física, alguma coisa mais do que isso, senão é nosso amigo.

Jo: A expectativa que o M dizia, a expectativa de uma vida em comum.

N: Também o reconhecimento público, acho que também para os outros passa que aquela é a minha namorada, estamos a namorar e uma amizade, prontos, não há essas coisas. Eu também me esqueci de dizer que para mim um namoro também tem lógica é, tem de estar bastante ligado com o casamento, acho que para mim é a continuação, as pessoas vão namorar para verem se vão casar ou não, é uma fase de, sabes, de pré-casamento.

M: O reconhecimento das pessoas talvez.

N: Sim. Para as pessoas também conhecerem também mais porque ninguém se conhece, assim só por perceber ou mesmo amigos, amigos fortes, não sei, podem-se conhecer mas acho que no namoro vai, vão-se conhecer muito mais.

Ja: Sim a intimidade é maior.

N: Ya. Então isso, não sei, vai crescer e o objectivo do namoro também vejo que é isso; é o objectivo de conhecer-se melhor e por a pergunta “será que eu vou passar, quero unir-me a esta pessoa ou não?”

Jo: E existe a responsabilidade não é. Na amizade a responsabilidade para com outra pessoa é diminuta e no namoro não.

Ja: Eu só não concordo com a parte do casamento.

N: Ainda bem.

Ja: Mas isso é a minha opinião pessoal. Eu nunca fui muito a favor do casamento e embora já tenha tido alguns relacionamentos longos continuo a não...não tenho nada contra quem se vai casar obviamente. A minha irmã vai-se casar agora e é mais nova do que eu e nunca foi o meu objectivo, nunca meti isso na equação.

D: É, o casamento é só um papel basicamente... (Ja: Sim, sim.) Eu acho que isso não mostra...

A: Nós teremos a oportunidade de falar sobre casamento um pouco mais à frente. Portanto, se calhar agora, acrescentariam mais alguma ideia em relação a esta distinção de namoro/amizade. Não?

N: E vai haver espaço para distinguir namoro e casamento?

A: Vai. Pronto, o que é que consideram um bom relacionamento de namoro?

N: Um em que o rapaz bate na rapariga. (Risos) N: Estou a brincar, eu estou a brincar. (Risos)

Jo: Mas admities que o contrário é possível?

N: O quê?

Jo: A rapariga bater no rapaz e ser um bom relacionamento de namoro.

N: Não, não, não. Terrível.

D: É assim, eu acho que na base do namoro está a amizade. Eu acho que é a mesma base...primeiro, primeiro é-se amigo e depois... Claro que há sempre aquela..., a

peessoa é diferente porque faz um “click” e apaixona-se, uma pessoa apaixona-se e é diferente, começa a viver outra coisa. Agora, na base do namoro tem de existir sempre a amizade. Depois, acho que um bom relacionamento, para se ter um bom relacionamento tem de se ter compreensão, sinceridade, tem que se estar sempre a alimentar a relação, não deixar a relação estancar. Eu acho que, eu por exemplo já namoro há 9 anos se eu estivesse sempre ali né... comecei a namorar com 17, tenho 25, há dez anos. Pronto, agora o que eu acho é que para existir um bom relacionamento tem que haver sempre das duas partes... tem que haver sempre... motivar a pessoa, e tem que haver compreensão, haver também, deixar sempre um espaço para a pessoa não se sentir muito afogada, né? E.. pronto, acho que é... depois depende das pessoas.

Risos

Jo: Eu concordo com isto tudo...100%.

N: Se calhar acrescentava honestidade. A pergunta é o que é que o namoro

D: Pois...sinceridade...honestidade

A: Um bom relacionamento.

N:...um bom relacionamento não é? Ya. Transparência, e pronto é preciso, tanto ela como ele, acho que vai haver alturas em que eles vão ter que fazer sacrifícios, não fazer aquelas coisas que eles mais gostavam de estar fazer agora, para, prontos, porque senão não estão a caminhar na mesma direcção.

D: Claro, e aí entra a compreensão. Tem que haver; e o espaço para a pessoa também fazer as coisas que gosta. Não é preciso estar as duas pessoas, fazer tudo juntos.

N: Hm hm. E aquilo que tu disseste do espaço, também não é? Sufocar a pessoa não é controlar o namorado ou a namorada. Prontos, continua a ser um ser humano...

D: Tem que haver confiança de maneira a que as coisas... se esteja bem.

Ja: Sim, eu acho que o principal...eu houve uma altura que achava que o principal era uma pessoa fazer algo para a felicidade dos outros; mas eu acho que não, acho que começa também por nós. Se nós nos respeitarmos e lutarmos pela nossa felicidade, tendo em conta que namoramos com outra pessoa, a felicidade, a nossa, já inclui um

bocado a felicidade do outro. E pronto e a partir daí...mas acho que nós também temos de entrar sempre na equação senão a certa altura a outra pessoa também fica saturada. Acabamos por viver sem...

M: Pois, também se não formos felizes, não vamos fazer o outro feliz.

N: Exactamente.

A: Mais alguma ideia em relação a um bom relacionamento de namoro?

N: Claro que para mim há coisas acessórias, não fundamentais. Ter um bom relacionamento com os familiares do namorado, acho que também é...não é obrigatório mas acho que faz parte de um bom relacionamento.

Ja: Ajuda pelo menos.

N: Pois.

D: E isso também é uma coisa que depois se constrói também.

M: Com o tempo...

A: E o que é que consideram mais difícil numa relação a dois?

D: Eu acho que os primeiros anos, eu acho que é fácil, né? Quer dizer, pronto, é mais fácil as coisas correrem bem agora depois, como é óbvio as pessoas precisam de ir aprendendo não é? Conforme as vivências e conforme ahm... aquilo que, os obstáculos e tudo o que vai aparecendo. Agora...ai já me perdi, qual é que era a pergunta?

A: O que é que consideram mais difícil numa relação a dois? Podem ir pensado também.

D: É assim há fases difíceis, eu acho que depois a partir de uma certa altura há sempre altos e baixos, qualquer relação mesmo, qualquer relação tem sempre altos e baixos. Como é óbvio isso depois vai fazer com que ou a relação fique mais forte ou então não ande para a frente. Pronto, no caso, por exemplo, quando as pessoas depois se juntam e vão morar juntas, às vezes atravessam uma certa dificuldade em passarem 24 horas, pronto não é 24 horas porque a pessoa nunca está todo o tempo junta mas a viver outras coisas, outras responsabilidades em conjunto que pronto, que interferem mais no

namoro quando, por exemplo, também, quando as pessoas têm problemas e esses problemas às vezes acabam a afectar um bocado a relação. São tudo coisas difíceis que às vezes depois dependem como as pessoas lidam com as coisas; ahm que podem dificultar a relação.

N: Perguntou o que é que é mais difícil no nosso ou o que nós achamos que é mais difícil? Eu acho que há relacionamentos bastante, têm uma das grandes dificuldades é pode ter sido relacionamentos passados em que pode haver ciúmes e...principalmente se o outro ainda mantém contacto com os ex ou qualquer coisa assim. Acho que isso pode ser um grande problema, ahm, mais...

Jo: Eu acho que o que é mais difícil acaba por ser mais fácil. Porquê? Porque o encontro das duas pessoas; ambas as pessoas têm características próprias, as suas vontades, os seus desejos, as suas expectativas e às vezes este encontro é mesmo diário ahm é que pode causar os conflitos. Imaginemos que uma pessoa queria fazer uma coisa e a outra, por algum motivo da sua vida, não pode fazer aquela coisa. Em vez de ir passear ao Sábado não pode ir passear ao Sábado, pode ir passear ao Domingo. A outra ao Domingo não pode ir. Às vezes é uma coisa fácil, passeia-se ao Sábado à noite ou ao Domingo de manhã ou ao Domingo à noite, mas não. É este encontro que tanto pode causar as coisas, os relacionamentos difíceis ou os relacionamentos fáceis. A mesma coisa com a expectativa em relação a relacionamentos passados, com certeza que ambos terão essa situação, relacionamentos passados. Como é que cada um os encara e como é que cada um os apresenta perante a outra pessoa. É o mais fácil ou o mais difícil. Depende, depende dos astros e da personalidade de cada um.

D: É porque há pessoas que são mais ciumentas também do que outras.

Jo: Exactamente. E mesmo não sendo às vezes...

D: Às vezes sim...

Jo: ...certas situações acabam por despontar reacções que a pessoa não está à espera.

D: É, é.

Jo: A própria pessoa que tem a reacção não está à espera: “Epa, eu não sou de reagir assim” e reagem no entanto.



Ja: Acho que é um isso o que ele estava a dizer, que o Jo está a dizer. No início há aquele fascínio todo, não é? E nós apaixonamo-nos por aquelas pequenas coisinhas das pessoas e tudo mais e chega uma altura que nós já não conseguimos aturar essas pequenas coisinhas. Mas depois com isso também vem a intimidade e vem tudo mais, ou seja, o mais difícil acaba por ser depois também o mais fácil. Dá para nós descarregarmos tudo também em cima daquela pessoa e pronto, há coisas que depois vão vindo com o tempo; perde-se aquele fascínio inicial e quando isso se perde é muito difícil mas depois se quisesse continuar a apostar vêm outras coisas que valem igualmente a pena.

M: É difícil é o descarregar em cima da outra pessoa, por exemplo. E ter que aturar depois aquelas consequências de “eu descarreguei em cima de ti e agora também tenho de descarregar em cima da outra pessoa”. Acho que isso é um bocado complicado.

15:24

A: Ok, um pouco no seguimento disto que temos vindo a dizer, têm à vossa frente uma lista que tem muitas dimensões que podem ou não ser pertinentes para vocês. (...)

(Preenchimento da lista)

29:40

A: Algum item que vos levante alguma dúvida, que tenham achado estranho estar na lista?

Silêncio

A: Acrescentariam algum?

N: Aqui só no álcool e drogas diria... prontos, pensei em vícios e não é só restringido a álcool e drogas. Há outros tipos de vícios que podem prejudicar uma relação.

A: Mais algum comentário a essa lista? Não? Então gostaria agora de vos perguntar que diferentes percursos é que pode uma relação de namoro tomar?

N: Pode acabar

Risos

A: É verdade.

N: Podem-se casar e depois espero que continuem a namorar.

D: Podem ir viver juntos sem casar.

N: Podem um ir trabalhar para o estrangeiro e o outro fica cá e pronto...morre as coisas. Morre, estagna... depende depois também.

Jo: Primeiro estagna, depois...

Ja: Isso é o que me vai acontecer um dia! (risos)

D: Depende do tempo, depende de muita coisa.

A: Depende do tempo como assim?

D: Depende do tempo, em que se está longe.

A: Mais algum percurso?

Silêncio

A: Então pensando nestes que foram ditos, gostaria de saber prós e contras, das várias opções.

N: Acabar se as pessoas realmente gostam uma da outra traz, pode trazer mesmo depressões.

Jo: Um vazio não é?

N: Ya, e depois ficam tristes.

Ja: Basta só uma gostar da outra.

N: Ahm?

Ja: Basta só uma gostasse de acabar, a outra...

N: Pois.

A: E nas opções em que eles se mantêm?

Ja: O quê? Como amigos?

Risos

A: Não, em que eles se mantêm como namorados. Que não acabam. Prós e contras.

Ja: Acho que a D é quem pode falar nessa.

Risos

Jo: Já pensaste nisso não é?

Risos

A: Quero ouvir a vossa opinião, não precisam ter passado por nenhuma experiência. Mas força, então.

D: Há sempre prós e contras...Mas eu acho que são mais os prós porque se a pessoa está junta é porque gosta e...

A: Estamos a falar de que opção? Os prós de?

D: De continuar com a pessoa.

N: Sim mas em que...

D: Ah

N: Quais são as opções? Ou é viver junto...

D: Pois, é o casamento...

N: ...ou é casar.

A: Nós falamos em viver juntos, casar...

N: Ou manter a relação assim indefinidamente e não evoluir em nada.

A: Por exemplo, essa opção não tinha sido dada à bocado mas é uma opção. Não viver juntos nem casar mas prolongar um relacionamento, vivendo cada um na sua casa.

N: Para mim prolongar o relacionamento, vivendo cada um na sua casa, para mim tem um contra parece q ue não há evolução no relacionamento. Não sei, parece que falta alguma coisa. Mas isso se calhar é porque sou eu porque para mim tem lógica; o passo seguinte seria o juntarem-se mesmo. Mas se calhar uma vantagem seria que não se fartavam um do outro assim tão rapidamente. Não sei...

Ja: Também poderiam conhecer outras pessoas sem... várias coisas

Jo: Pois, ao fim e ao cabo isso não era carne nem era peixe. (Ja: Pois.) Jo: Um namoro há tanto tempo e não evoluir, não é? Se não avança...

N: Mas calma, se não avança, se as pessoas não querem que avance para eles está a avançar. Está a avançar como eles querem. Se calhar não avança é como a ideia de avançar teria que era ir passar a viver juntos. Mas se a filosofia de vida deles é continuar assim porque é assim que eles vão ser felizes, acho que sim, acho que devem fazer isso, acho eu.

Jo: Namorar às quintas-feiras e nos tempos livres não é?

Risos

N: Pois mas acho que se calhar por um lado poderia ver liberdade, que haveria mais liberdade mas se calhar era uma liberdade ilusória. Eu essa opção não escolheria. Escolheria, para mim, passar, mudar-me, ficar com a pessoa junto, constantemente, diariamente, ir viver juntos e casar.

M: Constituir uma vida, constituir família.

N: Ya, pois para mim... Ter filhos, faz parte disso, dum relacionamento. Acho que uma das coisas que virá a seguir é a questão dos filhos. Então, isso para mim, o casamento é a vantagem. Olha, posso falar da vantagem do casamento, é, sei lá, uma estrutura em que há uma continuidade lógica para haver filhos e constituir família.

D: No futuro.

D: Sim mas o casamento também, por exemplo, também... É assim, o casamento ou a pessoa morar junta para mim é basicamente a mesma coisa, o que diferencia é um papel. Como é evidente, no caso de depois haver algum problema e as pessoas terem que ir

uma para cada lado, tens menos chatices se não fores casado do que se tiveres casado. Mas no casamento depois claro que quando se tem filhos tens... a relação já não é a dois, já passa a ser distribuída de outra maneira e...

Jo: As prioridades mudam.

D: É, as prioridades mudam... Isto tem sempre um lado bom e um lado mau. Como é óbvio, as pessoas já sabem o que é que querem e já vão mentalizadas para as coisas e sabem, escolhem, fazem as suas escolhas. Daí pronto, depois é como as pessoas gerem as coisas e mantêm a relação é que faz com que a pessoa seja feliz ou não, conforme aquilo que a pessoa queira. Acho que isso é tudo relativo.

N: Posso fazer uma pergunta à D? Tu achas então que pelo facto de a diferença entre o casar e o viver junto, não há diferença é só um papel. Foi o que tu disseste.

D: É.

N: Mas também falaste na diferença que mas se separassem também haviam menos chatices.

D: Sim

N: Então eu pergunto...

D: Mas acho que a nível de pensamento às vezes as pessoas pensam que só por casar que a pessoa já pronto, já lhe pertence e não...

N: Sim, mas achas que uma relação é mais estável no casamento ou não tem nada a ver? Ou a questão da estabilidade numa relação... tanto podemos encontrar... tanto podemos encontrar casamentos estáveis como não casamentos estáveis.

D: Exactamente.

N: Sim, mas achas que ao casar há uma tendência para a maior estabilidade, como tu disseste. Pronto, se acontecer alguma coisa não há chatices.

D: Eu acho que não, eu acho que isso depende da relação que tu constróis.

N: Só depende da relação, não depende do facto de estar casado.

D: Eu acho que depende das duas pessoas; acho que as coisas dependem sempre das duas pessoas. A estabilidade... há pessoas que às vezes, o namoro, as coisas não estão bem. E se é preciso traem as pessoas ou andam com outras e as coisas não estão bem e namorar, e depois pensam que o casar que vai fazer com que pronto, atinem e fiquem...

N: Pois

D: ...e que as coisas ficam bem e não é assim.

N: Pois, sim sim.

D: Conheço casos que as coisas com o casamento não alteram nada.

N: Ok.

Jo: E também há casos em que o casamento também não acrescenta nada, não é?

D: Exacto. Sim, eu não sou contra o casamento. Mas pronto, neste momento estou a viver junta. De momento não penso em casar mas mas, mas não ponho a hipótese de lado.

Ja: O que eu vejo é que a maior parte das pessoas acabam por se casar, não digo todas, mas grande parte por questões burocráticas porque depois tens bastantes...isto já é um bocado o final do conto de fadas. Acabas por ter vantagens...

D: Acho que hoje em dia não é assim porque hoje em dia ao fim de x anos que tu moras com a pessoa...

N: Já tens os mesmos...

D: ...acho que tens as mesmas vantagens.

Ja: Mas isso é muito recente, é muito recente mesmo.

D: É, É.

Ja: As pessoas que eu conheço que se casaram há dois anos não tinham isso e casaram-se mesmo só ir ao civil só para terem as vantagens...

D: Há pessoas que pensam que o casamento resolve muitas coisas. Por exemplo, também já, também há aqueles casos de pessoas...por acaso conheço um caso de uma rapariga que os pais não...pronto, ela não tinha assim muita liberdade para sair de casa, essas coisas assim. E só com o casamento...principalmente antigamente é que isso acontecia. Isto vê-se mais nas mentalidades mais retrógradas que os pais só deixam a filha ter mais liberdade depois de casarem e pronto.

A: Nós mais à frente vamos voltar um bocado a estas razões para as pessoas casarem. Antes de passarmos a outra questão, gostava de saber o que é que então vocês consideram uma boa evolução numa relação de namoro, se tivessem de definir assim uma linha de tempo o que é que considerariam um boa evolução dum namoro?

Silêncio

A: M estás-te a rir, força.

40:50

Ja: Acho que basicamente é não estagnar não sei...pelo menos pela minha experiência...eu acho que a partir do momento que começa a estagnar ou que alguém começa a levantar dúvidas acho que está (imperceptível) ...ou que entra uma terceira pessoa, pronto. Se não, eu acho que as coisas, se as duas pessoas fizerem por isso acho que varia muito de situação para situação. Eu já tive três relações longas: uma foi 4 anos e tal, outra foi 2 anos e tal e esta são 2 anos e tal e continuaram durante esse tempo e foram boas durante o tempo que duraram porque se fez por isso. Depois quando acabaram claro que custou imenso, uma mais do que a outra...pronto mas claro que todas tiveram as suas coisas boas e as suas coisas más. Claro que evoluíram de maneiras diferentes porque eu também estava em fases diferentes da minha vida e a outra pessoa, as duas outras pessoas não têm nada a ver uma com a outra. Acho que depende muito mas desde que o fundamental, que foi o que nós debatemos inicialmente, se mantém acho que as coisas vão evoluindo, talvez depois no sentido de viver juntos, casar ou não, ter filhos ou não, por aí adiante.

D: Eu acho que a evolução também faz parte o conhecimento da pessoa. Portanto, a partir ... A pessoa começa a namorar. Quando uma pessoa começa a namorar no início, conheces aquela pessoa, né?, assim um bocadinho. E depois vais conhecendo à medida

que vai passando o tempo e como é óbvio cada cabeça é a sua cabeça e...depois conforme, conforme os objectivos de vida, conforme as oportunidades que aparecem, a nível de estudos, a nível de trabalho, tudo, vai-se tudo construindo e vai tudo dependendo de como as pessoas vão seguindo o caminho e a relação também vai acompanhando isso não é? A vida continua, agora...para se construir uma boa relação tem sempre de existir aquelas coisas base; depois o conhecimento da pessoa e depois é sempre a compreensão a tentar que os caminhos sigam de maneira a que a relação não interfira na vida profissional e que a vida profissional também não interfira na relação. Tentar conciliar tudo de maneira a que as coisas corram bem.

Ja: Sim, não há uma fórmula mágica senão...

D: É, é.

Ja: Se houvesse uma fórmula matemática onde pudéssemos pesar as coisas seria mais fácil.

D: Por isso é que eu digo que também há sempre altos e baixos e tudo faz tudo parte das vivências, a construção da relação faz sempre parte das vivências das pessoas, dos objectivos das pessoas, também do gostar porque a partir do momento em que a chama se apaga, aí já não se consegue, não se consegue continuar a estar, a relação mesmo com estas coisas todas mas já não há aquela chamazinha, aquela gasolina não é, que faz andar o carro, é mesmo assim.

M: Empurra-se...

Risos

N: Ou manda-se o carro pela ribanceira.

D: E aí pronto e se a pessoa deixa esticar as coisas ou não faz nada, ou depois...

M: Ou tenta-se mentalizar que aquilo...

D: ...às vezes também é preciso estar num tempo longe.

A: Não percebi, desculpa M.



M: Ou tenta-se mentalizar daquilo que está a acontecer no momento e não tenta arranjar soluções...é um bocado mau.

D: Às vezes se calhar quando acontecem essas coisas também é preciso as pessoas pararem um bocadinho e ficarem um bocadinho sossegadas, uma para cada lado a reflectir um bocado para ver o que é que, o que é que dá.

A: Ok. O que é que leva então alguns namorados a coabitar? Razões.

D: A coabitar como assim?

N e Ja: A viver juntos.

N: A alugar uma casa e ir viver juntos, fazer família...

Ja: Ou irem viver um para casa do outro.

A: Exactamente.

Jo: Isso se calhar vem derivado do crescimento da própria pessoa, do próprio indivíduo. Numa determinada altura da nossa vida queremos o nosso espacinho, queremos ter as coisas à nossa maneira, queremos chegar a casa e mandar a roupa para um canto e não vir ninguém atrás dar-nos nas orelhas “apanha a roupa”. A pessoa com 15 anos sujeita-se a isto mas se calhar aos 25 “calma lá, então”.

D: Sim, mas isso também é ires viver sozinho.

N: Pois, porque uma mulher...

Risos

D: Isso não quer dizer que...

Risos

D: Se calhar a tua namorada...

Risos

Jo: Mas ia começar por aí. Primeiro começa o sentir da pessoa. Quer ter o seu espaço e depois continua a querer partilhar esse espaço com alguém, ok? A pessoa não quer estar subjugada aos pais mas quer partilhar a casa com outra pessoa de igual forma, de igual nível. Penso eu que seja isso.

N: Também penso que sim.

Ja: Eu não sei, eu vim viver sozinha para cá tinha 18 anos e não gostava muito de ter pessoas no meu espaço. Acho que é normal, uma pessoa acaba por criar um espaço só nosso e depois parece que alguém que lá entra acaba por ser um bocado um intruso não é? Estamos habituados a ter as coisas à nossa maneira e a não gostar de ter as coisas desarrumadas ou a gostar de ter as coisas desarrumadas, seja o que for, depende dos dias (risos). Mas depois quando deixamos alguém entrar no nosso espaço acaba por ser um bocado complicado. E o problema é quando achamos que o espaço é nosso e...a mim por exemplo, o meu namorado acaba por ir lá passar algumas noites e ele é super querido e é super cumpridor e limpa as coisas e faz tudo e eu sou horrível (risos). Mas eu admito isso e acho que pronto quando quero descarregar em alguma coisa acabo por descarregar nele e não é muito bom mas pronto acabo por achar que eu é que tenho direito ao espaço porque é o meu espaço. Se calhar fosse um espaço comum...

Jo: Se calhar esse é que é o problema.

Ja: ...isso seria um bocado diferente.

Jo: Se calhar um dia vais ter que pensar em deixar aquele espaço para trás e encontrar um espaço novo juntamente com outra pessoa porque naquele espaço vais ser sempre dona e senhora.

Ja: Eu agora vou para outro espaço sozinha, por isso... (risos)

Jo: Mas vai voltar a ser o mesmo.

Ja: Isso é um bocado complicado. (risos). Não, não sei mas é bom, acaba por ter muitas vantagens. Para ele acaba porque acaba por estar mais perto do sítio onde tem de ir pronto e está comigo e depois uma pessoa também cria um hábito, quando ele não vai obviamente que eu resmungo e tudo mais mas quando ele não vai eu sinto imensa falta dele e vou sentir ainda agora mais quando for para fora. Isso não quer dizer nada, uma

pessoa acaba por ser habituar a partilhar esse espaço e seja qual for o motivo que tenha levado a esse ponto de coincidência.

A: E outros motivos? Alguma outra ideia de razões que podem levar as pessoas a quererem viver com o namorado ou com a namorada?

D: É assim, eu acho que quando, quando... Primeiro tem que haver, as duas pessoas têm que querer ir morar juntas. Podem...depois de tomarem essa decisão é...é baseada sempre, como é óbvio, as pessoas querem partilhar o espaço, querem estar mais tempo juntos para não estarem com aquela coisa de estares com a pessoa mas depois cada um tem que ir para sua casa ou...como é óbvio tem sempre aquelas vantagens fazeres o que bem entendes com a pessoa e juntas sempre o útil ao agradável. Aproveitas o tempo de outra maneira pronto, como é óbvio. Agora, claro que às vezes também...por exemplo, eu não sou cá de Lisboa e quando eu vim morar com o meu namorado viemos os dois trabalhar para aqui, pronto. Queríamos começar uma vida nova, dar uma volta à relação e pronto. Entretanto ele arranjou aqui trabalho, também arranjei e pronto e foi aí que viemos para aqui morar. E pronto, como é óbvio as coisas depois...tentas sempre moldar, há coisas que se tentam sempre moldar...é tudo aprendizagens.

Ja: Por exemplo, no caso da minha irmã foi uma preparação para o casamento. Acabou por ser para verem se eles os dois juntos combinavam bem a viver. No meu caso eu não expliquei como é que nós começámos; é porque o meu namorado trabalha à noite, trabalha das sete à meia-noite e se não fosse assim nós não nos podíamos ver. Nós tentamos inicialmente assim e era super complicado, eu andava estoirada, andava a deitar-me super tarde e a levantar-me super cedo, e então acabamos por conciliar assim as coisas e pronto.

50:45

A: E o que é que leva as pessoas a casar? Já falámos de algumas ideias. O que é que leva as pessoas a casar?

Jo: O álcool!

Risos

Ja: (imperceptível)

A: Tens de explicar Jo.

(imperceptível) Risos

Ja: Já deve ter acontecido.

Risos

D: Já deve ter acontecido. Às vezes...é assim, depende...depende dos casos. Já já, conheci muita gente, falei com muitas pessoas, pronto assim que já passaram por essas coisas e todas elas tinham motivos diferentes.

A: Força, digam-nos.

D: Como eu tinha referido já atrás, por exemplo, um caso que eu conheci em que ela era, pronto...passavam muito pouco tempo juntos porque tinha os pais, era complicado e tudo isso...só que eles não podiam ir morar juntos porque os pais da rapariga eram um bocado daquela...tinham aquela forma de pensar; para sair de casa era casar. E pronto, e foi isso que levou ao casamento. Depois...pronto depende também um pouco da mentalidade das pessoas; há pessoas que...hoje em dia vê-se mais pessoas a ir viver juntas mas antigamente quando havia uma relação de já de há muito tempo porque é que vamos viver juntos, a gente sabe que é com aquela pessoa que quer estar então vamos é casar, pronto, depende de muita coisa.

Ja: Eu acho que nós estamos habituados desde pequeninos a ser o final de qualquer conto de fadas, é o viveram felizes; casaram-se e viveram felizes para sempre, eu acho que isso ainda perpetua tipo com esta idade, acho que é normal, acho que o amor é fundamental, acho que é isso que leva sempre ao casamento. Um bocadinho... se se falar de uma forma mais cínica obviamente que há outras coisas mas falar do ponto de vista... é isso, embora eu possa não acreditar e possa não querer fazer continuo a achar que é uma coisa muito bonita e acho que é sempre um dia muito especial.

N: Não sei, eu acho que pode-se casar por várias razões, umas mais modernas que outras. A pressão social, a D estava a falar, antigamente era normal então as pessoas acabam por se casar. Às vezes também acontecem em alguns meios; se ela engravida, pronto olha vamos ter filhos, vamos casar, porque não casar e tal? A pergunta será porque não; porque não casar. Por exemplo, na minha opinião eu vejo, eu vejo bastante,

para mim casar...os meus pais casaram-se não é, e por causa disso eu existo, eu vivo. Então eu também me quero casar e depois dar continuidade, ter filhos para depois eles poderem também ter filhos. E acho que tem mais lógica isso no casamento. Se podia isso acontecer também em viver junto? Podia, mas então eu pergunto, então porque não casar? Porque não se ainda por cima tem coisas boas a nível da sociedade. Porque depois também envolve, quando se tem filhos eu acho que...para mim o meu objectivo e acho que deve ser dos casais, é dar estabilidade aos filhos, é manter a relação porque há...vocês são de psicologia devem saber melhor do que nós, que divórcios traz problemas à criança, não sei. Eu pelo menos...eu moro ao pé de um bairro social e os miúdos, eu tenho contacto com os miúdos, e os miúdos que têm os pais divorciados ou assim têm muitos mais problemas do que os miúdos que têm uma família; os pais casados e têm uma família estruturada. São muito mais problemáticos. Então eu acho que também o casamento é para dar esse apoio e essa estrutura e essa...há continuidade ahm da vida e acho que também para quem é religioso também é um bocado, é, passa um bocado pela vontade de Deus ou qualquer coisa assim parecida. Acho que as pessoas também se casam muito porque...

Ja: É um dos sacramentos.

N: Pois, como a igreja católica diz. Mas pronto, agora tirando fora da religião acho que as pessoas casam-se, que não acreditam em nada...não sei, porque se calhar porque vêm os outros casar, foi daí que nasceram, daí que apareceram, é a ordem normal da vida e casam-se.

D: Exacto.

M: Os meus pais casaram-se porque é que não me vou casar?

A: Pois

N: Não sei. E pronto, gostam...é isso, gostam da pessoa, amam a pessoa, querem passar tempo com a pessoa, solução? Casar. Mas hoje em dia há mais a solução viver juntos, mas pronto.

D: Sim mas lá está não quer dizer que a pessoa vá viver junta eternamente e nunca se case, não é? Podes viver junto durante uns tempos e mais tarde casar.

N: Sim, mas isso como tu disseste é só um papel não é? Ou trás mais alguma coisa?

D: Não, é um papel não é? Como é óbvio há sempre alguma diferença...

N: Mas traz evolução no relacionamento?

D: Eu acho que não.

N: Então fazer isso no início do viver juntos ou no meio de viver juntos ou no fim de viver juntos, se não traz qualquer evolução no relacionamento...

D: No relacionamento não traz, no relacionamento não traz como é óbvio. É assim, por exemplo, o dia que eu tiver filhos ou assim...como é óbvio gostava de casar antes de ter filhos porque acho que para os filhos é diferente. Os meus pais são casados. Aí já é diferente mas isso também depende do tempo que tu queiras viver as tuas fases, não é?

N: Sim.

D: Se tu estás a namorar, namoras durante um tempo, vais logo casar, logo ter filhos, acho que acabas por não desfrutar com a pessoa aquela fase de...no fundo é uma fase egoísta. Não tens que, não tens de ter, de tirar aquele dinheiro para os teus filhos ou...estás a perceber? Vocês partilham, vivem esse dinheiro só os dois, vão passar os dois férias às Caraíbas, é diferente.

N: Pois.

A: É diferente.

D: É diferente.

N: O meu irmão casou-se e quando ele teve o primeiro filho a vida dele mudou.

D: Exactamente, é isso que eu quero dizer.

N: Ele passou a não ir ao cinema assim só por lhe apetecer. As prioridades mudam.

D: Exactamente, é completamente diferente e eu acho que aí é que está...

M: ...os amigos meus que têm filhos, e na questão de sair à noite e tal...se calhar não posso...

Ja: Pois.

M: tenho de pedir à minha mãe para ficar com o puto e se calhar ela não pode ficar com o puto...

D: Por isso é que eu acho tudo...

M: É aquela...o filho acaba por ser uma prisão, mas... É aquilo que nós queremos ter mas acaba por ser uma prisão.

N: Tem os seus contras. Mas também tem...

N e M: ...os seus prós.

D: É assim, eu adoro crianças, sempre tive irmãos...tenho uma irmã com uma diferença de 10 anos e outro com diferença de 12 e sempre...dei aulas a crianças de desporto, sempre adorei crianças. Só que é assim, o dia que eu queira ter um filho, o dia que eu...como é óbvio se vem inesperadamente, né, como é óbvio a pessoa pronto aceita as coisas, e fica contente e tudo mais.

N: Pode não ser porque também há a opção do aborto.

D: Sim mas isso...

A: Vamos tentar-nos focar.

Risos

A: Isso fica para outra entrevista.

D: Mas isso pronto, isso não...agora, acho que um filho...pronto depende também das fases em que tu estejas, das idades, daquilo que tu queres logo, se queres passar para uma coisa, como é óbvio...eu acho que...no início é sempre não é...quando se tem filhos há coisas que tu não podes fazer no início que se calhar fazes na fase do namoro...pronto é diferente.

Jo: Se me permitem voltar aqui um bocadinho atrás, lembrei-me depois de um caso de um amigo meu...de um amigo de uma amiga. A propósito, porque eles, porquê o casamento? Eles começaram a namorar aos 14 anos se não me engano, estavam no 8º

ano mais ou menos. Aos 18 anos entraram os dois para a universidade. Mais ou menos o curso deve ter sido 5 anos, 5-6 anos, portanto aos 23 formaram-se; aos 25 começaram a viver juntos e aos 29 casaram-se. Portanto, 4 anos depois de terem começado a viver juntos casaram-se, 14 anos depois de terem começado a namorar casaram-se. Porque é que se casaram? Eu acho que já não valia a pena, já estava...

Risos

M: Já estava tudo construído.

Risos

Jo: Eles devem ter sentido que era o passo seguinte, com certeza.

N: Pois

D: Lá está...

Jo: 4 anos já estavam a viver...

N: Eu acho que é interessante perguntares mesmo porque é que vocês decidiram casar? Se foi mesmo mais um passo que decidiram dar.

Risos

Jo: Tenho uma relação com ele um bocado engraçada, ele levantava-se do lugar e não me respondia.

Risos

A: Ok, gostaria agora de vos perguntar, o que é que leva as pessoas a manter um casamento? Tendo feito a opção de casar, o que é que leva as pessoas a manter um casamento?

Jo: Então, há dois casos: o bom relacionamento e o mau relacionamento.

A: Ok.

Jo: No caso do bom relacionamento é fácil, não é? É mesmo por esse bom relacionamento. No caso do mau relacionamento quais são as hipóteses...



M: Interesse.

A: Interesse quê?

M: Pode ser vários tipos, financeiro...

Jo: Tens o financeiro, pode ser os filhos, a questão dos filhos, manter o casamento só pelos filhos.

N: Pois. Pressão, tipo se calhar pode viver num meio em que é bom, é mau divorciar.

Jo: Pressão social. Pode ser a própria pressão da pessoa.

M: Ou a própria pressão da família.

N: Pois, pode ser.

Jo: Pois acredito. Manter uma aparência, manter uma aparência qualquer. Ou então também pode...estava a pensar...a pessoa pode ter receio do que possa encontrar se se divorciar.

N: Pois é. Também pode ser um bocado o medo da mudança.

Ja: De ficarem sozinhos.

A: Ficarem sozinhos.

Jo: E agora, é aos 50 anos que me vou divorciar? Então e agora?

Ja: Isso é a crise da meia-idade.

Risos

Jo: ...aos 50 anos que me vou divorciar? Então e agora?

N: Mas eu acho que também não sei se haverá assim bons casamentos, assim, acho que não dá para dividir entre bons e maus, acho que tipo, andam tudo no meio, uns mais para um lado outros mais para o outro e acho que também... Se eu casar, que eu quero casar, e se eu manter o meu casamento é mesmo; eu vou querer porque é, porque é a minha decisão. Eu quero lutar por aquilo então eu quero continuar o casamento. Mesmo

se eu já não estou apaixonado pela minha mulher, mesmo se eu... não sei, eu quero, eu quero decidir fazer isso, eu...não sei, se calhar é um bocado mau, parece que quero conseguir ultrapassar as dificuldades, não sei...já pensei muito sobre isso mas...

Silêncio

D: Isso é tudo tão objectivo.

A: Tão objectivo?

D: Não é...pronto não é...não é objectivo.

A: Ok. Estamos a terminar já e gostaria...

N: Oh

Risos

01:02:50

A: Gostaria de perguntar que conselhos, assim da forma que entenderem, que conselhos dariam a amigos que estejam a namorar e queiram ter uma relação bem sucedida no futuro.

Silêncio

N: Eu diria, mantém o equilíbrio, tenta manter o equilíbrio na relação. Não leves as coisas rápido demais porque senão depois não há nada para descobrir. E eu aconselhava que a tua atitude seja de, não de desistência, mas às dificuldades tentar ultrapassá-las. Claro se elas forem mesmo avassaladoras então olha, podes pensar duas vezes. Mas luta.

D: Sim tem que ser, haver uma luta. Também deixar sempre algum espaço para a pessoa, para a pessoa ter...para a pessoa vir procurar a outra por vontade, ou seja, acho que deve haver sempre um espaço, uma conquista. Não deixar apagar a chama, tentar sempre...fazer coisas novas, não cair na monotonia. Acho que isso...as pessoas têm também de ser sinceras.

N: Ya.

D: Haver sempre...falar; comunicação com a outra sobre aquilo...mesmo que a outra pessoa não concorde, fazer ver as coisas, defender as suas coisas e tentar ver o porquê, porque é que a outra pessoa não gosta, se não gostas bem vamos fazer então assim...pronto, tentar sempre conciliar as coisas.

A: Ok.

Jo: Parem para escutar.

D: Exacto.

Jo: Escutar a outra pessoa e respeitá-la. Parem para escutar porque muitas vezes, por mais convencidos que nós estejamos da nossa visão se calhar, ouvindo a outra pessoa, não só acalmamos como conseguimos perceber o que ela está a pensar, o que se passa lá dentro.

D: Tentar perceber a pessoa.

M: Eu também diria arranjar muita paciência.

Risos

D: Sim, é. Pois há dias...

M: Muita paciência.

D: ...que uma pessoa tem mais paciência do que outros como é óbvio. Depende também do stress do dia. Há dias que tu por uma coisinha de nada chateias-te...

M: Explodes.

D: ...e há outros dias que...

Jo: É, é.

M: Por uma coisinha de nada explodes.

D: em que se é preciso é uma coisa...

Ja: Eu acho que principalmente, eu diria para esse meu amigo ser ele próprio, tentar encontrar algum ponto de equilíbrio com a outra pessoa e seguirem tipo, para crescerem...para não divergirem. Acho que é basicamente isso, acho que quando começam a divergir há muitos problemas. E se querem continuar a estar juntos, podem ter o seu espaço e devem-no ter, mas devem ter qualquer coisa em comum porque a partir do momento que deixam de ter isso em comum não vale a pena...

D: Sim, como é óbvio tem de ser tudo moderado.

Ja: Sim, sim, sim. É que nem adianta, se há essa divergência não basta só gostares de uma pessoa. Às vezes tu gostas muito de uma pessoa e é preciso mais do que isso para continuar uma relação. A paciência e tudo isso, é complicado. E acho que era isso que dizia.

A: Mais algum conselho?

Ja: Ah, e se deixassem de gostar...para acabarem, para não estarem a insistir porque senão...

A: numa relação bem sucedida não é?

Ja: Sim, para ver se ainda se consegue ficar uma amizade senão perde-se tudo...acho que, perde-se o respeito por si próprio a certa altura ou pela outra pessoa. Pode-se lutar por tudo mas quando deixa de haver isso...

D: Sim, tem que se lutar mas ao mesmo tempo, quando esses casos...quando a pessoa...mas aí, lá está, aí não é assim de um dia para o outro. Tu acordas e tu dizes “olha já não gosto mais daquela pessoa.” Isso não é de um dia para o outro que acontece, pode depois, lá está...isso vem sempre de traz, não é de um dia para o outro. E aí, na altura em que as coisas estão... já não estão a começar a correr bem, aí tem de se falar e ver o que é que está a acontecer.

Ja: E acho que se deve dar tudo por tudo, pronto. Acho que é isso. Chegar ao final, mesmo quando acabar, uma pessoa sentir, pronto “eu fiz tudo o que podia ter feito para a relação ter dado bem”. Acho que (imperceptível)

01:07:54

A: Ok, eu sei que foram levantadas algumas ideias a que não podemos dar muita continuidade. Mas gostaria agora, para terminarmos, de vos perguntar se há alguma ideia ou alguma altura em que queriam ter dito alguma coisa e não calhou, que gostariam, achariam importante dizerem ainda. Pensando em tudo o que falámos, alguma coisa que gostariam de acrescentar.

Silêncio

Jo: Não estejam a olhar para mim que não vai sair coisa boa.

Risos

Jo: Eu só queria acrescentar que a principal causa dos divórcios é o casamento.

Risos

Jo: Estou a brincar, estou a brincar.

A: Aqui um remate.

N: A principal causa da morte é a vida. Só se morre porque se vive.

Ja: Estava a pensar mesmo nisso...

Risos

A: Então olha agradeço-vos muito por esta troca de ideias, muita obrigada mesmo por terem estado presentes. Pedia só que preenchessem então o questionário e queria que fizessem uma coisa em relação ao questionário: se houver algum item que vocês não percebam ou acham que está difícil de responder, façam uma notinha ao lado a dizer eu não percebo ou não sei. Porque isto é para aperfeiçoarmos ainda este questionário para depois as outras fases está bem?

### TRANSCRIÇÃO FOCUS GROUP 3

An: Vamos começar então pela apresentação de todos. O meu nome é An.

N: Eu sou a N e estou aqui para servir de apoio à transcrição do FG para ser mais fácil e vou estar atenta também à estrutura do guião.

An: Pedia-vos que dissessem o vosso nome, a vossa idade e há quanto tempo é que namoram.

A: Sou o A, tenho 27 anos e namoro há ... dois anos e oito meses.

S: Chamo-me S, tenho 20 anos e namoro há um ano e um mês.

F: Sou a F, tenho 27 anos e namoro há um ano e dois meses

C: Tenho de fazer as contas risos. Sou a C, tenho 22 anos e namoro há ... estamos em Fevereiro, Março Abril, Maio, faz daqui a três meses quatro anos.

J: Sou o J, tenho 25 anos e namoro... em Abril faz três anos.

An: Estamos então a falar de namoro, portanto em primeiro lugar gostava de vos perguntar o que hoje em dia define uma relação de namoro. Podem começar em qualquer ordem.

J: Não sei (interrompido pela C)... Acho que uma relação de namoro significa ter uma parceira, como é que eu hei-de explicar, uma relação de namoro é quando duas pessoas gostam uma da outra, sentem algo para lá da amizade, bem para lá da amizade e decidem partilhar algumas coisas da vida. Hum... Não sei assim muito mais, acho que talvez com o decorrer da conversa.

C: Ahm... Podemos ser assim muito informais? (Claro) Acho que sou a mais novinha aqui, não é (Acho que é a S) Que idade é que tens, desculpa, não apanhei! (S: tenho 20). Desculpa! Então, pronto. Eu olho para o meu secundário e neste momento vejo miúdas com cintos, não vejo miúdas com saias. E então eu tenho perspectivas de namoro, tenho a minha e tenho aquela que vejo. Hoje em dia, não vejo namoro, vejo quecas escondidas, é o que eu vejo (riso), são duas pessoas que se juntam e decidem dar uma volta e pronto, olha, já está. E depois vejo pessoas que têm relacionamentos mais sérios e que... As que eu conheço porque não tenho, como é que eu hei-de dizer, não me dou

com pessoas muito mais velhas, ou seja, não tenho ainda perspectivas de casamento, não tenho essa visibilidade, mas tenho colegas como eu, tenho amigos como eu que têm a minha idade e estão mais ou menos no mesmo, no mesmo piso e depois tenho aquelas pessoas mais novinhas só que têm uma perspectiva completamente diferente da minha e que dão umas cambalhotas e pronto, é isso que é o namoro para elas, por enquanto.

An: E qual é a tua perspectiva?

C: A minha perspectiva, a minha perspectiva é muito... Toni Carreira (risos), uma coisa muito romântica, espectacular, mas também de muito sacrifício, de muito dar pelo outro. Uma vez li um texto, já não me lembro de quem é, mas lembro-me que, assim umas três páginas em que dizia assim que o amor não podia ser nem pelo outro nem para o outro, não podia ser sacrifício nem podia ser alegria a mais, não podia ser nada disso, tinha que ser apenas a junção de duas pessoas, uma porque é outra porque é, nada de ser pelo outro, nada de fazer sacrifícios, nada de tentar ser melhor pelo outro. Para mim não é assim, há sempre sacrifício, há sempre adaptação, há sempre um esforço. E pelo minha experiência pessoal, também tem uma dimensão intelectual muito mais, uma dimensão racional muito, muito elevada, porque... não sei se vocês já passaram por isso, hum, eu ainda tenho as hormonas aos saltos, portanto... volta e meia vejo uma coisa linda há minha frente e pronto começo a pensar, e se e se, e acho que muitas vezes tem que ser a nossa própria decisão, temos de tomar a decisão de ok, não vou sair da linha, a minha linha é esta, é por aqui que eu quero ir. Ponto final.

04:25

An: Mais opiniões...

S: Eu, portanto, concordando com tudo o que vai sendo dito, ham... talvez pelo facto da minha mãe ser psicóloga (riso), mas quando a An pergunta da relação de namoro, a mim o que me ocorre logo mas é por ouvir se calhar mas porque concordo também com isso, uma coisa que a minha mãe, não sei desde quando é que me lembro de a ouvir dizer isso, mas uma relação de namoro e uma relação de casamento é aquela expressão de um mais um igual a três, aquilo que é o eu, o tu, e o nós. Portanto para mim, para mim é sobretudo isso, é pensarmos em conjunto, é também uma visão muito, muito romântica, ham... e portanto e à medida que o tempo vai passando e as coisas vão surgindo, portanto, acho que as coisas devem ser... Ah ainda noutro dia vi um filme, já em fase de

casamento que é um filme que saiu agora que é a Terapia para Casais em que as pessoas que já são casadas mas que as pessoas esquecem-se de namorados, casados esquecem-se de namorar. E acho que é uma coisa que as pessoas nunca se devem esquecer porque sobretudo e apesar de tudo e acima de tudo são namorados. Para mim o namoro é uma relação séria que eu vejo, eu perspectivado muito o futuro. Não sei porquê mas vejo muito à frente e acho que também é, também é isso, não tem que ser isso mas para mim é isso. É uma visão em conjunto de tudo.

A: Ahm... posso falar eu agora, eu acho que é um bocadinho como a S pensa que eu penso também, mas agora tornando isso muito prático, o que é a diferença entre começar a namorar e a amizade etc etc não é? É passar um bocadinho mais para a relação íntima, isto é, ver que há intimidades que são comuns que não são comuns com outras pessoas às quais nós somos amigos, não é? E eu acho que a questão da C ahm do ser banalizado o namoro, etc, não é de agora, já vem de ... pronto, já tenho 27 e ainda tenho as hormonas aos saltos (risos) Portanto... nesse sentido, não, estou a brincar! Gostei dessa parte, “eu sou novinha e tenho as hormonas aos saltos”, gostei dessa parte. Mas é engraçado porque, quer dizer, isto... eu acho que é de sempre, banalizar o namoro, portanto como as pessoas encaram, quer dizer, há os amigos coloridos, há a namorada, há os amigos, eu acho que depende muito de como as pessoas sabem estar e como estão e como querem estar com os outros, ou mais facilitistas ou mais sérios, o facilitista também não quer dizer que não sejam sérios, não é. Mas acho que é, para além destas questões que podem estar ligadas ao sermos mais românticos ou menos românticos, acho que é passar para além, é querermos estar mais tempo com aquela pessoa, queremos estar a conversar sobre tudo e mais alguma coisa com aquela pessoa, termos assuntos que falamos com aquela pessoa etc etc etc, será por aí que começamos a perceber que há mais alguma coisa do que ser simplesmente um cinema de vez em quando e estar com outros amigos e com essa pessoa... e obviamente uma atracção física que pode depois despoletar ou então já foi despoletada pelo anterior, não é? O gostarmos de conversar com a pessoa pode despoletar a atracção física como o contrário, não é, primeiro ser a atracção física e depois passarmos para outra situação. Porque o ser um amigo colorido ou ser um namoro menos responsável, não é, pode ser pode não ser, não sei, o banalizar, o banalizar pode dar alguma coisa séria. As pessoas podem-se conhecer, começar-se a conhecer, pode haver vários graus de namoro, um primeiro que é sem qualquer tipo de compromisso, estamos ali à vontade e depois



começamos a perceber que há ali mais qualquer coisa e queremos avançar, os tais pisos ou as tais fases, não sei, acho que é por aí.

08:55

F: Pronto, na minha opinião, a relação torna-se mais forte que propriamente um namoro. Porque o namoro é o início de um conhecimento para outra pessoa, porque muitas vezes não parte de uma amizade sólida, a maioria dos namoros partem por uma atracção física. E isto é a minha opinião. Parte de uma atracção física, logo por aí começam a se conhecer, dá-se algum tempo de namoro. Quando se torna mais sério, mais respeitado, aquela pessoa é aquela pessoa que eu quero, começamos a pensar em conjunto, como diz a S, para uma vida futura, acho que já se torna um relacionamento, ahm... Portanto, aí está, vários patamares do namoro, há o início, há o conhecimento, há aquela parte em que a gente diz, “não, este é o homem da minha vida, é com ele que eu quero constituir família, quero ter filhos” e passa para a relação. Porque o namoro não passa... passa de uma curtição, uma atracção física, ou um gostar leve. Porque até amarmos uma pessoa, uma pessoa não ama de uma hora para a outra, não existe aquele amor à primeira vista, existe uma atracção à primeira vista, há um gostar, há um entendimento. (silêncio) São opiniões.

Ninguém disse o contrário.

Eu não discordo.

S: Mas eu não percebo uma coisa. Mas então tu, como é que é, para ti o namoro primeiro é uma curtição?

F: Não, não, o namoro é um início de um conhecimento (S: ah, ok) que é mais base, quando uma pessoa começa a namorar uma pessoa não começa logo a amar.

C: Mas depois namora-se e... (imperceptível)

F: Aí está, vai a base do conhecimento, comes a namorar, comes a conhecer a pessoa, porque tu mais tarde ou mais cedo... tu dizes que namoras há quatro anos. (C: quase) Pronto, eu tive um relacionamento anterior de 7 anos, e no início sei que quando eu comecei a namorar, eu comecei a namorar por uma atracção, por um gostar apenas, não foi aquele amar, eu comecei se calhar a amá-lo, se calhar dois ou três anos depois.

Chegou a uma altura que o relacionamento tornou-se muito monótono. Também eu comecei a namorar tinha 14 anos, era uma miúda. Tornou-se muito monótono, a gente ... cheguei a um ponto disse assim “espera aí, tenho de saber se gosto dele ou não”. Eu gostar gostava mas amar, já não o amava. Era um hábito, estar com ele, era um hábito de poder sair com ele, poder conviver com ele. Porque acima de tudo ele Era o meu melhor amigo, era com ele que eu conversava, era com ele que eu desabafava. E pronto, foram sete anos, passamos muitos momentos juntos e chega uma altura... Porque o namoro, aí está, o namoro não é só, como é que hei-de dizer.... Também podem ajudar!!! Ahm...

11: 42

An: Eu percebi que fizeste uma distinção entre namoro e depois um relacionamento, que se calhar já estás a falar quase de um casal (F: é isso mesmo), de uma ideia de casal. Se calhar para termos aqui todos o mesmo conceito em relação às próximas perguntas, vamos assumir que os vossos relacionamentos, mesmo que já sejam com alguns anos, são relacionamentos de namoro, ok?, separando isso de um relacionamento por exemplo de casados, ok? Então, as perguntas que eu vou fazer a seguir em relação a namoro, vamos estar a falar de uma diversidade, como falámos aqui na primeira pergunta, ainda abrangente que vai desde se calhar relacionamentos mais curtos até relacionamentos já de alguns anos em que já existe de facto uma ideia de nós enquanto casal. Pronto, fazendo esta distinção penso que estamos todos então no mesmo conceito para que as próximas perguntas sejam respondidas dentro deste enquadramento. Então a segunda questão que eu poria e já falámos aqui de algumas ideias é o que consideram um bom relacionamento de namoro?

F: Respeito. Confidencialidade. Acima de tudo, amor.

J: Partilha das coisas, do bem e do mal. Acho que acima de tudo num namoro temos questões, pelo menos é a minha visão, e se calhar tenho uma visão de namoro um pouco já mais quase de casal, mas hum, mas ... acho que numa relação, ainda pegando um bocado no que tu dissesse, acho que o que a F disse é um pouco a lógica do que deve ser uma relação e concordo plenamente quando ela diz que primeiro... as etapas mais ou menos que ela descreveu, creio é que não há assim um ritmo de ... portanto, tu dissesse que namoraste sete anos, pronto e distingues aí algumas fases, não quer dizer que

tenham acontecido assim (F: sim, sim, sim) mas por exemplo, da minha experiência tive algumas relações anteriores em que passou-se do oito para o oitenta em pouco tempo, também comecei a namorar mais tarde, já tinha um pouco mais, alguma consciência das coisas, a mim nunca me aconteceu aos 14 anos estar a namorar, isso também depende um pouco do ritmo das coisas... e respondendo mesmo à pergunta e peço-te que me relembres... (sorri)

An: O que consideras um bom relacionamento?

J: O que considero um bom relacionamento, é que haja acima de tudo tolerância de parte a parte, compreensão, para que não, não... não fiquemos a perder numa relação, não... não percamos a nossa individualidade, porque é um pouco como tu dizias, quando se cai na rotina, quando estamos sempre com a mesma pessoa e isso a mim já me aconteceu uma vez, acabamos por, lá está, não saberes o que é que... se é que estamos a fazer bem, e acho que acima de tudo tem de haver uma quota-parte de individualidade, mas acima de tudo uma grande quota-parte de partilha. É no fundo meia-meia.

F: É a parte de privacidade, a tal parte de privacidade que toda a gente necessita ter. Independentemente que haja partilha toda a gente necessita de uma parte de privacidade e respeito, aí está, vamos voltar ao mesmo. Quando digo isto, se um relacionamento quer andar, tem de haver respeito, tolerância, como ele diz, partilha, e coisas mais não é?

J: Se não acho que a vida depois em casal não resulta, se não houver... porque depois então na vida de casal, essa parte de tolerância de, de individualidade tem de ser preservada. Portanto acho que um bom relacionamento, se um namoro já for assim já é um bom passo para o futuro, digo eu.

15:34

S: Acho que às vezes é visto negativamente, mas acho que algumas discussões, acho que também fazem bem, são saudáveis, acho que quando não existem... não é preciso ter discussões de partir a casa toda, (risos) não é preciso, mas às vezes, por exemplo, eu no meu relacionamento eu não... eu não... acho que se discuti a sério, ainda treze meses, se duas ou três foram assim... mas às vezes ficarmos chateados um com o outro

e discordarmos e se for preciso .... Acho que isso faz parte e tem de fazer parte porque acho que se não fizer parte então quando se avança para uma vida futura e ... para um relacionamento ainda de outro nível, quando uma pessoa casa ou se junta, pois aí é que vêm ao de cima coisas que já deviam ter vindo, portanto acho que é saudável, acho que tem de existir muito amor, eu não sei, mas eu sou um bocado, se calhar muito cor-de-rosa, uma visão ingénua, mas não chega só um amor e uma cabana como é óbvio mas acho que é a gasolina, acho que é. Partilha e compreensão e isso tudo que já foi dito

F: Todas as discussões podem ser saudáveis e aí está, a base do respeito da outra pessoas, se tu conseguires respeitar o que a outra pessoa diz, existe uma conversação, uma discussão, uma troca de ideias, mas é assim que as partes ficam a saber o que é que pronto.

S: E vamos conhecendo os limites uns dos outros, um do outro.

F: E não só, dá para nos conhecer.

S: Mais ainda, outra coisa que eu também acho importante... ah... acho também que um bom relacionamento é, volta e meia, o casal, os namorados, fogem à rotina e fazem coisas completamente diferentes do que estão habituados no dia-a-dia, e acho que também é importante, o bom relacionamento é aquele em que ambos se riem muito um com o outro, porque sei lá, rir faz bem, sorrir, sei lá.

J: Acima de tudo é haver uma certa cumplicidade, se estamos com alguém... isso também já me aconteceu, chegamos ao fim de um tempo e quer dizer, o que é que me identifica com esta pessoa, também não é positivo. E em relação às discussões, eu por exemplo eu falo por mim, quase todas as semanas tenho a minha discussãozinha, e acho que é fundamental, há diálogo e há comunicação o que se calhar noutras situações não aconteceu. E mesmo que as situações não se resolvam e todas as semanas se esteja a discutir o mesmo, também não é bom mas pelo menos percebe-se o ... exactamente o ponto de vista do outro e se calhar numa altura achamos que os pontos de vista são completamente antagónicos, ou é lidar com eles, ou lidar com eles doutra maneira.

S: Às vezes eu pensava, quando uma pessoa fala de discussões, não só gritar ou levantar a voz, para mim, o conceito de discussão, uma pessoa fica irritada chateada com alguma coisa que se passou e pode mostrá-lo das mais variadíssimas formas.

F: Mas há pessoas que não se conseguem conter e isso também depende das pessoas.

An: C, penso que há pouco ias falar.

C: Eu nem vou por aí, um bom relacionamento, nem vou por aí porque... acho que há... para ser um bom relacionamento para mim.... Eu nunca fui de curtes, nunca fui de curtes, nunca fui de me dar assim a uma pessoa assim “vai, bora”, nunca apanhei uma bebedeira na vida... (risos) não! Sempre fui muito mais séria, e para mim um relacionamento tinha de ter alguma base de, no mínimo tinha que ter ali, confiança e tinha que ter o mínimo, o mínimo de intenção para a fidelidade (risos) pronto (risos) ahm...acho que não posso obrigar ninguém a ser fiel mas pronto, a intencionalidade tem de estar ali.

20:10

F: Mas também tu disseste que não confias também nunca te vais entregar, ahm, neste caso, nunca te vais entregar a uma pessoa que não confias. (C: Hum? Não estou a dizer que não confio). Não, não, estou a dizer, como é óbvio tem que haver confiança na pessoa e a parte do respeito, porque se nós estamos com essa pessoa, entregamo-nos a essa pessoa e não esperamos sempre que a outra pessoa nos vai trair, não podemos pensar nisso porque se não assim também nunca nos entregamos a essa pessoa.

C: É por isso que é um pressuposto, está ali, guardadinho! (F: É isso) É um pressuposto. Agora, para mim, um bom relacionamento, para mim tem que haver paz, tem que haver paz com o relacionamento. Eu acho que fora as discussões, porque acontecem, eu acho que não tive nenhuma discussão, opá, tive assim uma discussão assim mais chata mas foi resolvida em cinco minutos, hum... tem que haver paz com o feitio do outro, tem de haver paz com os defeitos do outro, tem que haver paz com os nossos, e tem que haver paz na forma como o relacionamento se processa. Porque se nós ficamos chateados por o relacionamento, por ele fazer isto e nós ficamos mesmo chateados, que horror que horror e não conseguimos ultrapassar aquilo, o relacionamento não é bom, não é bom, porque vai haver rancores, vai haver amargura, e a pessoa vai-se lembrar daquilo 8 dias depois, eu não estou a dizer que se tem de esquecer, mas tem de haver paz na forma como as coisas se processam. E se vier uma discussão, ok resolve-se, siga, e se vier um momento melhor (engana-se na palavra e as pessoas riem-se) a parte melhor também vem, aceita-se, siga, também não fica para sempre. Acho que tem que haver mesmo

muita paz no relacionamento, e tem que haver um grande investimento. E quando eu falo em investimento não é investimento por exemplo de ir para fora fazer uma escapadela, não é. Mas por exemplo eu ando há três anos a tentar jogar um jogo de computador. O meu namorado adora jogos de computador e eu digo, ok, eu tenho de aprender a gostar disto, tenho de aprender a gostar disto! Ainda não consegui mas hei-de lá chegar, hei-de lá chegar (risos).

22:08

F: Já vale a tentativa!

C: Mas por exemplo já o consegui meter a ler. Ele não conseguia ler um livro, não conseguia, não... odiava aquilo! Hoje em dia conseguimos por exemplo, quando vamos, começámos a ir para a terra um do outro, e volta e meia “então levamos um livro?”, “mas porque é que tu queres um livro, vamos estar a conversar”, um livro, um livro, pronto, está bem! Tem de haver um investimento, não é tanto, eu nem falo em fugir à rotina, porque a partir do momento em que se aceita determinado relacionamento acho que as coisas fluem, é a minha forma de estar e pronto, nestes quase quatro anos consegui lidar com isso e consegui fazer isto. E também há certas coisas que estão a evoluir, não estão, como é que hei-de dizer, não aceitei por completo. Não tenho a minha vida como a quero ter, não sou autónoma financeiramente, quer dizer, mais ou menos, porque trabalho e estudo. Mas pronto, não tenho a minha casa, não pago as minhas contas. Se calhar quando chegar a essa fase as coisas se calhar começam a estabilizar, não tenho este tipo de objectivos, hão-de ser outros, um bocadinho talvez mais emocionais e mais familiares, não tanto pessoais, vá, uma coisa mais em conjunto, e a partir desse momento e as pessoas já chegam a estabilizar muito. Mas neste momento, acho que não é preciso fazer, perdi-me mas vá... não é preciso fazer assim grandes escapadelas, coisas muito grandes. Acho que é preciso ir conhecendo a pessoa e isso fluem naturalmente. E é preciso aceitar isso, acho que é, para um bom relacionamento acho que é preciso aceitar a fluidez das coisas e não estar a acelerar nem a apressar. Acho que as coisas fluem, e a pessoa ter de ir com a corrente e deixar as coisas irem. Paz para mim é a palavra mais, porque tudo o resto é pressupostos. Paz para mim acho que é o mais, é o fundamental para um bom relacionamento.

An: Mais alguma ideia?

A: Sim, eu acho que é, não falando na palavra “discussão”, não no sentido que a discussão seja má ou negativa, porque a discussão pode ser uma coisa positiva, construtiva, simplesmente conversar, mas falando na palavra “conversar”, eu acho que é preciso saber conversar e conseguir conversar com outra pessoa, mutuamente não é? Sobre uma coisa qualquer sei lá, gosto daquilo estamos a passar vemos um quadro, gosto daquele quadro por causa disto ou etc, e consegue-se discutir um simples quadro. Se não conseguimos fazer isso não é, se duas pessoas não conseguem fazer isso quando chegam a um ponto que é sensível para os dois, quer dizer, não é, aí é impensável. E para além da questão do conversar acho que é preciso as pessoas saberem ouvir. Porque se não ouvirem aquilo torna-se um monólogo em vez de ser um diálogo e não se resolve nada. Ahm e depois é conseguir resolver o conflito, arranjar estratégias, mesmo que seja abdicar de algumas coisas, de parte a parte, tentar abdicar de algumas coisas. Falaste aí dos pressupostas, no caso em relação às questões de ser fiel ou não ser fiel, é um pressuposto mas eu acho que tem que ser falado, porque, tanto esse como outros, acho tem de ser conversado, tem de ser dito. Se é para funcionar assim, se é para funcionar assado, etc., etc. Eu conheço pessoas, tenho amigos meus que têm amigos, têm namoradas, e amigas que têm namorados que são coisas muito engraçadas, que eu acho, eu acho engraçado. Porque eles assumem aquilo 100% e as namoradas também, não é. Chegam à sexta-feira e vão sair com os amigos e depois telefonam, olha relação aberta a partir de agora. E eu acho aquilo fantástico. Quer dizer, é a partir daquele momento é relação aberta. Como é que isso é possível, explica-me lá como é que acontece? Como é que vocês conversam sobre isso, não é, quer dizer, como é que aceitam de um lado e outro. Ela tem relação aberta tem relação aberta, estamos em sítios diferentes e pronto, aquilo não me encaixa bem. Mas as pessoas combinam o que quiserem, inovação e criatividade é o que alguns querem.

F: É muita criatividade.

A: Mas lá está se se sentirem bem com isso tal como eu me sinto bem com as minhas, com os pressupostos que eu ponho e consigo conversar com os pressupostos da outra pessoa que às vezes não são iguais, as coisas vão fluindo e vão, vão-se concretizando. E acho que não as escapadelas mas as situações inesperadas às vezes são boas, fazer uma coisa assim de repente que a pessoa não está à espera, mas também não é preciso fazer muito, aliás não se deve fazer muito porque depois também às vezes quer-se que se faça a nós e fica-se ali à espera e a gente faz tanto e depois não há o mesmo do outro lado. E

às vezes não tem de haver, não tem de ser 100 retribuído no sentido que nós fazemos e parece que a outra pessoa... Mais... não sei, a questão de, do amor, quer dizer, acho que isso não, claro que é assinalável, mas é, isso sim acho que é capaz de ser um pressuposto muito grande. Isso é capaz de... também se fala muito mas acho que é capaz de ser um pressuposto muito maior. Falaste que tem de haver amor, acho que tem de haver a tal paz de, de perceber que as duas pessoas estão ali para um objectivo comum que é partilhar as suas coisas um com o outro e ir crescendo se for essa a intenção, de ir crescendo e ir ver, ir vendo no que é que aquilo dar. Pode dar numa coisa, pode dar noutra, pode não dar, pode. E não fazer grandes... não criar grandes expectativas. Falaste da questão do futuro, pronto, pensas muito mais para além de... ahm, eu também já fui assim mas depois comecei a reduzir um bocadinho porque o criar expectativas faz com que nós, pelo menos para mim, eu funciono assim, crio expectativas, depois esforço-me perante essas expectativas e aquilo quando não se concretiza

F: Tentas exigir mais de ti.

A: Eu exijo mais de mim e depois quando não se concretiza há um sentimento de frustração e depois por um lado começo a tentar exigir, ou penso que se pode exigir mais da outra pessoa. Acho que a criação de expectativas é um bocado complicado. Acho que se deve fazer um bocadinho, ahm... o dia seguinte, o dia seguinte, o dia seguinte, a semana, e depois quando a gente conheça a perceber que aquilo é para ser mais que a semana passa-se para os 15 dias, não sei é o que eu acho. Porque... o relacionamento que eu tenho agora, o namoro, eu não gosto... essa questão do relacionamento, essa questão de se passar do namoro para casal, a mim não me encaixa, eu quando for mais velho, que um dia serei, hei-de para sempre namorar, acho que foste tu que falaste nisso, haver sempre amor, haver sempre namoro mesmo dentro de relações mais de casal, de casamento, de união de facto, o que for, porque se não entramos na rotina de pensar que aquilo é adquirido, quer dizer, que temos para sempre aquela relação e que podemos sempre inovar porque depois não nos apetece porque aquilo é adquirido, quer dizer, a minha perspectiva é sempre mudar sempre as coisas para que as coisas se tornem diferentes todos os dias. Portanto não gosto muito dessa distinção apesar de se calhar existir. Mas eu ia dizer qualquer coisa que não era isto... Já me perdi... Se entretanto me lembrar...



An: Se não posso... (A: Sim, sim, sim.) Gostaria então agora que pensassem o que é que consideram mais difícil numa relação a dois?

F: Depende da pessoa, mas muitas das vezes é conversar. Conversa é sempre o mais difícil numa relação, se a outra pessoa for daquelas pessoas muito fechadas, não muito abertas, até conseguirmos puxar alguma coisa, até conseguirmos obter uma conversa, sem, porque há pessoas, deixem-me lá ver (S: Há pessoas que são caladas.) Sim, há aquela tipo de pessoa, por exemplo, o meu actual namorado era uma pessoa muito calada, muito reservada, pouco falava, e até eu conseguir obter uma conversa com ele e dizer-lhe assim, “não, fala comigo se não isto não resulta, para já porque eu falo muito. E então ele chegou a um ponto ele disse assim se eu não falar com ela está tudo estragado. Porque acho que é a base, é falar com a pessoa para podermos só... conseguirmos compreender a outra pessoa, o que se passa ou o que deixa de passar, aí está, fica a dita amizade que nunca se perde e tornamos a pessoa confiável, é a nossa pessoa de confiança, para mim o meu namorado é o meu melhor amigo, é a pessoa que eu quero chegar e poder desabafar tudo aquilo que eu quiser e é aquilo que eu quero também que ele faça comigo, não digo que não tenha outros amigos para contar mas alguém mais importante para mim será ele para desabafar. Acho que será para mim, a conversa, no meu caso.

J: Se calhar volto um bocado atrás, o difícil é não cair na rotina, mas isso também falo por mim que sou também um pouco tradicionalista e quando começo uma relação penso que seja para o futuro, também não consigo ver e aqui compreendo o que a C, o que a C diz que a malta mais nova são um bocado muito curtes e pronto, tudo muito muito passageiro, se calhar sou muito tradicionalista, vejo as coisas mais clássicas. E a dificuldade é não cair na rotina porque, porque pelo menos sempre me aconteceu ou acaba sempre por acontecer a gente habitua-se à situação, mas também é muito de mim sou um bocado (F: Fechado) não, não, nem é o ser fechado, é... é a questão da inovação, de inovar e fazer coisas diferentes, eu gosto muito de fazer mas sou uma pessoa muito ‘lazy’, como é que hei-de dizer... ahm... (F: Pensas mais antes de – imperceptível) um pouco por aí, penso muito, não dou um passo sem pensar se, no que é que estou a fazer

F: Se estás a fazer bem ou não. Não dás uma oportunidade de partir à aventura, não partes à aventura, preferes pensar, és mais pés no chão.

J: Exacto. Mas quando parto à aventura normalmente (F: Dás-te bem) dou-me bem, mas aí o difícil é não... o que eu queria dizer é: não gosto muito de arriscar, mas quando arrisco gosto. Pronto, a questão é mesmo, para mim o difícil é mesmo isso, é não... (F: É não cair na rotina). Pois.

32:52

An: Mais ideias do que consideram mais difícil.

S: Eu acho que se calhar numa fase inicial, o mais difícil... Se calhar vão havendo coisas mais difíceis ao longo... que vão sendo ultrapassadas. Não sei, porque, por exemplo, uma coisa que agora para mim já não é tão difícil mas se calhar no início era um pouco difícil era compreender, compreender se calhar, os limites ahm... um do outro, ou neste caso dele. Portanto, perceber, porque à medida que o tempo vai passando nós vamos conhecendo a outra pessoa. E há coisas como é óbvio que nós adoramos e gostamos na outra pessoa mas também é natural que existam coisas que nós gostamos mesmo. E às vezes se calhar torna-se difícil no início mas acho que é importante saber ultrapassar isso e se souber, se compreender, perceber, ele é assim, ou ela é assim e... e quanto a isso se calhar nada podemos fazer porque a pessoa é mesmo assim. Ahm e se soubermos, souber compreender bem isso, acho que as coisas vão-se, vai-se tornando menos difícil. Mas acho que pode ser um aspecto mais difícil no início de um relacionamento. Perceber que, que aquela pessoa, que o outro é mesmo assim e que se nós quisermos continuar e avançar, que temos de nos adaptar e moldar um ao outro e compreender que a outra pessoa é assim. É importante que as pessoas mudem algumas coisas, que se vão moldando um ao outro e que se vão aperfeiçoando mas o objectivo acho não é mudar tudo, acho que a pessoa é como é e nós temos que aceitar as diferenças e acho que pode ser um bocado mais difícil no início se existirem grandes diferenças. Mas claro que mesmo ao longo do tempo existem sempre coisas que nós não gostamos tanto e pode-se tornar, às vezes torna-se difícil mas se uma pessoa fizer um esforço. E indo-se buscar o conceito de namoro, acho que isso se resolve. Quanto ao que o J estava a dizer, não no meu caso, acho que não no meu caso é difícil mas o meu J, ele também é completamente assim, de jogar pelo seguro, e isso às vezes irrita-me profundamente, irrita-me profundamente, porque ele às vezes não dá um passo sem pensar em todos os prós e contras... eu acho que pronto, é interessante, mas pronto, acho que às vezes isso também pode-se tornar difícil... claro que é mais ele que é assim

mas estamos a falar de nós, portanto influencia-me a mim, influencia a ele influencia a nós, portanto é uma coisa que se calhar torna-se difícil, mas pronto, não é um obstáculo por aí além.

35:40

J: Eu queria dizer uma coisa no seguimento do que a S estava a dizer. No meu caso, no início o que foi difícil foi voltar a viver uma relação, porque tinha acabado de sair de um namoro prolongado e com um fim difícil, como acho que todos normalmente são, mas sabia-me bem estar sozinho, e então aí houve uma coisa que em mim nunca tinha acontecido, gostar de estar sozinho e depois ser difícil habituar-me, adaptar-me outra vez à... mas também foi uma coisa dos primeiros meses, acho que acaba por se resolver por si.

An: Ok, mais alguma ideia do que é mais difícil?

A: Acho que pegando um bocadinho no que a S disse, dentro do que eu possa pensar que é mais difícil, acho que mais difícil é nós darmos-nos a conhecer ao outro e por consequência e pegando também no que a F falou, a tal partilha, o conversar, o conseguir conversar, hum, e percebermos as características do outro quer dizer, eu não mas, pego no exemplo de outras pessoas que conheço, os meus pais e outros etc, chegam ao final de 25 anos, 30 anos, 40, 45 anos chegam à conclusão que não se conhecem, quer dizer, há facetas que não se conhecem, porque eles não dão a conhecer determinadas facetas, estão escondidas, porque querem estar muita escondidas, porque servem para estar muito escondidas, o que for, depois várias complicações, portanto há sempre qualquer coisa que nós não conhecemos, há sempre qualquer coisa que eu não conheço no caso da minha namorada e ela não conhece de mim e isso talvez seja o mais difícil, porque há sempre qualquer coisa que nós não dizemos há sempre qualquer coisa que é só nossa e não sai para o outro lado. Portanto, essa questão da partilha, para além do saber conversar, acho que é difícil. Depois pode levar a choques, muitos choques, conflitos, nomeadamente, personalidades diferentes, formas de ver as coisas, uma forma muito prática, lá está, uma forma muito de agir ou uma forma muito de pensar, ahm... Portanto, acho que são essas provavelmente as coisas que eu apontaria como mais complicadas.

38:08

S: Mas... Só completando... Acho que também... Disse que é difícil às vezes conhecermos... (A: Disse? Disseste!) (Risos) Disseste que é difícil nos conhecermos, mas também acho que é importante, não é dar tudo a se conhecer porque acho que se deve dar tudo a conhecer. Mas também acho que se torna fantástico as pessoas ao longo do tempo sentirem que ainda têm alguma coisa por conhecer. Porque se se conhece tudo depois... acho que nunca se conhece tudo, portanto, é importante...

Mas o dar-se tudo é muito difícil

S: Por isso é que, sinceramente acho que já me esqueci mas ainda outro dia o J me dizia uma coisa que eu não fazia ideia, eu já ne me lembro o quê mas eu não fazia ideia daquilo, portanto nós já namoramos há 13 meses e eu não fazia ideia de que aquilo se passava assim. Mas acho que é importante a gente ter sempre alguma coisa a conhecer. E acho que se torna...

F: Mas a maioria das pessoas quando não é escondem... é sempre mau... Não digo que seja para esconder mas quando não falam praticamente são defeitos que as pessoas têm e que não gostam que a outra pessoa saiba. Pode ser como pode não ser, mas a maioria das pessoas quando não fala é porque sabe que aquilo... Por exemplo, eu tenho os meus defeitos e falo dos meus defeitos à vontade. Uma coisa que eu sou é muito teimosa, teimosa acima de tudo... e não escondo isso. Mas há pessoas que têm defeitos e não gostam que as outras pessoas saibam.

A: E não conseguem falar deles, não têm forma de falar, não conseguem lidar com eles próprios.

F: É isso mesmo, como não conseguem lidar com eles, não os dizem. E acho que às vezes o facto de querermos conhecer mais, se calhar pode ser bom como pode ser mau. Depende da...

Do que for a conhecer...

S: Acho que no início é importante nós querermos mesmo conhecer. Acho que se não conhecermos minimamente a pessoa, acho que nem vale a pena, e se não tivermos intenção de conhecer. Mas esse conhecer, a partir de determinada altura passa a ser natural, já não é, “quero conhecer isto ou aquilo”, não, acho que isso já faz parte duma fase inicial. Esse conhecer que eu falava mais é... tipo, é... dizer uma coisa ou... não é

tanto eu gosto disto, mas eu faço isto depois do jantar, uma coisa assim desse género que a pessoa não sabia mas passa a saber, acho que é uma coisa natural, um conhecimento natural, inconsciente.

40:35

An: C, ias acrescentar alguma coisa? Se não tiverem... não são obrigados a responder todos a todas as perguntas.

C: Eu acho é que tenho uma perspectiva assim um bocadinho esquisita. Eu... sou um pouco passada da cabeça (risos). E, pronto, não se pode dizer que tenha um ambiente familiar que seja a melhor coisa do mundo. E sempre achei que o ser humano é uma coisa muito imprevisível... ahm... e acho que, acho que há sempre uma base, não é, e a partir daquela base a gente vai percebendo para onde é que a pessoa pode ir, mas acho que o ser humano é sempre uma coisa muito imprevisível. Por exemplo, vejo o meu namorado como ele é hoje em dia, e quando nós começamos a namorar ele não era assim. Completamente... e por exemplo, ele tem facetas em que é super protector, não em termos de ciúmes, mas em termos de pronto, eu tenho os meus altos e baixos, vá, não sou bipolar mas se calhar sou quase. Ele é muito em termos de ele é muito protector, mas quando eu estou melhor, a protectora sou eu. E não é pelo meu estado mas parece que toda a relação se transforma. Somos muito flexíveis nesse sentido, mas é uma coisa de feitios. Pronto, é uma coisa de feitios. Ele é muito passivo, super passivo, ele é daqueles, não, não vou dizer... ele é daqueles cachorrinhos que gosta de ficar em casa sentadinho a ver televisão, assim santinho, e eu não, eu sou um bicho de mato. E então temos assim períodos completamente diferentes. E temos formas de estar ao longo do tempo em que aquilo pronto, vai-se revezando, temos ali uns ciclos um bocado esquesitos. Nós costumamos dizer, nós somos uma história, eu conto a história, ele mete as vírgulas e os pontos finais e mete lá a gramática toda certinha. E pronto, para mim, eu acho difícil conhecer-se alguém... mas há uma coisa, eu no início tive, tive namoros, relacionamentos sérios, tive este que tenho agora e antes deste tive um rapaz, namorei com ele nove meses. E há uma coisa que é tipo o meu ritual de passagem, que eu sei quando consigo fazer aquilo é porque pronto, dada aquela minha visão de paz, é quando consigo mesmo estar em paz no relacionamento que é o silêncio, quando eu consigo estar em silêncio com alguém e não me sentir incomodada é porque estou bem, completamente. E isso no início é horrível, horrível (risos). Porque é aquela

coisa, uma pessoa não sabe como a outra pessoa reage, se ela fala pouco, se ela fala muito, se ela não está a falar porque eu não estou a falar, se ela não está a falar porque não gosta de mim, se ela não está a falar porque eu estou a dizer asneiras, se ela não está a falar por isto o aquilo ou aquelouto, quando eu consigo perceber porque ela não está a falar e consigo estar em paz com isso é perfeito, parece um mundo, está um sol perfeito, não há nuvens no céu, está maravilhoso. É aquele ritual de passagem, quando eu consigo, quando é possível estar em silêncio com alguém, não sei, é como se é suposto estar assim, está perfeito assim... não se mexe mais. E outra coisa quer eu acho muito difícil num relacionamento é acabar com ele (risos) porque, em vários aspectos (risos) porque quer dizer... porque... Como há pouco estavas, F, estavas a dizer que tiveste de chegar a uma altura e dizer, ok, ou estou habituada ou gosto mesmo dele, não é, porque é horrível uma pessoa pressentir que está habituada a alguém.

F: Principalmente para a outra pessoa, que não aceita...

C: Acho que é para os dois, quando nós pressentimos que estamos num relacionamento porque estamos habituados, eu acho que é horrível, acho que é horrível, porque é um hábito, é como beber café todas as manhãs, é... como é que uma pessoa sai dali. E depois é como é que vamos dizer a alguém que só estamos com ela por hábito, porque olha, é giro, anda, vamos sair, é para não estar em casa, acho que é horrível, e depois é acabar com um relacionamento porque não funciona mesmo, com este rapaz de nove meses, não funcionava. Eu acho que eu nunca, não sei, eu nunca vi ninguém lutar, nem eu nunca lutei tanto, nem agora eu lutei tanto por um relacionamento como naquela altura. Eu não sei, nós estávamos, nós parecia que queríamos os dois a mesma coisa mas aquilo era difícil de lá chegar, o ambiente era horrível, horrível e passámos por coisas, pronto, do arco da vida. E lutámos, lutámos, lutámos e chegámos a uma altura e tivemos um momento romantíssimo, muito romântico, e pronto, vá, acabou, vais para aquele lado e eu vou para este e não dá mais. E eu concordava e ele concordava e hoje somos os melhores amigos do mundo e eu trabalho, e faço turnos, e saio à meia-noite e vamos cear os dois, o meu namorado a dormir, e eu estou com ele na outra ponta, e conversamos e ele leva lanche e eu levo isto e levo aquilo pronto e estamos super bem, mas somos amigos e pronto, mas acabámos ali. E depois há aqueles relacionamentos que eu já vi, pronto, por acaso aconteceu com ele, outro relacionamento que ele teve, esse meu ex-namorado, aquilo foi horrível, eles não se falavam, era com brutas discussões, e eles não se falavam, e acho que hoje em dia se se olharem nos olhos, ainda

(imperceptível) andam à batatada, aquilo foi horrível. Mas acho que é muito mau acabar com um namoro, porque faz parte, acho que faz parte, faz parte de um namoro, e mesmo quando, mesmo aqueles namoros que duram para toda a vida, até a morte acaba com o namoro, acaba com aquele relacionamento. E é difícil acabar com aquilo, e aquelas pessoas que conseguem enviuvar e conseguem passar por aquele processo de luto enorme, e dizer, pronto ok, estás arrumado num canto e agora há uma pessoa nova. Acho que é daquelas fases num relacionamento, acabar com ele seja em qualquer relacionamento, é horrível, é super difícil.

46:27

An: ...

TAREFA

1:01:10

An: Há algum item (...) Há alguma área que não tenham compreendido ou que vos levante alguma dúvida?

1:04:35

An: Nós já falámos de algum... um pouco desta área, mas gostaria agora de perguntar que diferentes percursos pode uma relação de namoro tomar. Que diferentes percursos... Falámos ainda há bocado que pode terminar (risos).

A: Muito sinceramente não domino ... essa matéria. Acho que isso é flexível consoante as intenções das pessoas. Posso dar o meu exemplo. Conheci a minha actual namorada a determinada altura, passado um mês e meio comecei a namorar com ela, portanto houve ali uma proximidade muito fácil, muito... em que percebemos que tínhamos muito a ver em vários níveis, em várias coisas, tínhamos formas de pensar muito parecidas, muito semelhantes, não somos totalmente iguais e (...) e essa característica em comum mas tínhamos várias formas de pensar interessantes e conseguíamos falar, conseguíamos conversar, e nós começámos a ter aquela fase da atracção, e isso por mais estranho que pareça durou um mês, um mês e meio. E depois falámos dum compromisso, falámos dum namoro, portanto, o dizer a tal questão do conversar sobre o pressuposto que a partir de determinado momento iríamos ter um conjunto de características que era

namorarmos um com o outro, portanto, a questão da fidelidade, a questão de várias coisas; e porquê, porque sentimos que aquilo tinha algo mais, etc., e penso que aí talvez há uma mudança, obviamente, para mim, claro. A partir daí, as coisas estão muito mergulhadas na falta de rotina e no inesperado e etc. Portanto não sei que mais etapas é que poderá durar, é claro que há coisas diferentes, há... há... como é que eu hei-de dizer, há expectativas que vão mudando, uma relação mais íntima, não é, a primeira relação sexual, etc., etc., etc. Portanto, isso poderá passar a etapa. Mas eu acho que não... muda, muda bastante, mas eu acho que não é uma questão de etapa, é uma questão de ... a partir daí começamos a perceber se realmente queremos alguma coisa mais para além disto, se queremos continuar a apostar e a investir em nós e naquela pessoa, o nós que falavas há pouco, portanto sinceramente não consigo dividir bem a questão das etapas embora seja uma questão de senso comum, nascemos, crescemos, somos educados, e vivemos uns com os outros, seja com os pais, seja com os pais, começam as pessoas a conhecer-se, vêem que há ali qualquer coisa, têm aquele flirt, e aquela coisa e começam a perceber se vai se não vai, depois começam a assumir um compromisso, e depois de assumir o compromisso há outro patamar, que é a primeira intimidade mais séria, não é, e depois a partir daí poderá ser algo como pensar em juntarem-se, ou pensarem casarem, pensarem em assumir um compromisso com anel no dedo, como as pessoas quiserem fazê-lo. Agora eu não consigo viver isso e isso para mim, assim, não funciona... acho que é mais, muito mais flexível mas pronto.

1:08:30

S: Eu acho que essa questão das etapas, na minha perspectiva, se calhar, é um pouco encarado um bocado como uma escada, uma escada que se calhar não tem fim se o relacionamento nunca acabar e que tem fim ou não, que é uma porta, e cada um segue o seu caminho, não é, seguem outras escadas que se cruzam não sei, ou então... mas mais uma escada, sim, em que, e acho que... ahm... não sei se... há dias, a propósito do dia dos namorados, dessa maluqueira, vi uma revisa na minha avó, estava lá a falar, a Maria, que é fidedigna, de certezinha, como é óbvio não é (risos) falava lá de três únicas etapas, e aquilo é uma coisa espectacular, que é a primeira que é o conhecimento, depois há uma atracção sexual e depois, depois porque falava a propósito das hormonas que é uma coisa que eu por acaso não sabia se calhar eles até têm razão naquilo que dizem, não sei, porque há hormonas que estão mais (aos saltos) não sei se é aos saltos, estão mais (activas) activas, exacto, e que são hormonas diferentes, e eu não sabia, mas é, não



é? (risos) Bem, a An não... mas pronto, eu hei-de me informar melhor (risos) mas que são portanto, eles falavam lá mesmo nos nomes... não sei se aquilo é verdade, ou não, mas até deve ter alguma, alguma verdade nessa coisa. Há hormonas que estão mais, há umas hormonas que são mais em relação a questões sexuais, há muitas hormonas, há hormonas para tudo. E falavam lá de hormonas... Mas falava lá em três etapas, e eu sinceramente não... achei aquilo um bocado parvo, dividir aquela coisa assim em três...

C: Mas estamos a falar de etapas ou estamos a falar de... como é que eu hei-de dizer, do encadeamento?

F: Percursos... Acho que fugimos um bocado à pergunta.

An: Eu acho que podemos ir por aí, embora eu goste de ouvir o que vos vem logo à cabeça.

S: Mas a An perguntou etapas...

A: Não, eu é que falei em etapas, porque pensei em percurso... portanto, começa numa altura e depois tem um determinado percurso.

1:10:48

An: Mas também chegaste à parte, em relação... falaste depois de várias hipóteses em relação ao futuro.

S: Mas um percurso é um caminho, eu por acaso falei numa escada porque acho que vamos subindo e vamos crescendo, ahm... e acho que é como o A disse, portanto no início é muito conhecimento, acho que as pessoas têm de se conhecer, quer dizer, há... pelo menos no meu caso, no meu caso em que tive apenas um relacionamento antes, dois, três (risos e comentários) Não, não, porque há um que eu quase nem conto, (F: Coitadinho) Não, não! Coitadinha de mim!

An: Não querendo cortar muito o vosso pensamento, mas também porque estamos com pouco tempo, também começámos um bocadinho mais tarde, que se pudessem concentrar... eu gostei da palavra que usaste, andamento, quando falámos em percurso (...) que diferentes futuros é que podemos dar a uma relação? (...) Portanto o que é diriam agora, não terminando a relação, para onde é que isto pode ir?

F: Casamento, filhos...

J: Constituição de família, o tradicional, digamos assim, se bem que não necessariamente. Da história que tenho, tudo acabou em grandes amizades, que depois também na prática não se tornaram grandes amizades, por diversas razões, acho que na minha opinião, uma relação quando acaba, o percurso a seguir epá... e fico contente que tu com o teu anterior namorado (Cária: eu também) sejam grandes amigos (A: E acabaram de forma romântica! E ainda dizes que é difícil acabar!) (risos). Mas acho que...

An: Portanto, há essa forma tradicional, estavas a dizer, e outras formas não tradicionais.

J: Acho até que a relação pode até nem sair do namoro.

F: Não, saem sempre, saem sempre do namoro. Há pessoas que, aí está, mais tarde ficam com os filhos e os namorados até se vão embora, isto também porque são inconscientes e querem ter filhos e acham que agarram um homem, hum... portanto... mas tradicional é sempre a mesma, é casar, ter filhos e viverem felizes para sempre.

S: Tradicional, eu acho que tradicional não é nada disso...

A: Eu não gosto disso...

C: Eu acho que isso é conto de fadas.

F: Tradicional é até à altura dos nossos pais, se nós formos a ver eles é que tinham aquela vida em que divorciar antigamente era impensável.

S: E porquê? (não sei, era aquilo que era-lhes incutido) Eu acho que não era porque eram muito felizes...

F: Eu também não acho que eram felizes e que haja ali muito amor, mas acho que era aquilo que era incutido...

1:13:52

C: Eu acho é que a mulher baixava a cabecinha e o homem punha os pés em cima da mesa e dá cá uma bjeca, (bate com a mão na mesa) e ela fazia tudo e mais alguma

coisa... Acho que uma relação pode ir para tudo e mais alguma coisa. Pode ser, pode ser maravilhoso e pode ser uma daquelas relações inspiradoras, como já vi em alguns dos meus colegas. Pode ser daquelas relações que nos fazem sair de casa e dizer, eu não quero ser assim. Pode ser daquelas relações que acabam como aquela no Monte da Caparica, ele chegou lá, esperou por ela e matou-a, pronto (imperceptível). Acho que uma relação pode ter tudo e mais alguma coisa.

F: E depois isso tem a ver com as pessoas. Não vale a pena (...) Há essa, há a outra também ali, onde é que era, Sarilhos Pequenos ou Sarilhos Grandes, que ele chegou e esfaqueou-a. (An: Isto vai ficar tudo gravado!) (risos) Não é que, pode acabar de diversas maneiras, (A: Esta parte não transcrevam) aí está, não acaba só como ela diz, como nos contos de fadas. Como pode acabar de muitas maneiras. Isso depende de todo o amor que há na outra pessoa. Há o amor doentio, há o amor obsessivo, e esse amor não é saudável, eles consideram amor mas não é saudável.

S: E aí, aí podia-te fazer uma pergunta e ficamos aqui a noite toda e encomendamos pizzas, que é, o que é o amor? (risos)

F: É que nunca ninguém vai saber responder.

C: É por isso que é preciso pizzas e a noite toda. (risos)

A: Isso não é a noite toda, é a vida inteira. Para chegar aí é a vida inteira, não é? E estamos lá quase a estremecer e quase a ir desta para melhor e se calhar ainda não chegamos lá... Eu fui o primeiro, quando perguntaste eu fui o primeiro a falar e acho que confundi um bocado as coisas, falei nas etapas, porque pensei que fosse por aí que quisessem, no caso que quisesse ir mas... e para mim, realmente, as coisas não têm de ser rígidas, não é começar de determinada, não é como a Maria dizia, não era, a revista dizia? (risos) A Maria dizia: começa assim, começa assado, e não sei o quê, e então, hoje em dia mas também na minha altura, e também na altura de pessoas mais vidas, isso já não existe com a banalização do que é uma relação, e com a banalização do que é, banalização boa ou má, do que é o sexo, do que é a diferença entre sexo e fazer amor, não é, isso também dava uma grande discussão, isso seria uma discussão interessante. Mas acho que acima de tudo a questão do percurso é cada um ter as suas expectativas, e ver as expectativas, portanto as expectativas individuais e as comuns, que são diferenciáveis, não são coisas que se possam juntar numa forma, automaticamente. Eu

dou um exemplo, depois há outras questões que é as expectativas individuais às vezes não são comuns e portanto de repente aquilo acaba. Eu tenho um amigo meu que foi para África e que por acaso vai outra vez amanhã, que passou lá dois meses há dois anos, fazer voluntariado. E tinha cá namorada e não sei quê, que por acaso é irmã da minha namorada. E então é muito engraçado porque, aquilo antes de ele ir embora foi, e eu venho e continuamos e etc., e na na na. Pronto ok, quer dizer, cada um sabe de si. E eles andaram lá até à última, até ao último minuto a tentar segurar a coisa, etc. Ele voltou passado dois meses ou três meses, e depois a coisa continuou, e entretanto de um dia para o outro mandou-lhe uma mensagem a dizer, já não, já não gosto de ti, ou qualquer coisa assim. Pronto, e depois tenho confiança suficiente com ele e falei com ele, mas também não vou estar aqui a falar sobre isso. Mas é estranho este tipo de coisas, não é, as pessoas depois, no caso dele vivem outras experiências completamente diferentes, completamente diversas do que eu vivi, não sei se vocês viveram qualquer coisa do estilo, de ir para outro país, de estar em condições um bocado diferentes das nossas, eu um dia gostaria de fazer isso, mas viveu isso tão intensamente que aquilo mudou-lhe a mentalidade completamente sobre o que é que era a perspectiva dele, sobre a expectativa individual e aquilo mudou portanto, o conjunto depois mudou e ele achou que a melhor forma de fazer era, não com rosas (risos), não com romantismo, mas chegar lá e dizer... ela ficou bastante mal com isso, e ele também, mas pronto... E portanto, depois é conseguirem lidar com isso. A outra parte que não é o conto de fadas, é nós conseguirmos criar se quisermos esse conto de fadas, porque eu acho que os contos de fadas são contos, não é, nós podemos é criar a realidade das nossas fadas, que é, fazer com que as coisas se realizem consoante as nossas intenções, e conversar com o outro e saber se as intenções são as mesmas, por exemplo, eu, seja com a minha namorada, seja com outra pessoa, não sei como é que isto vai dar, não é, mas a minha expectativas neste momento é, eu neste momento ainda vivo com a minha mãe, portanto é, viver sozinho, a minha expectativa é viver sozinho, e não há hipótese de haver casamento ou haver união de facto, ou haver o que é que for, antes de eu perceber o que é ter as minhas expectativas individuais só eu, sem sem outras pessoas no meu ambiente familiar mais próximo. E depois a partir daí pensa-se sobre o que, penso eu, sobre o que é que hei-de fazer individualmente e depois conversa-se etc., etc., etc... ahm... Em relação ao casamento, depois há aí a discussão do casamento pela igreja, ou não pela igreja, etc. etc., podem também ser duas vias diferentes, não é, casar com a palavra de Deus, ou casar sem a palavra de Deus, ou com a palavra do Estado, etc., etc., são coisas

diferentes e têm importância diferentes. E há pessoas que uma quer, a outra não quer, e depois como é que gerem isso, se vão encontrar um equilíbrio, se não vão, se vão para um lado se vão para outro, isso é interessante também. Mas lá está, nestes percursos acho que é tudo tão flexível, porque depende das crenças de cada um, depende das expectativas de cada um, depende se realmente chegam à conclusão de que aquilo é para ir para a frente, se não é para ir para a frente, não sei. Acho que é mais comum a divisão de etapas, se os especialistas entenderem fazê-lo, não é, que acho que é um bocadinho, que gera muita confusão, gera muita discussão.

1:20:03

An: Ok. Pegando em algo que também falaste, que há a visão mais talvez tradicional do casamento mas hoje em dia há casais que optam por ir viver juntos, quer isso depois se traduza num casamento a seguir ou que façam isso por outras coisas. E gostaria de vos ouvir um bocado sobre a vossa ideias ou ideias que vocês ouçam de razões que levam as pessoas hoje em dia a coabitar, a viverem juntos.

F: É assim, neste momento estou a viver junta. Passado quatro ou cinco meses, também já tinha casa, comprei, lá está, fiz aquilo que ele queria, comprei uma casa sozinha, comecei a viver sozinha, é muito agradável, e acredita que é muito bom ter o teu espaço. (A: Estou ansioso!) Nisto tudo, começamos a namorar, antes de eu começar com ele já o conhecia também, passado um tempo, pronto, aí está, começa lá a dormir uma noite, vai uma, vais duas, vai três, pronto, começou a viver lá. Neste momento já estou a viver com ele há nove meses, e a sensação é, neste momento estou a gostar. É completamente diferente dum namoro, viver juntos e namorar, porque uma coisa é a gente dizer assim, olha está bem, pronto, beijinho beijinho, até amanhã, xau-xau, pronto, acabou, neste momento, nós temos as ditas tarefas, chegamos a casa, eu tenho as minhas tarefas, ele tem as dele, não há aquele conflito, de dizer assim, “não, tu fazes isto, eu faço aquilo, não eu acabei de chegar do trabalho, estou cansada”, não, há compreensão que é necessária para as coisas darem, porque se não, se não houver a dita compreensão, acho que foste tu que falaste há bocado, não foi, C, ou foi o J que falou de compreensão (J: Acho que foi a S!) (risos) Pronto, alguém falou, e é necessário mesmo a compreensão, de dizer, estou canso, espera aí, hoje faço eu o jantar, há diferenças, há muitas diferenças.

J: Eu queria só... eu neste momento também já estou a viver há muito menos tempo do que tu, desde Dezembro, mas quer dizer, foi o passo, como é que eu hei-de dizer, o passo lógico depois de alguns, vá de alguns meses de fica lá a dormir, não fica lá a dormir, depois voltas a casa, e pronto, como a minha namorada já vivia sozinha, ahm, já praticamente desde que a gente começou a namorar, foi digamos o passo lógico. As expectativas que tinha para com a... para com o que tenho quer dizer, no fundo foram correspondidas. Simplesmente é uma coisa difícil que tem de ser levada dia-a-dia, semana a semana, se a gente gosta temos que, não é o sacrificar, eras tu que dizias no início que tem que haver, tem que sacrifício, e por outro lado também tem que haver, como eu disse, a individualidade. Talvez o mais difícil mesmo é manter (F: A estabilidade) a estabilidade e haver a noite só para raparigas e a noite só para rapazes, pronto, e manter isso, que é talvez a parte mais difícil.

S: Talvez o manter o três, o eu, o tu e o nós.

F: Eu por acaso felizmente posso dizer que consigo manter, para já porque ele tem um bar, e à sexta e sábado ele está sempre lá para o controlo como é óbvio. Então sexta e sábado é meu (risos). É que nem sequer apareço lá no bar dele, raramente lá vou, e tenho as minhas noites, portanto... é a maneira dele poder, apesar dele estar a trabalhar também se consegue divertir porque está com os amigos e eu vice-versa, portanto, eu posso dizer que tenho o eu, o tu e o nós.

An: Eu gostaria muito de vos continuar a ouvir mas por questões de segurança ter de fechar a faculdade e eu não querer que vocês passem aqui a noite, gostaria para terminar que pensassem numa frase ou algumas ideias-chave, de conselhos que dariam a amigos vossos que estão a namorar e que querem ter uma relação digamos, bem sucedida no futuro. Portanto, que conselhos é que vocês lhes dariam?

J: Posso começar eu, e estou a pensar numa pessoa em específica, num amigo em específico para dar conselhos. Portanto, os conselhos que vou dar são um pouco direccionados para o caso em si, acho que, e por acaso é uma pessoa que não esteja a começar a namorar, é alguém que já vem ao longo dos tempo a cometer os mesmos, constantemente os mesmos erros, acho que deve haver, individualismo a mesmo. Passei o tempo todo a dizer que tem de haver algum individualismo, mas naquele caso, é isso, é sempre a questão da partilha e de saber o eu, o tu, e o nós. Acho que o conselho que eu

daria a alguém que estivesse a começar era respeitar a outra pessoa, respeitar as opiniões da outra pessoa e saber conjugar as coisas. Claro que isto é um conselho que toda a gente dá e depois é ultra difícil (risos) mas pronto.

C: Eu dava um que dá para tudo e mais alguma coisa. E acho que... o meu pai sempre me disse isto e pela minha visão às vezes racional das coisas e sei que se não fizer isto causa consequência, ou acção consequência, eu faço isto, pronto, dá isto, ou seja, eu tenho um papel activo na minha vida, o meu pai sempre me disse, tu deitas-te na cama que fazes, se a fizeres bem é fofinho e quentinho, se a fizeres mal não é, é duro. Por isso eu acho que as pessoas têm de saber o que fazem, porque o relacionamento entre duas pessoa não, como é que eu hei-de dizer, os ... eu acho, os sentimentos não é matemática, não são matemática, não é dois mais dois são quatro, porque tal como o teu amigo foi para África e as coisas mudaram completamente, tal como aqueles relacionamentos à distância se as pessoas não investirem aquilo não funciona, e há outros também que investem e aquilo não funciona também mas pronto. Acho que nós, todas as pessoas têm um papel muito activo na própria, na sua própria vida e se não lutarem por aquilo que querem, seja uma coisa banal como, vá, dizendo, tirar um curso, porque basta nós estudarmos, (imperceptível) mas basta nós estudarmos (risos), um relacionamento tem aquela magia e pode facilitar um bocadinho as coisas, porque há aquela magia e as coisas correm bem, um sorrisinho aqui, um olhar ali, mas se não houver investimento as coisas também não vão durar, por isso acho que o meu conselho é mesmo, tu deitas-te na cama que fazes.

F: Acima de tudo respeito... pela outra pessoa.

S: Acho que, é como se fosse, acho que eu diria a uma ou outra pessoa que, portanto tudo começa por ser como se fosse uma semente que vai crescendo e que pode não crescer, não é, e que uma pessoa tem de estar sempre à espera de tudo e de nada. Mas, e portanto é uma semente que vai crescendo e para mim, na minha opinião, tem de ser constantemente regada, e esse regar não é mais que o namoro que para mim, se as coisas foram para, se for para durar, tem de existir sempre, para o resto da vida.

A: Pegando um bocadinho no que a C dizia e complementando o que a S disse, a questão do investir e a questão do regar, aliás, investir num namoro regando esse namoro, não é. Mas eu acho que... tendo em conta que as pessoas vão-se começando a

conhecer, e não se conhecem totalmente e há coisas diferentes etc., é preciso saber investir e é preciso saber regar. Não é regar tudo de uma vez, assim aos bocadinhos, se damos o saco de rebuçados todo, o doce depois vai-se embora, e quando damos um doce, cada um sabe a doce. Dizendo isto, porquê, acho que não se deve cair na rotina, acho que se deve ser inesperado, mas não demasiado, se não deixa de ser inesperado e aquilo passa a ser a rotina. A partir do momento em que as coisas são demasiadamente feitas ou são feitas várias vezes a mesma, coisa, ou coisas diferentes mas da mesma forma, aquilo torna-se a rotina. Acho que acima de tudo é deixar-se a rotina de lado.